



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SOLANGE REGINA DA SILVA

VIAGE DE ESPAÑA (1772-1794): o projeto ilustrado de Antonio Ponz

RECIFE

2022

SOLANGE REGINA DA SILVA

VIAGE DE ESPAÑA (1772-1794): o projeto ilustrado de Antonio Ponz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Teoria da Literatura

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola

RECIFE

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

S586v Silva, Solange Regina da
Viage de España (1772-1794): o projeto ilustrado de Antonio Ponz / Solange Regina da Silva. – Recife, 2022.
131f.: il.

Sob orientação de Alfredo Adolfo Cordiviola.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

Inclui referências.

1. Ilustração. 2. Literatura de viagem. 3. Antonio Ponz. 4. *Viage de España*. I. Cordiviola, Alfredo Adolfo (Orientação). II. Título.

809 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2022-126)

SOLANGE REGINA DA SILVA

VIAGE DE ESPAÑA (1772-1794): o projeto ilustrado de Antonio Ponz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Teoria da Literatura

Aprovada em: 12/05/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dr^a. Karine da Rocha Oliveira (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dr^a. Amanda Brandão Araújo Moreno (Examinador Externo)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Pernambuco e à CAPES, por acolherem essa investigação, oferecendo os recursos e ferramentas necessárias à execução da mesma.

Ao Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola, pela orientação e pelos valiosos ensinamentos que se construíram desde a graduação e permanecem até hoje, permitindo e contribuindo sempre para que meus horizontes como pesquisadora fossem ampliados. Deixo aqui registrada minha grande admiração pelo extraordinário profissional e acadêmico que é.

À professora Dra. Karine da Rocha Oliveira, pelo apoio constante ao longo deste percurso, por sua leitura atenta e posicionamento crítico dado ao meu trabalho no exame de qualificação e agora, por integrar a banca de defesa da dissertação.

À professora Dra. Amanda Brandão Araújo Moreno, por aceitar o convite para participar da composição da banca como membro avaliador externo da defesa desse trabalho.

Aos professores das disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Letras, que foram essenciais para a minha formação acadêmica.

À professora e querida amiga Dra. Elizabeth Araújo do departamento de Oceanografia da UFPE, e o professor Dr. Cristiano Ramalho do departamento de Sociologia da UFPE por terem me incentivado a dar o pontapé inicial nessa jornada.

Aos companheiros de classe, que de maneira virtual, devido a pandemia da Covid-19, enfrentaram junto comigo uma jornada de aulas e trocas online, em especial, a Isabela Lapa e Deividy Ferreira, agradeço por todas as partilhas, companheirismo e carinho.

Às colegas, Isabela Tavares e Mirele Otaciano, pelo carinho e por partilharem comigo suas experiências anteriores me incentivando a participar da seleção do PPGL.

Aos amigos que torceram durante esse processo constante de aprendizagem por mim e pelo meu sucesso, em especial, Wilhermus Janssen e Anna van Roy que sempre me apoiaram e enviaram da Espanha vários livros para auxiliar as minhas leituras e pesquisa.

À Elaine Gomes, que é um exemplo de pesquisadora para mim, pelos ensinamentos, amor e apoio que foram diários e fundamentais para a concretização desse trabalho.

À Piaf, pelo amor e pela companhia (grude) em todos os momentos durante as horas de estudo.

Aos meus familiares, minha grande torcida, em especial meus pais Maria Silva e Arnaldo Silva, meus grandes exemplos, que sempre me mostraram o valor da educação.

“Os dias são bem longos, nada me perturba a reflexão, e a visão da paisagem magnífica à minha volta não desaloja em mim o senso poético; bem ao contrário, acompanhada do movimento e do ar livre, ela o suscita com tanto maior rapidez”. (GOETHE, 1999, p. 26).

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a obra *Viage de España en que se da noticia de las cosas mas apreciabeles, y dignas de saberse, que hay en ella* (1772-1794), do escritor Antonio Ponz, e investiga de que modo se fazem presentes características do pensamento ilustrado, próprio da época nos relatos do autor. A obra em questão é reconhecida como uma das mais completas obras ilustradas do século XVIII espanhol, sendo, portanto, um material rico para ampliar a visão sobre o iluminismo e sobre a literatura de viagem. Para tanto, analisam-se as cartas que compõem a obra, compreendendo-as como escritos que denotam aspectos com ênfases nos ideais iluministas. Assim, a partir desses relatos, que rememoram e oferecem um detalhado informe sobre monumentos, conservação e estado do patrimônio público e artístico, obras de artes, costumes, geografias, paisagens e arquitetura de cada local visitado, evidencia-se uma representação da Espanha naquele momento. Reflete-se ainda sobre a relevância do século XVIII para a história, indicando elementos que converteram o viajante em um observador capaz de transmitir dados úteis. Nesse estudo, leva-se em consideração a relevância da obra *Viage...*, que figura como um modelo para os demais viajantes, e demonstra-se que as principais características do pensamento ilustrados estão ligadas à consolidação do gênero da literatura de viagem. Isso porque nesse momento analisado, na segunda metade do século XVIII, os indivíduos eram guiados pela ciência e pelo progresso, além de compreenderem a viagem como um instrumento político e essencial para as artes visuais. O apoio teórico que guia este estudo e seu trajeto conta com as contribuições, entre outras, de Delgado (2008), Bolufer (2007) e Pascual (2007), no que diz respeito às viagens, viajantes e relatos; por meio do pensamento de estudiosos como Chiaramonte (1987) e John Lynch (1990), busca-se pensar a Ilustração; Valdeón (1987) e Maciá (1990), para compreender aspectos relativos à obra; assim como Winckelmann (1975) e Goethe (1999), para pensar os pressupostos estéticos. Constata-se que Ponz, envolvido com as concepções e os ideais do momento, consegue, por meio dos seus escritos, expor suas valorações críticas sobre a realidade espanhola e contribuir para o progresso do país.

Palavras-chave: Ilustração; Literatura de viagem; Antonio Ponz; Viage de España.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objeto de estudio la obra *Viage de España en la que se da noticia de las cosas mas apreciables, y dignas de conocer, que hay en ella* (1772-1794), del escritor Antonio Ponz, e investiga de qué manera, características del pensamiento ilustrado típicos de la época están presentes en los relatos del autor. La obra en cuestión es reconocida como una de las obras ilustradas más completas del siglo XVIII español, siendo, por tanto, un material rico para ampliar la visión de la Ilustración y la literatura de viajes. Para ello, se analizan las cartas que componen la obra, entendiéndolas como escrituras que denotan aspectos con énfasis en los ideales de la Ilustración. Así, a partir de estos informes, que recuerdan y ofrecen un informe detallado sobre monumentos, conservación y estado del patrimonio público y artístico, obras de artes, costumbres, geografías, paisajes y arquitectura de cada lugar visitado, es evidente una representación de España en esa época. Reflexiona sobre la relevancia del siglo XVIII para la historia, indicando elementos que convirtieron al viajero en un observador capaz de transmitir datos útiles. En este estudio se tiene en cuenta la relevancia de la obra *Viage ...*, que aparece como modelo para otros viajeros, y se demuestra que las principales características del pensamiento ilustrado están ligadas a la consolidación del género de la literatura de viajes. Esto porque en ese momento analizado, en la segunda mitad del siglo XVIII, los individuos se guiaron por la ciencia y el progreso, además de entender el viaje como un instrumento político y esencial para las artes visuales. La orientación teórica que guiará este estudio y su trayectoria se apoya en los trabajos, entre otros, de Delgado (2008), Bolufer (2007) y Pascual (2007), en cuanto a viajes, viajeros e informes; a través del pensamiento de estudiosos como Chiaramonte (1987) y John Lynch (1990), buscamos pensar la Ilustración; Valdeón (1987) y Maciá (1990), para comprender aspectos relacionados a la obra; así como Winckelmann (1975) y Goethe (1999), para pensar en los presupuestos estéticos. Se atestigua que Ponz, involucrado en las concepciones e ideales del momento, logra, a través de sus escritos, exponer sus valoraciones críticas de la realidad española y contribuir al progreso del país.

Palabras clave: Ilustración; Literatura de viajes; Antonio Ponz; Viage de España.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Gaspar Melchor de Jovellanos, un de los mejores consejeros de Fernando VI, Carlos III e Carlos IV.....	32
Figura 2 -	“Expulsión y embarque de los jesuítas de los Estados de España, por orden de S. M. C, el 31 de marzo de 1767”	40
Figura 3 -	José Odriozola. Carlos III funda las colonias de Sierra Morena.....	41
Figura 4 -	Real Cédula decretada por Carlos III que obligava a usar el castellano en el Reino de Aragón.....	42
Figura 5 -	Mapa da Espanha no século XVIII	55
Figura 6 -	Atribuído a François Ligier, Vista de Valencia desde el camino del Grao, 1801, Aguada. Museo Nacional d’Art de Catalunya.....	65
Figura 7 -	Gaspar Ariaanz Van Wittel (Vanvitelli), Piazza Navona, Roma,1699.....	66
Figura 8 -	<i>Viage de España</i> (1772-1794)	69
Figura 9 -	Antonio Carnicero – Manuel Salvador Carmona, Retrato de Antonio Ponz, en <i>Viage de España</i> , tomo XVIII,1794.....	69
Quadro 1 -	Itinerário das cidades e regiões percorridas por Antonio Ponz.....	74
Quadro 2 -	Anos das edições e reedições da obra <i>Viage de España</i>	76
Figura 10 -	Capa da primeira edição de <i>Viage de España</i> (1785)	79
Figura 11 -	Itinerário de Ponz pela Europa (1783)	79
Figura 12 -	Vista do Monasterio do El Escorial.....	94
Figura 13 -	Puente de Alcántara.....	101
Figura 14 -	Maneras de viajar en España, de Alexandre de Laborde, <i>Voyage pittoresque et historique de l’Espagne</i> , 1806-1820.....	103
Figura 15 -	Acueducto de Segovia, en Alexandre de Laborde, <i>Voyage pittoresque et historique de l’España</i> , 1806-1820. Grabado.....	106
Figura 16 -	Mapa da cidade de Valladolid.....	111
Figura 17 -	Torre da catedral da cidade de Valladolid.....	111
Figura 18 -	Catedral da cidade de Burgos.....	113
Figura 19 -	Planta arquitetônica da cidade de Burgos.....	113
Figura 20 -	Vista atual da cidade de Salamanca.....	115
Figura 21 -	Ponte da cidade de Córdoba.....	119

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2	PENSANDO O SÉCULO XVIII: ILUSTRAÇÃO E CONJUNTURA POLÍTICA	21
2.1	ESPAÑA, DECLÍNIO E DECADÊNCIA.....	32
3	LITERATURA DE VIAGEM: GÊNERO, MUNDOS E DIVERSIDADES NO SÉCULO XVIII	43
3.1	O OLHAR DOS VIAJANTES: ANTONIO PONZ E OS ESTRANGEIROS NA ESPAÑA	53
4	ANTONIO PONZ, LITERATURA DE VIAGEM E PROJETO ILUSTRADO.....	64
4.1	IMAGENS DA ESPAÑA DO SÉCULO XVIII.....	82
4.2	VIAGE DE ESPAÑA: DESLOCAMENTOS E IMPRESSÕES	90
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS.....	128

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho busca estudar a obra *Viage de España, en que se da noticia de las cosas mas apreciables, y dignas de saberse, que hay en ella*, do autor espanhol Antonio Ponz Piquer, publicada na Espanha entre os anos de 1772 e 1794, pela prestigiosa editora de Don Joaquin Ibarra. O projeto que em teoria tratava-se de um inventário do patrimônio artístico espanhol na prática seria usado para contribuir para a reforma, pautada no conceito de utilidade próprio da Ilustração. A grande intenção do autor era identificar necessidades e carências em diferentes âmbitos do território espanhol, coletando informações que logo permitissem planejar ações de melhorias. Trataremos aqui de compreender e verificar os ideais iluministas pensando e contextualizando toda a complexidade que o século XVIII propõe para o mundo hispânico. Nesta perspectiva, tentaremos responder à seguinte indagação: de que forma os ideais de progresso típicos da Ilustração se entrelaçam na narrativa de Antonio Ponz, em sua obra *Viage de España* (1772-1794), pensando o que significava viajar no século XVIII?

Antes de tentar responder a essa questão, é importante dedicar algumas palavras para explicar como nasceu a iniciativa dessa investigação. A partir de uma vasta reflexão sobre a Ilustração e seus pensadores, me deparei com a obra *Viage de España* (1772-1794) do autor espanhol Antonio Ponz, desconhecido para mim até o momento, mas que logo de início me chamou atenção pelo fato de sua obra ser considerada uma das maiores do Século das Luzes espanhol e por estar composta por volumes que contem detalhadas descrições de várias regiões da península ibérica, regiões que de certa forma me são familiares, pelo tempo que vivi na Espanha e as viagens que realizei pelo país. Outro aspecto que me levou a decidir e pensar em escrever algo possível a ser transformado em um projeto de pesquisa de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, foi que a partir de um pequeno levantamento realizado, descobri que o autor espanhol e a obra eram pouco conhecidos e estudados no Brasil, foi quando escolhi estudá-los acreditando que minha investigação pudesse, de alguma forma, contribuir para a divulgação e reconhecimento da obra e do seu autor. Um ponto que me causou grandes inquietações e curiosidades foi o fato de a obra pertencer ao gênero da Literatura de Viagens, por ser híbrido e que engloba diferentes conteúdos, o que sempre ou quase sempre obriga a centrar-se em algum ponto.

Iniciando os estudos sobre o autor, a obra e alguns conceitos selecionados, realizamos um estudo detalhado sobre a figura de Antonio Ponz e *Viage de España*. Dedicaremos algumas palavras a título de introdução e aprofundaremos mais adiante no capítulo quatro intitulado “Antonio Ponz, literatura de viagem e projeto ilustrado” onde trataremos com mais detalhes a

biografia e a obra, buscando entender a Ponz como um produto do século ilustrado espanhol.

A maioria das informações disponíveis sobre Antonio Ponz são as que foram escritas pelo seu sobrinho José Ponz Nepos, que escreveu sobre a vida do tio, completando e publicando o último volume da sua obra, o tomo XVIII. Neste tomo, José Ponz, informa sobre as origens de Ponz, sua vida e trajetória. Segundo seu sobrinho, o escritor valenciano Antonio Ponz Piquer (1725-1792), autor da obra estudada, *Viage de España* (1772-1794), nasceu em Bejís na cidade de Valência, no dia 28 de junho de 1725 e faleceu em Madri aos 67 anos no ano de 1792. Foi erudito, pintor, viajante e escritor, começou seus estudos no Seminário de Segorbe, local que era dirigido pelos jesuítas. Logo estudou na Universidade de Valência a carreira de Filosofia e Artes, teve uma excelente educação, filho de ricos latifundiários, foi uma figura essencial na política cultural borbônica, tendo trabalhado para o governo espanhol em várias ocasiões. Realizou seu Grand Tour¹ para a Itália onde esteve durante vários anos em contato com o ambiente artístico e cultural do momento, onde conheceu várias personalidades importantes.

Foi no ambiente de reformas que Antonio Ponz produziu *Viage de España* (1772-1794), cujo título completo é *Viage de España en la que se da noticia de las cosas mas apreciables, y dignas de conocer, que hay en ella* (1772-1794), que contém 18 volumes publicados entre os anos de 1772 e 1794. Na obra o autor relata minuciosamente a partir das viagens que realizou pelas terras espanholas, todas as coisas que viu. A pedido do conde de Campomanes, tudo começou com uma viagem pela região da Andaluzia, para catalogar os bens artísticos da extinta Companhia de Jesus, mais tarde estendeu o percurso para grande parte do território espanhol, surgindo assim sua obra, uma espécie de guia cultural e artístico que oferece um inventário de monumentos e relatórios sobre o estado em que se encontrava seu país no que diz respeito aos mais variados aspectos, apoiado nos parâmetros do Iluminismo e sem deixar de apontar o estado de decadência que se encontrava seu país.

Antonio Ponz foi um grande observador, um homem de vastíssima cultura. Durante seu percurso pelas regiões da Espanha, se dedica a conhecer a realidade local, estabelece contato com as pessoas das cidades por onde passa, sofre ao ver o abandono e miséria em determinadas regiões, por esta razão encontramos em sua obra a todo momento suas impressões pessoais sobre a realidade que está diante dos seus olhos e as possibilidades de transformação de tal realidade.

Acredita-se que Ponz calculou e traçou os planos que pretendia executar em seus

¹ Foi um fenômeno social típico da cultura europeia, expressão pela qual vieram a ser denominadas as viagens feitas pelos jovens aristocratas pelo continente europeu.

deslocamentos, alguns dos percursos selecionados foram modificados pela pressão que recebeu de alguns leitores e amigos que desejavam e pediam que ele viajasse e escrevesse a respeito de determinadas regiões ou cidades. Dedicou o primeiro volume a Toledo e a outros lugares próximos de Madri, o segundo foi dedicado especialmente ao Escorial para satisfazer a alguns amigos. No terceiro e quarto seguiu os caminhos por Cuenca e Valência. O quinto e sexto foram dedicados a Madri e aos Reales Sitios, logo o sétimo e oitavo exploram os percursos pela Estremadura até chegar em Sevilha que é descrita no nono volume. Nesse momento, Ponz não segue sua exploração pela Andaluzia, volta para Madri, seguindo para Castilla la Vieja y León, escrevendo o décimo, décimo primeiro e décimo segundo volumes. Sabe-se que esta mudança de percurso não agradou a todos os leitores, pois, a maioria desejava de que o autor continuasse suas viagens pela região da Andaluzia. No décimo terceiro volume escreve sobre a região de Aragão e o sul da Catalunha até Tarragona. O décimo quarto está dedicado apenas a Catalunha, o décimo quinto a região do centro e Aragão. Os três últimos volumes tratam de suas viagens pelas regiões da Mancha e da Andaluzia. Sendo assim, *Viage...* vai muito além de cumprir o requisito de ser somente um inventário ou um retrato da realidade espanhola, a obra responde e reflete os planejamentos do movimento ilustrado.

Desse modo, nada melhor que discutir a Ilustração, que é um ponto crucial para entender as relações das diversas literaturas escritas nessa época tão fervorosa com o que acontecia no mundo. Para entender e analisar a Antonio Ponz e seus escritos como produtos do Século das Luzes espanhol.

O autor John Lynch (2007), em seu livro *El siglo de las reformas: La Ilustración*, explica como se desenvolveram conceitos como sociedade ilustrada, despotismo ilustrado, e principalmente, sobre a difusão e a influência das ideias ilustradas, particularmente durante a segunda metade do século XVIII, que serão fundamentais para esta investigação. Para entender o século XVIII e os estudos coloniais, um campo enorme e heterogêneo, é necessário analisar o que significa falar da época colonial nos dias atuais, como é investigar uma época que não é a nossa, que na verdade é muito diferente da nossa, mas, que, ao mesmo tempo, supõe uma continuidade, pois, somos produtos dos diversos acontecimentos ocorridos no período colonial em toda América. Também nos serão úteis as contribuições do autor José Carlos Chiaramonte em sua obra *“Pensamiento de la Ilustración, economía y sociedad iberoamericanas en el siglo XVIII”* (1979), que oferece uma seleção das ideias e características do pensamento ilustrado e de como se expandiu pela Ibero América durante a segunda metade do século XVIII.

Dessa maneira, o objetivo geral desta dissertação será fazer uma análise com ênfase nos ideais ilustrados a partir de relatos minuciosamente descritos na obra, que oferecem um

detalhado panorama sobre a Espanha do século XVIII, perpassar com atenção pela pluralidade de temas que o autor aborda e analisar o entrelaçamento da narrativa com alguns conceitos da Ilustração, com a visão de outros viajantes, entre outros conceitos. Sendo assim, é necessário verificar como os debates relativos à circulação e uso dos ideais iluministas que renovaram o mundo neste momento desenvolveram-se.

Sabemos que apesar da sua singularidade e importância para os estudos da literatura espanhola e latino-americana, o século XVIII parece não ter despertado tanto interesse em relação à época Renascentista ou ao período Barroco, porém o mundo colonial possui uma vasta bibliografia e existe uma extensa produção de análise teórica desse período feita por autores que discutem o pensamento ilustrado, também fazem parte do nosso embasamento teórico os textos produzidos pelos investigadores que compõem o conhecido grupo do “pensamento colonial”, entre outros. Este trabalho pretende assim dar continuidade, aprofundar os estudos e promover o debate sobre o período do Século das Luzes, entender e analisar o gênero da literatura de viagem, que foi tão frequente durante o século XVIII, analisando a obra *Viage de España* (1772-1794), que contém, além de um exaustivo inventário do patrimônio artístico nacional espanhol, descrições das paisagens, das regiões e cidades, da atividade econômica em geral e excelentes reflexões históricas, na tentativa de atender à crescente demanda dos pesquisadores e de todos que se interessam pelas literaturas de língua espanhola e pelo período colonial, mostrando elementos que possam dar uma representação da Espanha no século XVIII.

Dito isto, o Iluminismo foi um movimento filosófico e intelectual que surgiu na Europa, em especial na França. Os pensadores iluministas defendiam liberdades individuais e o uso da razão para validar o conhecimento, o movimento representou uma ruptura com o saber eclesiástico, isto é, do domínio que a igreja católica exercia sobre o conhecimento e promoveu uma série de mudanças políticas, econômicas e sociais, baseadas nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. O autor Paul Hazard² (1988) em seu livro *A crise da consciência europeia e o pensamento europeu do século XVIII* define o conceito de Ilustração como a época em que emerge o grande conflito contra o domínio do cristianismo, onde há uma ruptura encabeçada pela emancipação da razão humana.

É importante reconhecer o momento de transição para um novo pensamento as obras desta época possuíam grande ousadia por suas reflexões. Sobre a Espanha do século XVIII podemos dizer que com a chegada da dinastia dos Bourbons surgem também sinais de esperanças e da possibilidade de implantação de novas formas de governo, que poderiam levar

² Paul Hazard, em seu estudo analisou a contraposição do ideal de estabilidade característico da sabedoria clássica e os renovados princípios do movimento ilustrado.

o país a uma possível recuperação. Vale ressaltar que nesta época a Espanha atravessava um período de decadência, a nível europeu o Século das Luzes significou estar envolvido com os novos ideais de razão, progresso e modernização. A Espanha, por sua vez, tentará acompanhar a difusão desses ideais. Destacamos que a Ilustração tanto na América Latina quanto na Espanha como a nível global possui suas próprias características específicas para cada região, perceber como foi a reverberação dos ideais ilustrados nos países que eram colonizados pela Espanha naquele momento, como foi a apropriação e como se expandiu são etapas relevantes para estudar o século XVIII e o período colonial, além de compreender as particularidades do movimento no território espanhol.

Para escrever os relatos que compõem a obra *Viage de España* (1772-1794), Antonio Ponz realizou muitos e incansáveis deslocamentos pelo seu país. Em relação a esses trajetos realizados durante o século XVIII, é possível afirmar que mesmo com toda a sua riqueza histórica e patrimonial, a Espanha não foi durante a época do chamado Grand Tour um dos destinos escolhidos pelos viajantes que percorriam a Europa para complementar sua formação intelectual. Viajar era sinônimo de aprender, era o momento de ir em busca do conhecimento. Várias figuras relevantes para a história realizaram o Grand Tour, podemos citar: Joaquin Winckelmann, Johann W. Goethe, Horace Walpole, Tomas Gray, dentre outros filósofos, intelectuais, figuras importantes e viajantes. Um fato curioso é que a Espanha participou das viagens, mas os espanhóis começaram a viajar pelo seu próprio país, como foi o caso de Ponz. O autor Daniel Crespo Delgado (2008) indica que entre todas as viagens feitas pela Europa no século XVIII, “O Grand tour” era a mais importante, era uma viagem de longa distância para visitar os principais focos culturais da época e pensada para completar a formação das elites econômicas, e que os objetivos prioritários eram Roma e Paris.

A literatura de viagem ocupa uma posição importante no Século das Luzes e se configura como um gênero, a obra *Viage de España* constitui sem dúvida uma das mais completas realizações culturais dos ilustrados espanhóis, na obra aparecem vários temas que ocupavam as mentes dos homens da Ilustração, principalmente durante o reinado de Carlos III, rei que fomentou o triunfo das “luzes” na Espanha. Não podemos esquecer que durante os reinados de Carlos III (1759-1788) e Carlos IV (1788-1808), é a partir da própria coroa que se lançam as bases para a articulação de uma série de obras literárias e cartográficas que aspiram a um maior conhecimento científico, mas, ao mesmo tempo, usam esses recursos em determinados momentos como mais um instrumento de seu poder.

Sendo assim, podemos dizer que no século XVIII temos uma mudança no que diz respeito a literatura, as influências e tendências vindas da França a partir dos ideais do

Iluminismo, levam os autores a rejeitarem as tendências anteriores em prol dos novos objetivos. Temos, então, na primeira metade do século uma fase mais apagada e de transição em relação a estética anterior, e na segunda metade considerada o período das luzes e do fomento do saber, encontramos uma literatura simples que servia para ensinar, uma literatura didática com a intenção de facilitar o conhecimento a todos os tipos de leitores. As obras deste momento surgem funcionando como um veículo da Ilustração e contando com o apoio da Coroa espanhola, na Espanha surgem autores que serão referentes para este período tais como: Benedito Feijoo³, Gaspar Melchor de Jovellanos⁴, José Cadalso⁵ e Antonio Ponz, por exemplo.

Sob o pretexto de cientificismo, a viagem à Europa ganhou especial importância no século XVIII, percurso indiscutível para a circulação de ideias, ao mesmo tempo, são feitas viagens pela Espanha que resultam no aparecimento de histórias em que, na realidade, muito além de uma mera descrição de cidades ou a apresentação de uma relação simples de monumentos, como foi observado em inúmeras ocasiões, por exemplo, na obra de Antonio Ponz, tais viagens tinham o propósito de mostrar os erros encontrados e relatar a partir dos escritos as possíveis soluções. Sendo assim, fica evidente a importância da literatura e das obras produzidas no século XVIII, pois, ajudam a entender o que aconteceu na Espanha nessa época e a relação com seus escritores. No caso da obra *Viage de España* (1772-1794), o escritor adota o gênero epistolar que, além de contar com o venerável modelo das cartas viajantes dos humanistas do Renascimento, também funcionou como um modelo para a maioria dos relatos do século.

Em meados do século XVIII o mundo não era como hoje e o homem não viveu a rapidez dos acontecimentos históricos, o setor intelectual na Espanha era uma pequena parcela que estava disposta a colocar em prática os ideais da Ilustração. Dessa maneira, pensar que ao escritor ilustrado Antonio Ponz Piquer no ano de 1772, já na segunda metade do século, lhe foi designada a tarefa de viajar pelo território espanhol a fim de coletar, medir e conhecer o seu próprio país para poder reformá-lo, não entra para a história como uma fácil tarefa. Porém, o espanhol consegue com sua obra coletar dados de utilidade para a Espanha, apontar e narrar a situação do país, seus problemas e as possíveis soluções. O conceito de “utilidade” foi incansavelmente empregado pelos ilustrados e está presente em praticamente todos os trabalhos

³ Influente ensaísta e filósofo galego, considerado uma das figuras literárias mais importantes de Castela do século XVIII e um dos primeiros defensores do Iluminismo na Península Ibérica.

⁴ Escritor, jurista e político ilustrado espanhol, participou ativamente nas decisões políticas do governo de Carlos III.

⁵ Poeta e autor de sátiras, uma das figuras literárias mais importantes do século XVIII. Autor de *Cartas Marruecas* (1782), onde descreve com ironia a vida espanhola e *Noches lúgubres* (1798).

da época, a maior de todas as intenções era a de colher dados úteis. Observamos o que nos indica o autor Daniel Crespo Delgado (2008) sobre como o escritor Antonio Ponz entendia e aplicava tal conceito:

Antonio Ponz también manifestó esta militancia en lo útil. De hecho, fue desde tal principio que el que delimitó los contenidos de su *Viage de España*. Tanto fue así que aquellos aspectos que considero que no eran útiles no los trató, aunque pudieran ser contenidos habituales en la literatura corográfica tradicional. En este sentido, resulta revelador que Ponz no se refiriese en su *Viage* al origen o fundación de las ciudades que describió, aspecto con el que solían iniciar sus relaciones la mayoría de descripciones corográficas redactadas en los siglos XVI, XVII y aun XVIII. Advertamos que estas obras, para referirse a tan remotos tempos, solían basarse en cronicones espúrios o en noticias confusas que atribuían el origen de las ciudades a personajes de enorme relevancia histórica o las enraizaban en la más remota. Ponz se mostró escéptico con tales contenidos. No fue el único. Desde los trabajos, entre otros del marqués de Mondejar y Gregorio Mayans la crítica histórica se encontraba plenamente asentada en España, generando una corriente de depuración de la historia nacional que puso en duda tradiciones de frágil base. No obstante, Ponz fue más allá. Dichas disquisiciones le parecían dudosas en muchos casos, pero ante todo triviales y desvinculadas de sus objetivos. (DELGADO, 2008, p. 38).

A obra *Viage de España* (1772-1794) é sem dúvida uma grande contribuição para o Século das Luzes e para a Espanha, considerada por muitos intelectuais como uma das melhores produzida neste período. Ponz foi um homem moderno para a sua época, até mesmo autores que haviam criticado a Espanha e as obras produzidas pelos espanhóis chegaram a elogiar e a exaltar sua obra, como podemos verificar:

De hecho, se consideró que las valoraciones críticas de Ponz sobre la realidad española no sólo era un rasgo ineludible de su obra, sino también uno de sus aspectos más ejemplares. Incluso autores que tuvieron una pésima opinión de la situación intelectual española como Henry Swinburne o Jean- François Peyron, señalaron al *Viage* como una de las escasas obras ilustradas con las que contaba nuestra literatura, como una de las pocas que denunciaba carencias y propugnaba necesarios cambios. (DELGADO, 2008, p. 22-23).

Isto aconteceu com alguns escritores estrangeiros que em seus relatos de viagens faziam muitas críticas em relação à Espanha, mas que ao terem contato com a obra de Ponz apontaram pontos positivos e destacaram a qualidade da obra. Segundo Julio Valdeón (1987), além da informação que Ponz coleta a partir das viagens, que é de excelente qualidade, vale a pena ressaltar os aspectos históricos, geográficos, econômicos ou artísticos como também as opiniões pessoais do autor que são sumamente interessantes. “No olvidemos lo que Menéndez Pelayo⁶ dijo, en su día: el *Viage* de Ponz es más que un libro, es una fecha en la historia de

⁶ Escritor espanhol, filólogo, dedicado à crítica literária e à história da literatura espanhola e hispano-americana e historiador das ideias. Membro da Real Academia Espanhola e candidato ao Prêmio Nobel no ano de 1905.

nuestra cultura” (VALDEÓN, 1987, p. 5). Sobre a obra de Antonio Ponz, o autor acrescenta que:

El “viaje de España” consta de 18 volúmenes, publicados en Madrid, en la prestigiosa imprenta de don Joaquín Ibarra, entre los años de 1772 y 1794. En el transcurso de esos años los 13 primeros volúmenes vieron su segunda edición, y los seis primeros incluso la tercera, prueba indiscutible de la gran acogida que tuvo la obra. En principio el “Viaje de España” constituye un formidable corpus que, en el formato de la edición original (en octavo) supera las 6000 páginas. La obra se inscribe en la larga tradición de la literatura de viajes, que en el siglo XVIII alcanzó cotas elevadísimas” (VALDEÓN, 1987, p. 8).

Os indivíduos que viveram esta época estavam diante de um momento de mudanças, o Século das Luzes configurava-se como uma etapa de transição, existia um sentido comum que era o desejo de mudar as atitudes e expectativas em relação às experiências vividas até o momento, como podemos observar no trecho do autor Juan Luis Guerrero, abaixo:

Los hombres del siglo XVIII tenían, en efecto, la conciencia de estar viviendo en una época de tránsito, en la aurora de un nuevo día, en la crisis hacia la mayoría de edad de la vida humana. Por eso el sentido de la historia tenía que radicar en el pasaje del estado primitivo, casi animal; o diríamos mejor, infantil de la humanidad al estado adulto, de plena posesión de sí mismo, que el hombre puede y debe alcanzar por la luz del entendimiento y por la libertad. La Filosofía de la Historia es entonces, para el Iluminismo, la exposición de esa nueva conciencia de la madurez humana. En términos del propio siglo XVIII, es la exposición del “progreso” de la humanidad. En ese sentido podríamos decir que el concepto mismo de “Iluminismo” es un concepto forjado en los dominios de la Filosofía de la Historia. (GUERRERO, 2018, p. 117).

Sendo assim, imbuído pelo espírito do Século das Luzes e dos ideais que circulavam, o autor Antonio Ponz escreve a que seria sua obra mais importante, como indica o autor acima, os homens do século XVIII tinham a consciência de que estavam vivendo um momento de transição.

No que diz respeito à constituição deste trabalho, teremos ao todo cinco seções que irão constituí-lo, a primeira parte será a introdução, que em linhas gerais, apontará o percurso do trabalho, logo teremos na segunda seção o segundo capítulo intitulado “Pensando o século XVIII: ilustração e conjuntura política”, em que serão discutidos aspectos relevantes sobre o movimento filosófico do Iluminismo e sua importância, situando o século XVIII de maneira global, abordando o contexto histórico geral, contando com o aporte teórico dos pensadores do período colonial, que nos acompanharão em toda a investigação. Como veremos, na segunda parte deste referido capítulo, analisaremos a propagação dos ideais ilustrados durante o governo do rei Carlos III, período que coincide com a escrita da obra de Ponz, pretendemos relacionar os ideais de progresso fomentados pelo governo com os relatos de Ponz. Além disso, nosso

olhar também será direcionado a verificar qual era a situação da Espanha nesse momento e o que diziam os autores espanhóis e estrangeiros a respeito do país.

No terceiro capítulo intitulado “Literatura de viagem: gênero, mundos e diversidades no Século das Luzes”, direcionaremos nosso olhar para entender o gênero da literatura de viagem e seus aspectos com foco no século XVIII, pensando qual é a questão central dessa literatura, onde aparecem as cartas, crônicas, relatos, diários e a ideia de que o homem sempre viajou e sempre contou seus relatos, fato que ocorre desde a antiguidade até os dias atuais. Na seguinte seção deste capítulo, tentaremos entender porque os ilustrados viajavam, contrastando a ideia de Antonio Ponz como viajante com a de outros viajantes estrangeiros pelo território espanhol, entender e indicar os aspectos que converteram o viajante do século XVIII em um observador capaz de transmitir informações e dados úteis.

No quarto capítulo intitulado “ Antonio Ponz, literatura de viagem e projeto ilustrado”, será apresentada a biografia do viajante espanhol Antonio Ponz Piquer, com a finalidade de dar a conhecer quem foi este escritor ilustrado, analisando sua representatividade para a Espanha, os lugares por onde passou, os cargos que ocupou, as figuras com as quais se relacionou, suas características e seu espírito de ilustrado; na seção seguinte deste mesmo capítulo, iremos situar a obra *Viage de España* (1772-1794) e discutiremos detalhadamente quais foram as intenções do autor, verificando qual era seu olhar para o século XVIII baseados em algumas reflexões teóricas, em seguida verificaremos os aspectos que são abordados em relação a algumas regiões por onde viajou e as considerações e valorações críticas que alguns autores e estudiosos fizeram sobre Ponz e sua obra.

Toda a trajetória de escrita traçada nos capítulos mencionados anteriormente nos direcionam a escrever, ainda no capítulo quatro, algumas reflexões em que buscaremos interpretar a representação sobre a Espanha oferecida pelo escritor a partir dos seus relatos, seguiremos a análise do *corpus* com ênfase na pluralidade de temas que foram abordados, refletindo sobre a tentativa de transformar a realidade presente através dos seus conhecimentos, propondo inovações pertinentes para garantir o progresso, nesse ponto indicaremos a presença dos ideais da Ilustração, além das inúmeras reflexões que Antonio Ponz faz e propõe.

Na quinta e última seção, por sua vez, faremos as considerações finais do trabalho. Constatamos, a partir da análise do nosso *corpus*, que estão presentes no relato do autor trechos que nos levaram a discutir conceitos relevantes no século XVIII, como: Literatura de viagem, Ilustração na Espanha, Gênero Epistolar, Despotismo ilustrado, Espanha borbônica, Decadência Espanhola, Literatura e Artes Visuais, Literatura Colonial e Colonialidade. Tais conceitos nos auxiliaram a compreender a viagem e a literatura escrita a partir desses trajetos,

como instrumento político e com função informativa, sendo nossa ferramenta para compreender a apropriação e circulação desses ideais pelos escritores da época.

2 PENSANDO O SÉCULO XVIII: ILUSTRAÇÃO E CONJUNTURA POLÍTICA

Neste capítulo, discutiremos a relevância do Século das Luzes para a história, o que foi a Ilustração, enquanto movimento filosófico, abordando o contexto histórico geral, como se deu o movimento e como foram suas reverberações a nível global ressaltando que se tratava de um fenômeno com muitas particularidades conforme cada região, pensando especificamente na América e na Europa, em particular na Espanha, e alguns dos seus desdobramentos. A Espanha que nesta época se encontrava em um período de declínio e decadência. Trataremos também da tão almejada restauração implantada a partir da chegada da dinastia dos Bourbons e o desejo de sair adiante fomentado, principalmente, pelo rei Carlos III conhecido como o rei ilustrado.

A história da evolução do pensamento durante o Século das Luzes pode ser relacionada às ideias que o Velho Mundo formulou sobre a América, se pensarmos nas imagens fantasiosas que foram divulgadas pelos primeiros viajantes que estiveram no continente americano durante os séculos XVI e XVII e também nas visões de alguns filósofos que terminaram cristalizando-se ao decorrer do século XVIII. Apesar de sabermos do grande desenvolvimento filosófico, político e científico durante o Século das Luzes, reconhecemos que essas imagens que dizem respeito ao solo americano estavam historicamente fundamentadas numa relação de superioridade frente ao “outro”. Sabemos que a América cumpre um papel importante na elaboração das teorias políticas e culturais da Ilustração. A esse respeito, é válido destacar o que o autor Alfredo Cordiviola (2010a) aponta:

As interpretações surgidas a partir de posições hegemônicas partilham uma mesma fixação pelo passado, e estão de certa forma obrigadas a ignorar a diversidade para construir um todo homogêneo que poderá receber, dependendo da versão, uma carga negativa ou positiva. Na ficção utópica do Eldorado de Voltaire, na descrição histórica dos incas de Marmontel, América é o passado perdido das sociedades harmoniosas e igualitárias. América é também, em Buffon, de Pauw, Robertson e Raynal, esse passado em que foram concebidas as fraquezas e limitações das suas atuais espécies vegetais, animais e humanas, que definem a inferioridade física e cultural do continente. Essa América que foi esmagada, e essa América que é sufocada pelas adversas condições climáticas e pelas insalubridades típicas das zonas tórridas, é sempre outra coisa: uma projeção, um fantasma distante que serve apenas como reverso ou contraponto opaco do real, desse real que se almeja fundar no passado ilustrado. (CORDIVIOLA, 2010a, p. 10-11).

Dentro dessa discussão, acreditamos que é importante analisar o que foi a Ilustração, entender que não se restringiu apenas ao cenário europeu e que os ideais e as ideias propagadas no decorrer do Século das Luzes e difundidos, principalmente, a partir da Revolução Francesa, também tiveram presença e influência no continente americano. É interessante pensar que as ideias e as sociedades ilustradas não aparecem em todas as partes da mesma forma, muito

menos no mesmo momento, deve-se considerar que os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais são muito diversificados e são os principais motivos pelo qual torna-se possível falar sobre uma multiplicidade de Ilustrações. É indiscutível que as ideias de Voltaire, Montesquieu e Diderot viajaram por grande parte da Europa e em outras partes do mundo e que estes filósofos foram vistos como grandes pensadores da humanidade e ao mesmo tempo como representantes da cultura mais poderosa da época, a francesa. Isto tornou-se um símbolo da modernização e, portanto, muitos países quiseram importar e assimilar esses ideais tentando adaptá-los aos seus contextos e realidades. Nossas reflexões vão ao encontro do que esclarece Cordiviola (2010a), como podemos comprovar no trecho a seguir:

Temos, portanto, que falar em muitas ilustrações, mas não necessariamente a partir de um esquema baseado nos estreitos moldes estabelecidos por conceitos como “difusão” ou “influência”. Pressupor que as “influências” sempre se originaram em algum centro para repercutir, como inspiração ou salvação, em alguma periferia não parece ser a forma mais adequada de pensar toda a complexidade que o século XVIII propõe para o mundo hispânico. Supor que a ilustração “nasce” nos centros europeus e depois é “copiada” ou assimilada (em forma menor, e sempre incompleta) na periferia, como se a principal questão fosse se tal *criollo* ou tal mestiço leu “adequadamente” os tratados de Rousseau ou de Montesquieu, ou se soube aproveitar as revelações contidas nas páginas lidas sub-repticiamente através de sigilosos contrabandos, é empobrecer um debate que resulta muito mais significativo quando não está preso apenas a meras políticas de leitura ou a determinar se houve ou não uma recepção “adequada” deste lado do Atlântico.

Mais interessante, e mais pertinente também, é pensar a Ilustração como “um ensemble de discursos enunciados tanto no centro quanto na periferia colonial americana”. (CORDIVIOLA, 2010a, p. 18-19).

Tais reflexões nos levam a entender que existe uma multiplicidade de especificações do movimento ilustrado e que não é tarefa fácil caracterizar com precisão esse período, principalmente porque sua formação envolve fatores culturais, sociais e locais específicos para as diferentes regiões. Sendo assim, em linhas gerais, o Iluminismo pode ser visto como um esforço consciente de valorização da razão onde na prática se objetiva a crença no progresso e na liberdade.

Depois de 1492, ano da chegada de Cristóvão Colombo a América, fica evidente que esse evento modifica o cenário global inaugurando o período em que a Europa ocidental vai se auto definir como mensageira da modernidade, tal mentalidade ocidental apoiada nas grandes ideias da Ilustração, se engrandece nessa época, as grandes navegações romperam com as únicas representações de como era o mundo naquele momento, que até então estavam restritas aos demais continentes e que mostravam a realidade existente de outros territórios habitados por povos com diferentes culturas, provocando um novo olhar sobre a própria Europa que

acabou afirmando-se como o centro do mundo, julgando todas as outras civilizações como periferias.

Em relação a essa discussão temos no século XX na América Latina os debates sobre a história do continente americano que aparecem como uma época de reconfigurações da dependência no que diz respeito às relações entre as nações centrais e as periféricas, sendo fortalecidos pelos intelectuais que formam parte do grupo conhecido como “pensamento colonial”. O conceito de eurocentrismo segundo Dussel (2000) e Quijano (1993), trata-se de uma atitude colonial em relação ao conhecimento, colocando a Europa como centro do mundo e protagonista da história do homem, é um dos pontos de partida para a reflexão desses estudiosos. Tais intelectuais pensam o eurocentrismo como um elemento da razão iluminista que tratou de criar um pensamento para o mundo, a partir de um certo universalismo com suposições civilizatórias, gerando um encobrimento das formas de sociedade já existentes. Os caminhos seguidos pelos estudiosos do período colonial e decolonial questionam os que são dados pelo pensamento europeu como uma espécie de solução para a interpretação da história da América Latina.

Com as investigações feitas pelo historiador Aníbal Quijano sobre a colonialidade, vários estudos passaram a ser articulados na tentativa da retomada de problemáticas histórico-sociais consideradas resolvidas até então no âmbito das ciências sociais da América Latina. Os estudos pós-coloniais têm sua origem em importantes centros de produção acadêmicos do chamado primeiro mundo e surgiram a partir da influência do pós-estruturalismo e do pós-modernismo. Vale a pena ressaltar que os estudos relativos ao pós-colonialismo aparecem como uma grande influência no que diz respeito à produção intelectual periférica com uma atenção especial ao discurso dominante europeu. Outra questão importante seria pensar que um dos pontos centrais dos chamados estudos decoloniais seria à revisitação da questão do poder na modernidade com enfoque na localização de suas origens em relação a conquista da América e o domínio europeu, durante o século XV e XVI e não apenas durante o Iluminismo como é proposto.

O que o historiador José Carlos Chiaramonte, em sua obra *Pensamiento de la Ilustración*, vai chamar de “Ruptura o Continuidad” se refere exatamente à aquela imagem e relação associada a ruptura com o pensamento que vai dar lugar à penetração do espírito do século. Segundo Chiaramonte (1997), a marca profunda que o pensamento europeu do século XVIII deixa no pensamento hispano-americano é praticamente inquestionável, no entanto, pode ser criticada, e foi o que aconteceu. A influência da Ilustração europeia implicou uma espécie de ruptura com a velha mentalidade, com o mundo barroco e com a escolástica, principalmente

com a chamada Ilustração católica que define muito bem o século XVIII hispânico e essas influências possuíam todas um mesmo caráter liberal e com tendência à emancipação política.

Certos argumentos políticos e teológicos que eram defendidos no continente americano tanto pelos que apoiavam a independência da Espanha como os que se mantinham fiéis à coroa, configuram o contexto hispânico no final do Antigo Regime, um contexto cultural próprio e com marcas da Ilustração católica. Vale a pena ressaltar o importante papel que a religião ocupou no decorrer da história aparecendo em várias ocasiões como um elemento articulador da cultura, e nas sociedades tradicionais do Antigo Regime a influência da religião foi muito mais forte. No que diz respeito à Espanha e à América, o catolicismo foi considerado como elemento próprio da identidade do povo, talvez isso nos ajude a entender o lugar que a religião ocupou para os espanhóis europeus e americanos. Em relação a esse contexto, Chiaramonte (1997) aponta que:

En su conjunto, pues, la discusión roza el problema de la dificultad que ofrece el pensamiento iberoamericano del siglo XVIII para ser incluido en el concepto de Ilustración, dificultad que no ha logrado ser totalmente salvada. Un ejemplo de esto es el uso de un contradictorio concepto, el de *Ilustración católica*, para designar a gran parte de ese paradójico movimiento intelectual que abre entusiastamente a la seducción de “espíritu del siglo” pero, al mismo tiempo salvaguarda y reafirma su adhesión a los dogmas de la Iglesia o su fidelidad a la doctrina del origen divino del poder real. (CHIARAMONTE, 1997, p. 18).

O despotismo ilustrado se uniu à igreja com posicionamentos políticos- religiosos, sob o lema de que a figura do rei representava o Estado garantindo o bem comum e o progresso, apoiados na ciência, na educação e no conceito de utilidade próprio da época, mostrando que era necessário que o rei dispusesse de poder total e absoluto, as monarquias absolutistas o que desejavam era conseguir a independência em relação ao poder do papa, por essa razão empreendeu uma série de mudanças e medidas como, por exemplo, a criação da coleta dos dízimos, das paróquias, a nomeação dos bispos, entre outras. A esse respeito, María del Rosario Vázquez Piñeros (2019), observa que:

En el siglo de las Luces, con la llegada de la casa de Borbón al trono de España se impuso una autonomía aún mayor respecto a Roma, que se reflejó en el auspicio de un episcopado formado y comprometido con el espíritu galicano importado de Francia, acorde con el despotismo ilustrado, y con las medidas encaminadas a someter todas las estructuras e instancias del poder. De esta forma, cuando Carlos III llegó al trono, ya el Patronato universal había sido otorgado a los monarcas españoles sobre todos sus dominios. En 1765, el rey se declaró «Vicario y Delegado de la Silla Apostólica, con pleno derecho para intervenir en el gobierno espiritual de las Indias». (VÁZQUEZ PIÑEROS, 2019, p. 352).

Na segunda metade do século XVIII, a busca pela modernidade⁷ difundida pelos monarcas Borbons tinha a igreja católica como um claro obstáculo principalmente pela forma como tal instituição havia se formado na América até o momento, com uma posição que gozava de poderes e privilégios. Sendo assim, o conjunto de medidas adotadas e colocadas em prática desde o começo do século e que se intensificam na segunda metade buscavam agir e modificar da mesma forma que se faria no âmbito político, na influência que as ordens religiosas e outras instituições eclesiásticas tinham construído desde seus específicos âmbitos de poder.

Nesse sentido, é válido destacar que o século XVIII é o período de transição entre o Antigo Regime e as novas transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas neste período, que deram origem a uma sociedade com outras características. O Século das Luzes e o conceito de Razão Ilustrada mostraram uma necessidade de rever conceitos, entender que era necessário sair adiante e assimilar as correntes de pensamento que se desenvolviam naquela época. O Iluminismo foi um fenômeno cultural e intelectual que tinha como objetivo criar uma espécie de consciência e fé na razão, o que levaria o indivíduo à liberdade, emancipação, autonomia e felicidade. Os pensadores desta época propagavam que a razão humana poderia levar à construção de uma sociedade sem desigualdades, garantir direitos individuais, desenvolver a educação, a política e a administração do país.

Historicamente, sabemos que durante o século XVII já haviam indícios do Iluminismo através dos trabalhos do filósofo René Descartes, que em seus estudos indicou que a base do racionalismo seria a única fonte do conhecimento, com isto houve um desenvolvimento das ciências naturais em todos os países da Europa. Muito mais que uma corrente teórica foi um movimento essencialmente prático que colocou a ciência e o saber a serviço de determinadas aspirações culturais e sociais. Sobre as características do Iluminismo, Guerrero (2018) faz as seguintes considerações:

Dentro de este racionalismo, el problema central, hacia el cual convergen todos los otros. Es el de la felicidad del hombre. Este problema, que había ocupado en el Cristianismo un lugar secundario, se apodera, cada vez más, de la escena filosófica. El ideal de la filosofía iluminista ya no se encuentra en la beatitud eterna, como en la visión cristiana de la vida, sino en la felicidad terrena. Los instrumentos por medio de los cuales el Iluminismo quiere hacernos llegar a ese régimen de felicidad son el bienestar material, la libertad política, la conquista de una mejor posición social, la formación cultural y también la salud corporal. Con todas sus energías, el Iluminismo nos impulsa hacia esos bienes del cuerpo y del alma. Por eso su obra, su herencia, ha sido la transfiguración del mundo europeo en el sentido de un mayor dominio humano sobre las fuerzas de la realidad. (GUERRERO, 2018, p. 114).

⁷ Modernidade entendida aqui como progresso.

O Iluminismo inglês, por exemplo, foi um movimento mais voltado para a investigação científica, já o Iluminismo francês era mais voltado para a nova consciência da condição humana, uma luta constante pelo saber e poder. O movimento intensifica-se como uma tentativa de reação em relação ao absolutismo europeu que tinha como características as estruturas feudais, a forte influência da igreja católica e o monopólio do comércio.

Na Europa viviam uma etapa de desenvolvimento econômico especialmente na Inglaterra com a Revolução Industrial, que refletia na formação de uma indústria moderna movida por uma nova fonte de energia: o vapor. Outro fato importante é que na França estourará a Revolução Francesa onde a burguesia tomará o poder político, tais acontecimentos trazem uma profunda e intensa mudança de ordem no pensamento. O Iluminismo, teve seu nome traduzido da palavra *Aufklärung*, usada pela primeira vez pelo filósofo e matemático alemão Christian von Wolff, sendo a França o lugar do seu apogeu, pois, haviam constantes divergências pelas questões e problemas entre o feudalismo e o desenvolvimento do capitalismo emergente, além de outras lutas sociais que ocasionavam a propagação desses ideais através da Revolução Francesa.

As bases das ideias ilustradas foram construídas desde o racionalismo e aplicadas em diferentes campos do conhecimento, tal movimento intelectual foi cimentado no racionalismo de René Descartes, no empirismo de John Locke, na sua ideia de governo popular, e, principalmente, nos descobrimentos de Isaac Newton, foram esses três intelectuais, filósofos do século XVII que deram início a essas ideias, porém, foram os enciclopedistas que difundiram os ideais ilustrados e suas concepções durante o século XVIII.

Muitas das correntes que moldavam os ideais da Revolução Francesa abriram caminho para a construção de uma sociedade moderna e de um Estado moderno sustentado na soberania popular, com o reconhecimento da igualdade e liberdade entre os homens. Os indivíduos começaram a ter uma consciência crítica em relação à situação que viviam, como bem pontua Guerrero (2018):

Los hombres del siglo XVIII tuvieron una manera particular de enfocar el problema de la propia vida humana y especialmente el problema de la propia época. Concibieron al hombre en general a través de las preocupaciones del siglo en que vivían. Y así, al desarrollar una conciencia de la peculiar condición humana, adquirieron también conciencia del desarrollo histórico del hombre, de su dependencia del pasado, de su marcha hacia el futuro y, especialmente, del lugar peculiar que ocupa la propia época en ese desenvolvimiento histórico. (GUERRERO, 2018, p. 111).

Os ideais da Ilustração tiveram em sua essência uma aspiração política que buscava que o homem se emancipasse em todos os âmbitos, com ênfase no religioso. As ideias da

Ilustração e da *Enciclopédia* (1751-1772) de Diderot e D'Alembert transcenderam a Europa e chegaram na Hispano América através das obras que eram introduzidas, muitas vezes de maneira clandestina, mas que acabavam nas mãos das elites criolas, que terminavam tendo acesso às obras de figuras importantes como: Montesquieu, Voltaire e Rousseau, que entre outros assuntos, defendiam um conjunto de leis baseadas na igualdade, na abolição de privilégios, uma unidade civil e jurídica para todos que serviam para intensificar e promover uma necessidade de mudança, aspirando a um governo constitucional sobre a divisão de poderes públicos, em que prevalecessem igualdade e liberdade para todos, um regime de Estado baseado no *Contrato Social*, publicado por Rousseau no ano de 1762.

A Ilustração marcou um momento decisivo e diferente em vários aspectos, e está relacionada com outros acontecimentos que definirão a história da humanidade. Vale a pena ressaltar o importante papel da religião nas sociedades do Antigo Regime, pois, durante muito tempo o catolicismo foi o elemento principal da identidade dos espanhóis e se estendia aos reinos e colônias. Esse peso e influência da religião estão presentes quando o povo espanhol e americano manifesta sua lealdade ao rei. Na sociedade americana, por exemplo, tiveram grande influência da permanência dos jesuítas no território americano, portanto, no vice-reinado de Nova Granada, onde se refletiram duas concepções católicas de poder que foram debatidas na guerra de independência: a absolutista expressa na forma de despotismo esclarecido e a liberal. O processo do pensamento filosófico na Hispano América se fortalece com a introdução das correntes predominantes da Europa com relevância no sistema político e eclesiástico que tinha a finalidade de formar os cidadãos de acordo com seus valores e ideais.

No final do século XVII, começo do século XVIII, podemos dizer que temos um cenário com uma grande mudança na geopolítica, na Espanha o século começa com a chamada Guerra da Sucessão, que empobrece ainda mais o país, mais especificamente em alguns territórios onde a base da economia era o comércio. A nível europeu o Século das Luzes significou o retorno à razão, onde surgem os desejos de progresso e modernização, período em que a nova dinastia tentou estar em sintonia com os ideais que circulavam. Neste sentido, um amplo movimento de reformas sacode a Espanha, trata-se de um país já sem posses e que pela primeira vez começa a centrar-se em si mesma. A chegada da nova dinastia borbônica parecia trazer a esperança de que eram possíveis outras formas de governos que, inspiradas no “despotismo ilustrado”, fariam possível a recuperação do país.

Essa foi uma etapa importante na história da Espanha devido a corrente filosófica do Iluminismo, onde as mudanças estabelecidas pela coroa espanhola durante a segunda metade do século trataram de transformar espaços, a meta principal era mais do que projetar novas

estruturas, e sim reformar as já existentes, renovar para seguir dominando, através de medidas que visavam aumentar o controle da coroa sobre suas colônias, reduzindo o poder das elites e, ao mesmo tempo, aumentando a receita da metrópole. Os jesuítas, que até então detinham o controle sobre a educação espanhola e americana, além de serem de fato os administradores das regiões coloniais, foram expulsos da Espanha e da América, gerando vários confrontos. Segundo Cordiviola (2010), a aplicação das reformas borbônicas faz com que estes conflitos se tornem particularmente intensos no século XVIII.

O autor Amable Sanz (1993) aponta que a Ilustração na Espanha não teve o mesmo caráter radical que alcançou em outros países europeus, foi um fenômeno para uma minoria na Europa, e na Espanha o movimento foi ainda menor devido ao seu isolamento e ideologia tradicional. A situação da sociedade espanhola, que se encontrava em um período de decadência e declínio, fez com que as ideias ilustradas tivessem um escasso desenvolvimento, uma vez que a Ilustração chegou tarde na Espanha e só afetou as minorias cultas, logo esse cenário foi se modificando.

Sendo assim, o século XVIII espanhol evidencia a transição entre o Antigo Regime e as novas mudanças sociais, econômicas e políticas que aconteceram no final do século e que deram lugar a sociedade contemporânea. Este período significou uma etapa de expansão demográfica, econômica e uma racionalização da administração junto ao projeto de modernização e reformas que envolveu todo o país.

Essa etapa coincide com a chegada da dinastia borbônica, de origem francesa, depois da morte de Carlos II que pertencia a dinastia dos Áustria. A chegada dos Borbons significa a implantação do modelo francês de governo. O absolutismo monárquico foi uma forma de governo que prezava pelo poder total do monarca comum na Europa entre os séculos XVI e XIX, defendia a teoria do poder absoluto do rei sobre toda a nação. Vale a pena ressaltar que a crítica a este modelo autoritário de governo começou a surgir durante a circulação dos ideais ilustrados a partir do século XVIII. Já o Antigo Regime, sistema que definia a sociedade anterior a Revolução Francesa de 1789, era um sistema social e econômico onde os indivíduos estavam organizados em classes e a economia era essencialmente rural, com uma estrutura social fixa e não tinham possibilidade de mudar de classe social, no que diz respeito à sociedade estava dividida em três grandes grupos, que eram o clero, a nobreza e o Estado, no âmbito econômico a sociedade espanhola dependia fundamentalmente da pecuária e da agricultura, da qual vivia a maior parte da população.

Para entender a implantação da dinastia borbônica devemos pensar a partir do início do século XVIII com a Guerra da Sucessão, um evento que significou algo mais que um simples

conflito bélico, a possibilidade de um francês ou um austríaco ocupando o trono da monarquia espanhola criou um cenário de instabilidades⁸. Logo após a morte do rei Carlos II, dois grupos disputaram o trono, forem eles: os Borbons, que tinham como líder Luís XIV, e contavam com o apoio da França, Castela, Navarra, Portugal, Baviera e Saboya, e do outro lado estava o grupo que apoiava ao austríaco, junto com ele estavam a coroa de Aragão, Inglaterra e Países Baixos. O primeiro grupo almejava para o futuro de Felipe V, neto de Luís XIV, a tarefa de assumir o trono espanhol, enquanto o segundo grupo defendia que o duque Carlos assumisse o trono, sendo assim, se tratava de um conflito bélico, uma luta na qual estavam envolvidos diferentes aspectos, houveram muitos confrontos e as potências estrangeiras mergulharam em uma luta cujas consequências afetaram diretamente ao equilíbrio político continental, além disso, essa divisão de poderes ajudou a desencadear uma espécie de fratura social.

A partilha de interesses e os variados motivos da guerra conduziram Felipe V a ocupar o trono da Espanha, esse episódio foi e continua sendo objeto de estudo de vários estudiosos, tendo sido este tema relatado com propriedade em vários artigos científicos. Em relação ao que se debate, atentemos para o trecho em que o autor Pablo Fernández Albaladejo (2014) nos indica:

La mirada sobre la Guerra de Sucesión ha adquirido un inevitable protagonismo. En torno a ella ha ido tejiéndose un relato en el que, con frecuencia, las incertidumbres del complejo cambio político de los últimos tiempos se vinculan sin mayor problema con los acontecimientos de un tiempo anterior y diverso, generándose una dinámica de continuidad y unidad que se imposta sobre la explicación misma de los hechos. Persiste así por una parte la consideración positiva de un centralismo borbónico revestido ahora de una impronta estatalizante y modernizadora, en tanto que con mayor despliegue e intensidad se consolida la interpretación de esa guerra como trágico punto inflexión dentro de lo que venía siendo un sostenido proceso de afirmación de nación. (ALBALADEJO, 2014, p. 5).

Nesta época, a monarquia hispânica tinha bastante influência e havia sido representante da Europa em seus projetos de hegemonia, sendo assim, a decisão sobre o futuro do trono espanhol de certa forma condicionaria o equilíbrio europeu em relação às ambições de grandes potências marítimas como a Inglaterra e Países Baixos. O objetivo principal dos dois grupos que almejavam ocupar o trono espanhol através da Guerra da Sucessão era proceder com a consolidação de suas próprias posições políticas. Em relação a este período, o autor Enrique San Miguel Pérez (2001) aponta que:

⁸ Sobre a conjuntura e instabilidade internacional do século XVIII e seu desenvolvimento posterior, consultar: LYNN, John A. Rivalidadn Internacional y guerra. In: BLANNING, Timothy (editor). El Siglo XVIII: Historia de Europa de Oxford. Barcelona: Crítica, 2002, p. 188-228.

Se trataba de una realidad sin precedentes en la historia, no ya española, sino continental. Dos jóvenes príncipes extranjeros, representantes de las dos más poderosas dinastías europeas, y revestidos del mismo derecho a defender sus expectativas sucesorias, disputaban el trono de España sobre el mismo suelo que viera nacer a sus abuelas. (PÉREZ, 2001, p. 76).

Essa disputa foi longa, em 1711, Carlos de Hamburgo se converteu em imperador da Áustria depois da morte do seu pai. Em 1714 Felipe V conquista Barcelona e a Coroa de Aragão se rende. O famoso Tratado de Utrecht⁹ (1713) põe fim à guerra e estabelece o final das hegemonias e o princípio do equilíbrio europeu. Sendo assim, Felipe V foi reconhecido rei da Espanha e Luiz XVI teve que renunciar à ideia de unir a França e a Espanha e Felipe V renunciou ao seu direito ao trono francês. No entanto, no final de tudo foi a Espanha que saiu perdendo no que diz respeito aos domínios europeus. O modelo absolutista de governo francês na Espanha teve como primeiros reis Borbons Felipe V e a Fernando VI, que implantaram um plano de poder unificado reorganizando os reinos de acordo com o modelo de Castela. Todos os outros reinos perderam a autonomia que possuíam, tal modo de governar impôs uma reforma na administração central e local, apenas as regiões que apoiaram aos Borbons na guerra conseguiram conservar seus privilégios.

Fica evidente que o Tratado de Utrecht (1713) fez a Espanha perder posses e ficar sem poder. Os reis espanhóis Felipe V e Fernando VI tentaram de várias formas racionalizar e mudar radicalmente a administração e o governo, mas o monarca que mais e melhor assimilou os ideais ilustrados foi Carlos III que assumiu a coroa espanhola quando Fernando VI, seu irmão, morreu sem deixar descendentes. Carlos III era partidário das ideias que circulavam pela Europa naquele momento estava completamente de acordo e a favor desde que a apropriação se convertesse em medidas que ajudassem a melhorar o governo e a nação em geral e que fossem partidários da monarquia absolutista.

O rei Carlos III durante o seu reinado tinha a seu dispor uma equipe de governo de confiança que junto a ele tentaram implementar um conjunto de medidas que ficou conhecido como as reformas borbônicas, tais reformas começaram a ser planejadas antes, mas se intensificaram com Carlos III no poder, os planos que englobavam sanções relacionadas à ordem pública, ao saneamento, entre outras. No que diz respeito ao âmbito econômico o monarca contou com ministros conhecidos e ilustres como Pedro Rodriguez Campomanes, Conde de Aranda, Pablo Olavide e Gaspar Melchor de Jovellanos, que se interessavam pelo

⁹ Constituiu um conjunto de imposições à Espanha e à França determinado pelos países vencedores da Guerra de Sucessão Espanhola. As resoluções desse tratado redefiniram parte da geografia da Europa e colaboraram para acelerar o processo de ruptura com o pacto colonial da Espanha com suas colônias na América.

progresso, pela ciência e viam a educação como único veículo capaz de mudar o rumo do país. Este grupo era contra a ordem religiosa e os privilégios, estavam dispostos a implementar uma educação útil e prática para todos, com um plano que tinha como base promover novos conhecimentos. Pretendiam assim reformar a nação espanhola no âmbito econômico e tentar acabar com o controle que era exercido pelos eclesiásticos e pelos nobres, pois, entendiam que esses eram os principais motivos da origem do atraso que a Espanha tinha em relação aos outros países da Europa.

À guisa de exemplificação, nos deteremos na figura de Gaspar Melchor de Jovellanos (1744-1811), um dos maiores exemplos de intelectuais ilustrados da época, um típico visionário e modernizador. Para ele, a educação era a chave para a prosperidade de uma educação com caráter público, teórico-prático, moral e humanística, sua figura se encaixa perfeitamente no espírito da Ilustração. No artigo intitulado “Gaspar Melchor de Jovellanos, pedagogo ilustrado”, o autor Valentín Pérez (2020) relembra algumas das contribuições desse ilustrado, e evidencia que havia uma certa preocupação em tentar resolver os problemas que assolavam a nação. Podemos verificar quando descreve a figura de Jovellanos:

El genial pintor Goya (1746-1828) le inmortalizó con un retrato en la primavera de 1798, en el que nos encontramos, como dice Alonso Fernández (1999, 270), “con un Jovellanos en actitud meditabunda y melancólica, con el cuerpo desfallecido y la cabeza caída y apoyada en la mano izquierda, dirigiendo una vaga mirada preocupada y humilde o cabizbaja propia de una mente reconcentrada en sí misma”. (PÉREZ, 2020, p. 2).

A pintura do artista Francisco Goya¹⁰ (1798) sugere esta preocupação que Jovellanos parecia ter, pois, Jovellanos sempre esteve preocupado e tinha a intenção de projetar uma sociedade melhor. Apesar de todas as dificuldades que encontrou pelo caminho nos deixou um legado com inúmeras obras e em todas elas o reformismo certamente foi o ponto central.

¹⁰ O retrato de Gaspar Melchor de Jovellanos, 1780-1782, sobre lienzo, do pintor Francisco de Goya. Encontra-se no Museu de Bellas Artes de Asturias, Oviedo.

Figura 1 - Gaspar Melchor de Jovellanos, um dos melhores conselheiros de Fernando VI, Carlos III e Carlos IV.



Fonte: El Cierre Digital, 2020. Disponível em: <https://elcierredigital.com/cultura-y-ocio/762645377/reinado-Carlos-III-mejor-borbones-espana.html>. Acesso em: 17 mai 2021.

O fato de o autor ressaltar a preocupação de Jovellanos não nos surpreende se pensarmos na situação que a Espanha se encontrava naquele momento. Sabemos que as obras escritas pelo espanhol têm como base as reformas e deixaram uma grande marca no setor político, social, econômico e pedagógico, uma vez que Jovellanos fez parte do grupo dos ilustres intelectuais ilustrados que colaboraram para tentar sair do período de decadência em que o país se encontrava.

2.1 ESPANHA, DECLÍNIO E DECADÊNCIA

Ressaltaremos aqui alguns dos principais fatores que levaram a Espanha a essa situação de declínio e decadência, um país que perde sua hegemonia, suas posses e fica relegado a um segundo plano a nível europeu. Além disso, discutiremos sobre algumas polêmicas e opiniões que surgiram entorno da ideia e imagem de uma Espanha em declínio em relação aos outros países da Europa, o obscurantismo religioso e a ineficácia do governo como possíveis causas e consequências da decadência.

A princípio do século XVI a Espanha ocupava uma posição invejável no que diz respeito a economia, por essa razão a indústria começa a ter um alto progresso devido ao crescimento

demográfico, ao mercado americano e produção da manufatura que passava por uma boa época de produção e exportação de vários produtos que eram transformados e exportados para países como a França ou a Inglaterra. No setor da agricultura tudo também evoluía positivamente, nessa época a Espanha era o centro do poder político e financeiro do mundo. O rei espanhol exercia seu poder não só em seu país e no império americano, mas também em outros lugares da Europa. Ao analisar ou comparar esse período de apogeu com a situação do final do século XVII e século XVIII nos encontramos com uma Espanha que sofre uma profunda crise política e econômica que os historiadores chamam e definem como o período da Decadência Espanhola. Sobre o século XVIII espanhol, o autor Cordiviola (2010a) faz as seguintes considerações:

Um espectro ronda o século XVIII espanhol: o espectro da decadência. Pensadores e burocratas unem-se para conjura-lo, mediante escritos que diagnosticam os males presentes e apontam soluções futuras a serem aplicadas sem demora. Instituir a decadência como problema a ser resolvido supõe uma referencia, direta ou velada, a um passado de esplendores e conquistas. Mas os autores são homens do seu tempo, e sabem que as condições da época eram muito diferentes das que imperavam nos gloriosos (ou pelo menos podiam ser imaginados como gloriosos) reinados de Carlos V e Felipe II. O século XVI estava muito longe, a geopolítica mundial era outra e aquela hegemonia espanhola tinha sido muito disputada, e perdida, de maneira incontestável. Mas era tempo de reformas, e as reformas eram vistas como um instrumento de perfectibilidade, amparadas por um otimismo reservado e uma confiança plena nas disposições da razão. (CORDIVIOLA, 2010a, p. 31).

São diversos os fatores que levaram à essa situação dentre os quais devemos considerar como principais: os custos da política, o empenho com a defesa da fé católica, o conflito com a França e com a Inglaterra pela defesa do monopólio americano. Causas que tiveram grandes consequências no âmbito econômico pelas necessidades de financiamento que demandavam e os altos custos que exigiam e que a economia espanhola não podia suportar. Será precisamente o descobrimento da América que facilitará os vários processos e movimentações que levam o país a uma conjuntura que permitiu o seu período de apogeu e logo o de declínio. Levando em consideração o papel que as instituições tinham naquela época e pensando a monarquia espanhola como a grande instituição que foi, que representava um sistema de governo que trabalhava a favor das elites e de uma coroa que possuía um sistema autoritário e centralizado cuja as decisões influenciavam diretamente sobre as questões econômicas e individuais um sistema que adotava qualquer tipo de medida para poder garantir e concentrar o poder nas mãos de poucos, com escassos benefícios e incentivo para as inovações, o que foi, portanto, incompatível com o crescimento econômico, nessas condições era praticamente impossível progredir.

A chegada de Colombo na América ano de 1492 foi o fato histórico que coincidiu com a implementação do absolutismo, podemos dizer que um episódio tão importante como este influenciou no equilíbrio econômico e político da Espanha e de outros países, com isso o rei espanhol passa a ter uma independência financeira derivada das remessas de ouro e prata que chegavam das colônias, fato que não acontecia com nenhum outro monarca, e que dava ao rei espanhol um poder político praticamente sem limites. Os monarcas espanhóis fizeram todos os tipos de intervenções nos mais diversos setores, a partir dessa postura passaram a ter um alto índice de inflação como consequência, algo que nunca havia acontecido até o momento, sendo assim, uma das consequências dessas medidas que foram tomadas foi a decadência como um processo político onde entram vários fatores, mas que sem dúvida um dos principais foi o monetário.

Quando a monarquia absolutista foi estabelecida muitos fatores foram modificados e começou a surgir certa instabilidade econômica, inseguranças nos setores jurídicos, ataques à propriedade privada, também houve um enorme controle sobre a emissão de dinheiro e a alteração sobre o valor deste, o rei Felipe II, deixou de pagar suas dívidas a partir de 1557, fato que foi se repetindo inúmeras vezes com o passar do tempo. Porém, o impacto do absolutismo no comércio e no desenvolvimento do império colonial foram essenciais, os reis espanhóis eram de fato absolutistas, não deram espaço às cortes e sempre eliminaram qualquer possibilidade de que alguém pudesse restringir seu poder, então ao mesmo tempo que a Inglaterra estava criando e pensando em uma nova forma mais moderna e eficiente para seguir adiante, a Espanha cada vez mais monopolizava o comércio e os direitos de propriedade, o que reforçava o papel monopolizador e assim as consequências eram previsíveis. A independência financeira que a Espanha tinha em seu apogeu era oriunda das remessas dos metais preciosos que recebiam, mas que com o tempo foi se esgotando.

É certo e está claro que os reis espanhóis tentaram centralizar o poder no Estado, o controle sobre as cortes foi tão grande que os acordos que eram feitos quase nunca eram cumpridos pelo rei, os tesouros que recebiam da América não foram suficientes para custear tal forma de política, e assim tiveram que buscar alternativas como o crédito bancário ou as negociações monetárias para poder assim financiar o grande déficit público e inevitavelmente o resultado de todas essas ações foi sem dúvida a decadência econômica no século XVIII. Outro ponto importante foi que à medida que as necessidades da coroa espanhola eram maiores o rei passava a incrementar a pressão fiscal, nesse momento as remessas de ouro e prata já não serviam como garantia, sendo essa mais uma das causas que levaram o país ao declínio.

Se compararmos como se deu o desenvolvimento do poder absolutista na Inglaterra e na Espanha encontramos que o país inglês desenvolveu medidas e fez com que as bases da sua economia melhorasse, gerando o ambiente oportuno para que pudesse surgir a tão famosa Revolução Industrial, já a Espanha ficou estancada e se afundou em uma economia em crise da qual não se recuperou até mais ou menos meados do século XVIII, com uma economia que dificultava a expansão econômica por conta do controle do Estado com os Bourbons no poder. Isso nos sugere, mais uma vez, que a intervenção da monarquia espanhola¹¹ e seus efeitos foram realmente as principais causas da decadência e cabe ressaltar que a monarquia gozava de uma série de privilégios reais que também favoreciam as elites e aos eclesiásticos.

Outro grande exemplo de escritor que tentou apontar e diagnosticar o problema do povo espanhol é o escritor José Cadalso (1741-1782), escritor ilustrado, ensaísta, poeta, intelectual e militar espanhol, embora de formação neoclássica, é considerado um dos maiores nomes das ideias ilustradas na Espanha. Em sua obra *Cartas Marruecas* (1789), José Cadalso usa o artifício do viajante estrangeiro para acentuar o contraste com a sociedade espanhola que estando longe de sua pátria observa a realidade do país que visita e escreve cartas a um amigo contando-lhe seus sentimentos e impressões sobre a nação espanhola, através de noventa cartas faz uma crítica e podemos dizer uma sátira à Espanha.

Através do gênero epistolar analisa a vida e os costumes da sociedade espanhola, critica os erros que ocorreram no passado como políticos e do governo, a falta de desejo e ânimo dos jovens, o declínio da ciência e do progresso, e o orgulho como pecado nacional no país, com um estilo direto e muito simples, sua obra tem uma leitura leve devido à sua função didática e informativa como era costume na época. As cartas têm interesses e temas variados, nos dão uma visão de como um cidadão espanhol do século XVIII via a sociedade do seu país. José Cadalso é mais um exemplo de escritor e ilustrado que tentou a partir dos seus escritos diagnosticar os problemas da Espanha para assim tentar resolvê-los, também escreveu *Defesa de la nación española contra la Carta Persiana LXXVIII*, de Montesquieu, onde rebate as críticas feitas a Espanha pelo ilustre autor francês que escreveu *As cartas Persas* (1721), obra com teor satírico que indica que seu autor não estava de acordo com a maneira como se vivia no modelo do absolutismo, onde tudo estava centrado no Estado e que se deixava de lado qualquer tentativa de solução dos problemas que pudessem possibilitar o avanço e o progresso,

¹¹ Para compreender melhor este período consultar: LYNCH, John. *España bajo los Austria*. Vol.2: *España y América* (1598-1700). Barcelona; Península, 1975, p. 108.

também está fortemente presente a crítica à igreja, pois, o anticlericalismo é o traço característico do iluminismo.

Em relação ao que se debate, temos mais um exemplo sobre o que escreviam em relação à Espanha naquela época, está no ensaio “Polemizando sobre a decadência: confrontos na Espanha bourbônica”, do autor Alfredo Cordiviola (2010b) onde analisa as repercussões e consequências que tiveram na Espanha com a publicação do artigo “Espagne”, escrito em 1782 por Nicolás Masson de Morvillers, publicado na Enciclopédia Metódica, onde o principal objetivo do artigo foi denunciar o fatal estado de decadência em que se encontrava a Espanha, provocado segundo o autor, pelo obscurantismo religioso e a ineficácia dos governos.

Segundo Cordiviola (2010b), o nome do autor Nicolás Masson de Morvillers possivelmente teria sido esquecido, se ele não tivesse escrito esse artigo tão polêmico e ofensivo para a Enciclopédia em 1782, o editor que organizou o projeto escolheu especialistas em diferentes áreas e com isso aspirava a fornecer um completo e útil repertório para o homem ilustrado. Em seu trabalho “Masson propõe outras três subdivisões, que possam registrar as mudanças que houve no mundo: a geografia antiga, a do medievo e a moderna” (CORDIVIOLA, 2010b, p. 111). Como podemos verificar no trecho, a seguir:

O primeiro aspecto que o autor assinala é o evidente estado de decadência em que a Espanha se encontra, estado que teria sido provocado pela “debilidade de su gobierno, la inquisición, los frailes, el perezoso orgullo de sus habitantes” (Masson 1782:24). Masson não era o primeiro, nem seria o último, em denunciar a decadência espanhola durante o século XVIII. De fato, isso era quase um lugar comum no pensamento político europeu da época, e fazia também parte, como um leitmotiv recorrente, das reflexões dos letrados espanhóis que aspiravam a intervir no presente e a oferecer alternativas que pudessem reverter essa situação. (CORDIVIOLA, 2010b, p. 111).

Foram vários os autores que escreveram sobre a questão e a situação da decadência e do declínio da Espanha, conceitos como a ideia sobre o caráter nacional e a decadência foram incessantemente explorados. Nicolás Masson de Morvillers foi um dos que não se intimidou em criticar ferozmente e em afirmar que a Espanha possuía uma absoluta incapacidade científica.

Nos textos escritos sobre a Espanha no século XVIII principalmente se pensarmos nos escritores que se dedicaram a escrever sobre a economia ou sobre as questões da administração política, também verificamos que os textos tratavam de temas como a ociosidade ou a improdutividade, o que colocou em destaque a ideia do “caráter nacional” diretamente associado a questão da decadência. Este conceito foi apontado logo na primeira metade do século por Feijoo e também pelo autor José Cadalso como mencionado anteriormente. Entretanto, a ideia de decadência e declínio não será vista por todos os intelectuais espanhóis,

principalmente porque alguns acreditavam nos esforços realizados desde o reinado de Carlos II.

Alguns dos escritores do Século das Luzes que se dedicavam ao tema da economia mostraram um claro otimismo em relação às possibilidades de crescimento econômico mesmo reconhecendo que a Espanha estava em atraso em relação às grandes potências europeias, nesta época escrevem várias obras que se inserem no gênero que é denominado “projectismo”, escritos principalmente por funcionários públicos, com a intenção de identificar e apontar os problemas existentes nos setores da administração e contribuir com possíveis soluções.

Tais projetos eram considerados de natureza utilitária dentro do conceito de coletar dados úteis que foi muito utilizado pelos escritores do Século das Luzes. Escritores e personalidades de muita importância no século XVIII escreveram esses tipos de texto tais como: José del Campillo y Cosío escreveu “Lo que hay de más y de menos en España en 1741” e José de Gálvez, que escreveu o “Discurso y reflexiones de un vassalo sobre la decadência de nuestras indias” funcionários, ministros e servidores do rei escreveram muitas e grandes obras, o projectismo floresceu durante o século XVIII e surgiram textos de variadas índoles que arguem e apontavam soluções para as situações. A esse respeito, Cordiviola (2010a) observa que:

Os textos podiam levar as mais diversas denominações, como “Advertencias”, “Instrucciones”, “Reflexiones”, “Memorial”, “Proposición”, “Manifiesto”, “Aviso”, “Sistema”, “Tratado”, “Remedio”, entre muitos outros, mas por trás de todos esses títulos há sempre um elemento comum, uma voz que medita, revisa e expõe suas ideias, uma voz que se sente autorizada, por experiência e dedicação, para lançar suas observações e propostas. (CORDIVIOLA, 2010a, p. 32).

No entanto, os escritores estrangeiros mantinham uma opinião contrária em relação aos espanhóis e realidade do país, onde a Espanha era vista como uma nação em decadência em setores políticos, econômico, cultural e sem perspectivas de mudança. No século XVII a Espanha ficou de fora do Grand Tour sendo um país pouco conhecido no século XVII e pode ter sido por isso que os aspectos mais negativos sobre o caráter espanhol foram herdados principalmente dos livros de viagens em que predominavam as descrições de uma nação que tinha um povo preguiçoso, ignorante e fanático no que diz respeito à religião, tais descrições foram mencionadas em inúmeras obras e eram apresentadas como uma das causas básicas ou principais do que era o atraso da Espanha.

Os franceses foram uns dos principais propagadores dessa fama e imagem que a Espanha adquiriu ao longo do tempo, temos o exemplo de Montesquieu na *Carta LXXVIII de sua obra Cartas Persas* (1721) citada anteriormente, onde aparecem várias críticas à nação espanhola, em que o autor toca no ponto da tradição religiosa, sobre a inquisição e também critica os livros espanhóis dizendo que a compreensão e o entendimento universal não deveriam ser buscados a partir de obras espanholas, pois os espanhóis só dispunham de livros eclesiásticos ou de romances. Sabemos que o século XVIII se configura como uma etapa muito interessante na história, um período cheio de contrastes e transformações que fizeram com que a Espanha estivesse preparada para poder entender os acontecimentos fervorosos do século XIX, por essa razão é de grande importância entender os acontecimentos, as obras e os pensamentos dos autores.

Se pensarmos em como foi a atuação da coroa espanhola durante o Século das Luzes e em especial na segunda metade do século verificamos que esse período não foi lento e passivo e sim com grandes ações políticas principalmente durante o reinado de Carlos III que fez um governo centrado na Espanha e ficou conhecido como o “rei ilustrado” por ter sido o monarca que mais fomentou e propagou os ideais da Ilustração. Podemos dizer que com Carlos III ensaiam-se algumas mudanças institucionais, para o escritor John Lynch (2005), as reformas borbônicas representavam uma nova colonização na América, fato que inaugurou uma etapa de sua história, o “segundo império” que provocou e incitou questionamentos em relação a identidade e que conduziu o povo às lutas pela independência como em séculos anteriores.

Os reis Borbons que governaram a Espanha durante o século XVIII foram: Felipe V, Luís I, Fernando VI, Carlos III e Carlos IV. Os reinados de Luís I e o de Fernando VI não tiveram grande repercussão e passaram praticamente despercebidos enquanto os de Felipe V e Carlos IV estão muito associados às Guerra de Sucessão e a Independência, sendo assim, Carlos III aparece como o grande protagonista e figura central enquanto monarca do século das luzes espanhol. Está entre as mais notáveis figuras e ocupa um lugar hierárquico principalmente pelo papel que representava e por todas as reformas que executou que lhe valeram tal fama. Em 20 de janeiro de 1716 nascia em Madri o terceiro filho homem de Felipe V, primogênito em seu matrimônio com Isabel de Farnesio. Foi chamado de Carlos pelos seus pais, ao passo que não estava destinado a reinar, mas morreu quando ainda ocupava o reino espanhol depois de conseguir recolocar a Espanha entre as grandes potências europeias. Um rei reformador que foi coroado duas vezes, primeiro em Nápoles (1734-1759) e depois na Espanha (1759-1788), Carlos III soube cercar-se de colaboradores competentes e fiéis que junto a ele fizeram com que sua corte se tornasse uma das mais avançadas da Europa.

Considerado por muitos estudiosos do século XVIII como um governante único, com a fama de que sempre tentou melhorar a vida de seus súditos, e que nunca colocou os interesses dinásticos antes dos da nação.

Foi exatamente durante o seu reinado que a Espanha começou a ser reconhecida como uma nação com um soberano comum, deixando de lado a ideia de conjunto de reinos e territórios que havia até então. O desejo de sair adiante foi fomentado pelo monarca durante todo o seu reinado, fiel à ideia de otimizar o governo, fazer o país crescer, investir na educação e no desenvolvimento da economia se destacou principalmente porque sempre colocou os objetivos da nação e do povo na frente de todos os outros. Realizou grandes feitos, um dos principais foi a maneira como promoveu a construção das obras públicas na capital da Espanha, nessa época construiu monumentos que são emblemáticos até os dias de hoje como: Puerta de Alcalá¹² e La fuente de Cibeles¹³. Também consolidou o Estado-nação, a criação do hino e da bandeira espanhola também estão associados a esta etapa.

Sabemos que a Espanha nesse período vivia um grande momento de incertezas, depois da rebelião popular “El Motín de Esquilaches”¹⁴ (1766) onde ficou evidente as miseráveis condições de vida das pessoas mais humildes, o rei Carlos III e seus colaboradores resolveram tomar novas medidas e dar início a uma série de reformas, com a intenção de tentar estabelecer a ordem e conduzir o país ao desenvolvimento. Outro fato importante e radical foi a expulsão dos jesuítas no ano de 1767, que tiveram seus bens e suas posses confiscados e que foram acusados de provocar a rebelião citada anteriormente. Sobre a expulsão dos jesuítas, Cordiviola (2010b) nos assevera que:

A expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis, cumprida em 1767, culmina o processo de dissolução da outrora poderosa Companhia iniciado anos antes em Portugal e na França, e assinala o desfecho das longas disputas e suspicácias entre as monarquias e a igreja que vinha se alastrando ao longo do século. Os vínculos com o Papa e a relativa autonomia em relação à autoridade episcopal, a influência dos jansenistas nas cortes, os boatos sobre conspirações e revoltas, a negativa a pagar o dizimo, as tensões com as burocracias reais e os colonos, as hipotéticas riquezas acumuladas e o suposto escolasticismo ortodoxo que imperava na pedagogia jesuítica

¹² Monumento situado na praça da independência, na rua de Alcalá em Madri na Espanha. É consttuído por duas portas retangulares que ladeiam três arcos e foi construído no ano de 1778 pelo rei Carlos III para servir como porta de entrada da cidade, o projetista foi Francisco Sabatini.

¹³ Monumento construído no século XVIII e baseado em um desenho de Ventura Rodriguez de 1782, sobre a deusa Cibeles (deusa grega da fertilidade).

¹⁴ Revolta popular de caráter social ocorrida na Espanha em março de 1766, com reivindicações políticas e econômicas, teve como principais consequências o exílio do marquês de Esquilache, o principal ministro do rei e logo a expulsão dos jesuítas. O principal motivo da revolta foi supostamente o aumento do preço dos alimentos, que causou uma situação de fome entre as classes populares e que foi atribuída às medidas políticas de reforma econômica promovidas por Esquilache.

são assinalados frequentemente como os motivos principais que geraram a aversão contra a Ordem. A pragmática Sanção promulgada por Carlos III envia ao exílio italiano mais de cinco mil membros procedentes das diversas regiões da península e dos territórios de ultramar. (CORDIVIOLA, 2010b, p. 75).

Esta medida, assinada por Carlos III, gerou um ambiente hostil e abalou o Cristianismo, pois, a Companhia de Jesus era a maior ordem católica masculina da época, fundada pelos espanhóis e atuava na Espanha desde a Contra Reforma até a evangelização na América. As principais razões para a expulsão foram atribuídas ao fato de os jesuítas terem aumentado enormemente suas riquezas durante as missões e a acusação de participar do Motín de Esquilache (1766).

Na imagem abaixo temos o episódio da expulsão dos jesuítas, um acontecimento de maior relevância durante o governo de Carlos III.

Figura 2 - “Expulsión y embarque de los jesuítas de los Estados de España, por orden de S. M. C, el 31 de marzo de 1767”. Grabado en plancha de cobre, ca. 1800. [Foto: Wikimedia commons]



Fonte: El Cierre Digital, 2020. Disponível em: El Cierre Digital, 2020. Disponível em: <https://elcierredigital.com/cultura-y-ocio/762645377/reinado-Carlos-III-mejor-borbones-espana.html>. Acesso em: 17 mai 2021.

Foram inúmeras as medidas e reformas empreendidas pelo rei espanhol, vale lembrar que em meados do século XVIII era necessário encontrar uma forma eficaz de expansão que permitisse aos europeus conhecer um mundo que lhes parecia alheio. Para muitos estudiosos, Carlos III foi o monarca que melhor representou os valores progressistas, os sonhos do movimento ilustrado e a busca por conduzir a Espanha a um cenário internacional. Querido e próximo ao povo, adquiriu a fama de ter governado para o povo. Atentemos para a imagem onde vemos Carlos III sendo reverenciado pelos seus súditos.

Figura 3 - José Odriozola. Carlos III funda las colonias de Sierra Morena. Óleo sobre lienzo. Real Academia de Bellas Artes de San Fernando.



Fonte: Daniel Crespo Delgado, El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794), 2008, Valencia – España, p. 43. Acesso em: 17 mai 2021.

Ainda em relação ao rei Carlos III sabemos que no que diz respeito aos seus feitos, foi um rei centrado na política e na administração, cercado por ilustres intelectuais e figuras que o ajudaram na tentativa de modernizar a Espanha. Se preocupou em embelezar várias cidades espanholas, uma delas foi Madrid, tendo criado hospitais públicos, jardins, praças, desenvolveu um novo plano universitário, criou o Museu do Prado, o jardim botânico, o famoso hospital San Carlos, o banco San Carlos que mais tarde seria o banco da Espanha. Foram várias as contribuições para a melhoria do país. Nos primeiros anos do seu reinado emitiu uma Real Cédula, lei que determinava que ficava proibido o uso do idioma catalã em todos os níveis de educação e ordenava que era obrigatório dar aulas apenas na língua castelhana, essa lei também restringia o uso de outras línguas no território espanhol, essa proibição do catalã já estava presente desde 1717 com o pai de Carlos III, e valia apenas para os estudos de nível superior. Como podemos verificar na imagem, a Real Cédula emitida pelo monarca:

Figura 4 - Real Cédula decretada por Carlos III que obligaba a usar el castellano en el Reino de Aragón.



Fonte: El Cierre Digital, 2020. Disponível em: <https://elcierredigital.com/cultura-y-ocio/762645377/reinado-Carlos-III-mejor-borbones-espana.html>. Acesso em: 17 mai 2021.

O autor Antonio Ponz em sua obra *Viage de España* (1772-1794) não deixou de reconhecer a importância do governo do rei Carlos III e o papel dos seus ministros em relação à propagação dos ideais ilustrados e benefícios que realizaram para o país, no âmbito das artes, obras públicas e melhorias em geral. Principalmente porque Ponz foi amante das Belas artes e as obras públicas têm um lugar de destaque em seu trabalho, além de suas viagens pela Espanha terem começado após um pedido oficial do governo.

3 LITERATURA DE VIAGEM: GÊNERO, MUNDOS E DIVERSIDADES NO SÉCULO XVIII

Neste capítulo, discutiremos os aspectos do gênero Literatura de Viagem no século XVIII, pensar qual é a questão central dessa literatura em que temos um texto que fala de um movimento e um lugar, geralmente escrito em primeira pessoa e tem uma visão subjetiva que acompanha o itinerário. Caberá também analisar as ideias do livro de viagem e da literatura de viagem, pensar no gênero epistolar, nos diários, nas crônicas e na ideia de que o homem sempre viajou e que sempre contou suas viagens em seus relatos, algo que acontece desde a antiguidade até os dias atuais.

O desejo pelo conhecimento e pelas aventuras, a vontade de conhecer lugares ainda não visitados, de tentar aproximar-se de outras culturas estão presentes no interior do homem fazendo com que ele sinta necessidade de deslocar-se. A narração desses relatos feitos a partir de tais deslocamentos é o que chamamos de Literatura de Viagem, através desses escritos somos convidados a conhecer o mundo, outras épocas, histórias e culturas de diferentes lugares, além de adentrar por outros estudos, pelo fato dessa literatura estar unida a outras ciências como a história, a geografia, a arte, a antropologia e etc. A esse respeito, Tovar (2008) esclarece o seguinte: “Cuando el viaje, sea real o ficticio, adquiere forma literaria (novela, ensayo, cartas, diario) se convierte en un relato que toca infinidad de asuntos y no tiene en cuenta saberes específicos de ninguna disciplina” (TOVAR, 2008, p. 261). Dito isso, podemos afirmar que a Literatura de Viagem é um gênero aberto, com diferentes modalidades e que está presente nos grandes relatos da história da humanidade. Como indica, ao falar da viagem e do relato, o autor Luis Albuquerque-García (2011):

No es una novedad afirmar que el viaje ha presidido los grandes relatos de la humanidad. Partes importantes de la *Biblia* o *La Odisea*, sin ir más lejos, se vertebran en torno a un viaje. Pero aún más. El viaje y su relato no han dejado de tener una presencia constante a lo largo de la historia. Como ya he dicho en alguna otra ocasión, viaje y vida son, en cierto sentido, sinónimos, ya que su fuente y raíz se encuentra en el desplazamiento mismo. Teniendo en cuenta estas dos premisas (su amplitud y su secular supervivencia) se podría empezar sugiriendo que la literatura de viajes recorre toda la historia (o gran parte de la historia) y que el viaje forma parte de la condición humana, pero no sólo como producto de la curiosidad, sino como verdadera necesidad vital. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 16).

Albuquerque (2011) enfatiza na passagem acima a presença do relato de viagem na história e sua importância. Neste sentido, ressaltamos que os livros de viagens foram um dos

meios mais utilizados para informar aos leitores sobre os descobrimentos daqueles que viajavam às terras distantes e que sempre houve na história diferentes motivos para viajar como: o descobrimento de novas terras, a extensão do Cristianismo, a busca por riquezas, a busca pelos dados fiáveis da chamada viagem ilustrada, as explorações e etc. Um dos períodos em que os relatos de viagem passaram a ter uma grande popularidade foi na época da expansão colonial e do desenvolvimento científico do Ocidente, nessa época os livros contam histórias que são ambientadas em terras distantes, lugares exóticos que mostram a vida e os costumes de outros povos, tais obras começam a satisfazer o desejo de um público leitor que almejava conhecer outros lugares, que provavelmente só conheceriam através dos livros, porém de maneira geral o relato de viagem sempre teve sua importância e papel no decorrer da história.

Na Espanha da segunda metade do século XVIII se multiplicaram os trabalhos literários que em forma de livros de viagens buscaram definir e divulgar as linhas e os objetivos principais que estavam sendo elaborados pela coroa espanhola, revelando-se assim como um instrumento que justificava as ações. Os motivos das viagens são diferentes de acordo com cada época e lugar, neste período a viagem modifica seu conceito, principalmente, devido às grandes mudanças ocorridas na Europa com acontecimentos como a Revolução Industrial e Científica. As ideias que circulavam eram de liberdade, fraternidade e racionalidade, tais ideais impulsionaram as viagens e o objeto desses deslocamentos passam a ser o conhecimento, como se a viagem passasse a ser sinônimo de verdade e certeza.

Esta intenção de transmitir conhecimento e informação fidedigna é a que encontramos na base dos textos de viagem no Século das Luzes, em que o ato de viajar foi muito importante e fortaleceu o uso da razão com o objetivo de penetrar a realidade, conhecê-la para posteriormente modificá-la. O viajante ilustrado era um cidadão de um novo mundo que estava em movimento, um homem objetivo que possuía caráter utilitarista, que procurava observar tudo atentamente na tentativa de exercitar a arte de pensar e de ser racional, ou seja, o uso da razão.

Neste momento são abundantes os diferentes questionamentos em relação à determinados elementos estruturais da monarquia e do Antigo Regime, cuja finalidade abarcava os desejos de reforma. Esse foi um dos motivos pelo qual os ilustrados se converteram em “projectistas”, ou seja, produtores das propostas para alcançar o desenvolvimento do país no que diz respeito a vários setores, o projectismo, foi um gênero herdeiro dos séculos anteriores bastante utilizado pelos ilustrados, e a viagem atuou como um instrumento desse gênero, com a intenção de conseguir a tão almejada felicidade.

Ainda pensando nos relatos produzidos nessa época, no que diz respeito ao século XVIII, de acordo com o autor Luis Albuquerque-García (2011), temos os seguintes exemplos:

En los siglos XVIII y XIX se produce en diversas literaturas europeas una gran floración de relatos de viaje, entre los que cabe citar *Las Cartas persas* de Montesquieu (1721), *Los Viajes de Gulliver* de J. Swift (1726), *Cándido* de Voltaire (1759), *Robinson Crusoe* de D. Defoe (1819-1820), *La vuelta al mundo en ochenta días* de J. Verne (1783), *La isla del tesoro* de R.L. Stevenson (1893), etc. Y en nuestra literatura, el *Viage de España* (1772-1794) de Antonio Ponz; *Las cartas del Viaje de Asturias de Jovellanos*, así como sus *Diarios* (1790-1810); *De Madrid a Nápoles* (1879), de Pedro Antonio de Alarcón; *Recuerdos de Viaje por Francia y Bélgica* (1862), de Mesoneros Romanos; *Cuarenta leguas por Cantabria* (1879), de Pérez Galdós; *Por Francia y por Alemania* (1889), de Emilia Pardo Bazán, entre muchos otros. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 69).

Desse modo, observamos um percurso histórico onde aparecem nomes de obras relevantes escritas nos séculos XVIII e XIX, fica evidente a quantidade de escritos que pertencem à literatura universal que podem ser considerados como livros de viagem, também devemos ressaltar que possuem características próprias com uma estrutura tipicamente narrativa.

O autor Álvaro Fernández Bravo (2007) expõe algumas particularidades do gênero:

Un libro de viajes habla de una sociedad, la describe y presenta una imagen de ella para un público que por lo general la desconoce. El viajero funciona como intermediario entre dos espacios opuestos, a los que conecta entre sí: recorre un territorio desconocido, escribe sobre lo que ve y lo transmite a un lector distante, con el que comparte un código (lingüístico, pero también cultural) y con quien crea una complicidad frente a esa cultura extraña que describe. El viajero siempre se parece a un espía: observa y anota, acumula información sobre una sociedad lejana y la transmite a un público culturalmente próximo y geográficamente remoto, que ignora cómo es esa cultura y siente curiosidad por conocerla. (BRAVO, 2007, p. 2).

De acordo com o que esclarece o autor, entendemos que a literatura de viagem possui uma estrutura própria e peculiar e que relato, viagem e viajantes possuem suas funções. O livro de viagem funciona como um espelho do espaço descrito. O autor espanhol Antonio Ponz no século XVIII nos transmite a partir de seus escritos uma imagem da Espanha vista e analisada por ele.

Outro momento interessante é quando surgem os livros guias sobre as cidades, em que quase todos têm a Itália como o foco principal, este país torna-se o centro da cultura europeia e mais adiante o principal destino do Grand Tour, visto pelos demais países como o centro cultural da Europa onde todos os literatos e artistas colocam seus olhares para as ruínas clássicas e para as obras do momento.

Na Inglaterra no final do século XVII os nobres desempenhavam um papel relevante na política e na diplomacia, após um grande período de turbulências o país estabeleceu-se como uma monarquia parlamentar, adquirindo certa estabilidade política e religiosa, atravessando um momento de progresso devido ao início da industrialização. O desenvolvimento do comércio, as aplicações de novas técnicas de cultivo, e o grande impulso proveniente do poderio naval fizeram com que o país se tornasse uma potência, dentro desse contexto as famílias dos jovens aristocratas acreditavam que um dos seus deveres era zelar pelo bom funcionamento do bem público sentindo a necessidade de participarem da vida política. Por esta razão, as famílias estavam empenhadas em cuidar da educação dos jovens que mais tarde ocupariam elevados cargos, e assim começaram a investir na realização de uma viagem pela Europa. De acordo com Fernando Jorge Soto Roland (2017):

El Grand Tour pretendía ilustrar; enseñar a los futuros funcionarios del Imperio los logros conseguidos por las grandes civilizaciones pasadas, más allá de lo estudiado en los libros de texto. La necesidad de “*estar allí*”, como dijimos, se volvió imperativa. Pusieron en estado de alerta sus oídos para captar toda la información que consideraban estratégicamente vital para alcanzar sus objetivos de dominación mundial. (SOTO ROLAND, 2017, p. 2).

O Grand Tour ficou conhecido como um fenômeno social inglês devido às circunstâncias da época, os principais lugares visitados eram Paris e Roma. Na França, o que prevalecia era visitar os salões de Paris, onde tinham a oportunidade de conhecer personalidades importantes. Na Itália, as cidades que faziam parte do percurso além de Roma eram Veneza, Florença e Nápoles, os jovens normalmente viajavam acompanhados pelos seus tutores, que planejavam os percursos e os detalhes da viagem, não se tratava de uma viagem de lazer e sim uma viagem de caráter formativo e pedagógico. Como pontua a autora Mónica Bolufer (2007):

En el siglo ilustrado, la preceptiva y los propios relatos de los viajeros comenzaron a añadir a la dimensión pedagógica del viaje para la formación individual otra aplicación, ésta colectiva: su utilidad para la reforma del propio país, de acuerdo con el enfoque utilitario propio de las Luces. Una nueva visión de la actitud con que cabe afrontar el viaje, y de las enseñanzas que de él debe extraer el viajero. (BOLUFER, 2007, p. 114).

O que começou na Inglaterra foi se expandindo pela Europa e logo pela América Latina onde alguns jovens que pertenciam à alta sociedade aderiram à prática de viajar. Como indica o autor Gregorio Valera Villegas (2013), a viagem é uma experiência transformadora onde é possível experimentar o novo e conhecer a si mesmo, nessas viagens de formação não cabe uma visão de acumulação de informações como acontece em um tour turístico e sim o cultivo do eu

em uma experiência individual. Trata-se de uma viagem para ser sentida pelo viajante, principalmente pela quantidade de elementos novos que iam surgindo pelo caminho. Guiados por um espírito aventureiro e com a intenção de deslocar-se para conhecer o novo, como podemos comprovar nas palavras do autor a seguir:

La formación tiene, para nuestros fines, una inclinación hacia el formarse a sí mismo de manera completa. De esta manera la *bildung*, con especial referencia al individuo, se relaciona estrechamente con: el espíritu (*geist*) y la libertad (*freiheit*), claves para comprender la formación de un ser humano...El cultivo de sí, el autoformarse, implica un trayecto de sí interior/exterior, una realización inconclusa que supone una emancipación intelectual, ética y política. (VALERA-VILLEGAS, 2013, p. 196).

A argumentação desenvolvida pelo autor nos indica que as viagens causavam um grande impacto na formação dos jovens. O Grand Tour significou uma espécie de experimentos educativos onde os jovens que terminavam os estudos deviam complementar sua formação. No que diz respeito aos deslocamentos, devemos levar em consideração que eram considerados uma grande façanha devido às péssimas condições de deslocamento que os viajantes tinham que enfrentar, além de contarem com quase nenhuma infraestrutura em relação aos alojamentos e segurança, porém a recompensa era a possibilidade de conhecer *in loco* tudo o que era visto até o momento apenas através dos livros.

Nessa época, durante as viagens o que mais chamava a atenção eram as antiguidades e a veneração pelo antigo. Muitos viajantes entendiam que a partir do olhar ao estudo dos antigos as viagens alcançavam seu maior significado. O autor Gerad A. Bornheim (1975) esclarece que nessa época a obra do autor alemão Johann Joachim Winckelmann¹⁵ possibilitou a visão sobre o mundo antigo sob uma nova perspectiva, que o autor não apenas soube teorizar sobre os antigos, mas também soube problematizá-los. Bornheim (1975) contribui mais uma vez com sua reflexão:

Por “antigos”, Winckelmann entende a cultura grega clássica, e nisto encontramos a sua originalidade. Evidentemente, não, se pode afirmar, sem maiores explicações, que o nosso autor tenha descoberto os gregos. É que ele soube emprestar aos gregos e ao que considerava ser a Grécia clássica uma importância bem definida, situando-os, sobretudo, em tal perspectiva que os antigos passaram a ter uma nova modalidade de presença na cultura do Ocidente. De fato, antes de Winckelmann, por maior que tenha sido nos países latinos a preocupação com os gregos, pode-se afirmar que toda a cultura aquém dos Pirineus permaneceu sob o signo de Roma, e isso desde a Renascença até o Barroco. Característica fundamental permanece, devidamente glosada à contribuição cristã, a coincidência da *Humanitas* com a *Romanitas*. Mesmo antes da Renascença, durante mais de mil anos, Roma mantém-se como centro do

¹⁵ Historiador de arte e arqueólogo alemão, foi um helenista, o primeiro em estabelecer distinções entre arte grega, greco-romana e romana, o que resultou decisivo para o surgimento e ascensão do Neoclassicismo durante o século XVIII.

Ocidente, seja do ponto de vista católico-romano seja do ponto de vista do humanismo clássico, ciceroniano. Compreende-se assim, por exemplo, que se deplora a queda do Império Romano, mas que ninguém se lembre da queda de Atenas. (BORNHEIM, 1975, p. 145).

A partir do que aponta o autor no trecho acima, entendemos a importância da obra de Joachim Winckelmann para compreender os pressupostos estéticos da época, também que o pensamento do autor alemão está concentrado em uma nova concepção dos antigos. Sabemos que Winckelmann realizou esforços e dedicou-se integralmente aos estudos sobre o mundo grego, o ideal de voltar ao passado o acompanha em toda sua trajetória, apesar de fisicamente nunca ter conseguido chegar até a Grécia.

Por este viés, compreende-se o século XVIII como uma época de transição para um novo pensamento, em que as obras possuíam grande ousadia por suas reflexões. No campo das Artes Visuais à Ilustração provocou que houvesse uma retomada aos princípios racionalistas da arte clássica, onde surgiu o estilo que conhecemos como Neoclássico, que constitui uma nova interpretação da arte greco-latina, em que a necessidade de voltar a reconhecer o mundo antigo trouxe a de produzir obras teóricas. Bornheim (1975) elucida que Winckelmann, grande historiador de arte, recomendava aos jovens que no processo de iniciação aos mistérios da criação artística fizessem o aprendizado não a partir da natureza, mas da imitação dos antigos, e enfatizava um dos principais ideais que também era um dos seus principais pilares, a tentativa de haver possibilitado a visão do mundo antigo sob uma nova luz e com uma nova perspectiva. Sendo assim, Bornheim (1975) indica que:

Winckelmann adora Roma, sua pátria de adoção. “Abandonar Roma” escreve a um amigo, “é o mesmo que abandonar minha amada”. Nessa cidade, liberta-se da seriedade das catedrais góticas e consegue ver a beleza nos olhos, saciando assim sua nostalgia. Há quem diga terem os alemães estragado os olhos de tanto ler: com Winckelmann começa o aprendizado do ver. Mas o que mais interessa em Roma não é Roma, e sim a Grécia. (BORNHEIM, 1975, p. 150).

A partir das palavras do autor alemão, entendemos que sua teoria enfatizava o aprendizado a partir do ver, do registrar e reafirma sua adoração pela Grécia e seu amor à beleza da arte grega. Para ele o único caminho para avançar era a imitação aos antigos. Sabemos que quando Winckelmann prega a imitação da arte grega não se refere somente a uma cópia e sim à captação da natureza em seu estado puro e de perfeição, que segundo suas concepções só pode ser alcançado através dos gregos. O autor dá ao Classicismo alemão seu ideal de estética, que um pouco mais adiante será colocado em prática por Johann Wolfgang von Goethe, pois, foi na Alemanha, o homem que permaneceu mais próximo de Winckelmann, a teoria do aprendizado

do ver atinge em Goethe sua plenitude, que em sua obra *Viagem à Itália* (1786-1788), explica seu desejo de se tornar pintor e expõe sua concepção sobre a Grécia que conhecia a partir das leituras que realizou das obras de Winckelmann e de Lessing, formando assim seu conceito de imitação e enfatiza a relevância da prática do ver, observar. Como podemos verificar na passagem a seguir:

Interessam-me agora tão-somente as impressões captadas pelos sentidos, e estas livro algum, pintura alguma oferece. O fato é que meu interesse pelo mundo se renova; testo meu poder de observação e examino até onde vão minha ciência e meus conhecimentos, se meus olhos estão limpos e vêem com clareza, quanto posso apreender em meio à velocidade, e se as rugas sulcadas e impressas em meu espírito podem ser de novo removidas. Já neste momento, em que estou por minha própria conta, em que preciso estar sempre atento e presente, dão-me esses poucos dias ao espírito uma elasticidade inteiramente nova; tenho de me preocupar com o câmbio, trocar dinheiro, pagar, fazer anotações, escrever eu próprio, em vez de, como antes, apenas pensar, querer, refletir, ordenar e ditar. (GOETHE, 1999, p. 30).

Na literatura, os alemães vão buscar na Grécia suas inspirações, o Classicismo, estilo que será uma constante durante o século XVIII, desenvolveu-se de acordo com os valores da Antiguidade Clássica e a busca pela perfeição, tendo a harmonia como eixo, em que predomina o equilíbrio entre forma e substância e a racionalidade. Nesse sentido, o afã do colecionismo, o conceito da harmonia e a forma de enxergar o passado que começam no Renascentismo estiveram presentes ao longo do Século das Luzes.

No contexto do Século das Luzes uma das principais vertentes foi a preocupação por integrar as ciências e as artes, um desejo que formava parte do conhecimento universal que se desejava adquirir. As obras de arte permitiam, desde séculos atrás, ver e imaginar lugares que somente nossa imaginação poderia chegar, também foram durante muito tempo um dos meios mais efetivos para mostrar ao mundo a imagem e a ideia que os artistas tiravam dele.

Sobre a Espanha do século XVIII, é possível afirmar que mesmo com toda a sua riqueza histórica e patrimonial, não foi durante a época do chamado Grand Tour, um dos destinos escolhidos pelos europeus que viajavam pela Europa para complementar sua formação intelectual. Viajar era sinônimo de aprender, era o momento de ir em busca do conhecimento, o ato de viajar e logo escrever um relato teve seu auge e protagonismo no século XVIII. As viagens que começaram com o Grand Tour logo passaram a ser substituídas pelo o que ficou conhecida como viagens ilustradas, onde o rigor, o conhecimento e o domínio da razão eram os principais pilares, nesse momento foram ampliados os itinerários e os objetos de estudo em busca de uma informação cada vez mais verdadeira de tudo o que era observado. Grande parte

dessa mudança deve-se ao fato de que o reformismo ilustrado primava por um conhecimento melhor da realidade para poder melhorá-la.

A viagem ilustrada resultou ser um aspecto decisivo na vida dos homens do século XVIII, mostrando o que foi a Ilustração e a importância que tiveram seus representantes. Cabe ressaltar que os ilustrados viajavam financiados pela coroa e com a intenção de retirar a Espanha da condição de estancamento que se encontrava, graças a esse esforço e incentivo do governo foi possível durante grande parte do século centrar-se em problemas relacionados com a realidade do país e só assim tentar solucioná-los. Apesar do sentido da viagem ilustrada não se tratar somente de uma iniciativa do Estado, de uma ação meramente política, a dedicação e o empenho dos ilustrados em ir anotando e registrando todos os aspectos que deveriam ser considerados para melhorar o país e poder colaborar com a reforma merece destaque. Assim, a fé ilustrada nas ações propostas pelo governo foi decisiva para que esses homens, intelectuais e viajantes, conseguissem ir removendo os obstáculos sociais, políticos e administrativos e a partir daí realizar os planejamentos e a propagação das luzes.

Sendo assim, “Hay que decir, finalmente, que el viaje ilustrado se fundamenta en una filosofia. La filosofia de la Ilustración constituye un sistema que arranca de la realidad, de los fenómenos, para elevarse después a los principios generales” (MOYA, 1984, p. 35). O homem ilustrado tem a obrigação de desenvolver sua personalidade e alcançar o progresso, e só através da propagação das ideias ilustradas será possível livrar-se da ignorância, da miséria, do atraso, apenas através da instrução e educação do povo facilitadas pelas ações do Estado.

O conhecimento sobre a Espanha, por exemplo, deu-se a partir de viagens, como foi o caso do viajante Antonio Ponz, o espanhol realizou descolamentos que permitiram uma eficaz observação da realidade, por meio das empresas eruditas que desejavam resgatar o patrimônio artístico do passado e um profundo estudo da história que permitiria chegar até os “maus” que corrompiam o presente e impediam o progresso.

A ideia de cultura impulsionou uma etapa de reformas educativas que tiveram seu apogeu no século XVIII. Em toda Europa católica as ordens religiosas eram quem administravam o setor da educação, apesar de algumas mudanças depois da Revolução Francesa, contudo a religião seguiu tendo muito poder político fato que dificultava a instauração das reformas ilustradas. Na Espanha não foi diferente, porém no setor da educação, teve destaque a figura de Pablo de Olavide como grande referente com seus empenhos para desenvolver a cultura na nação espanhola, o que não foi uma tarefa fácil.

Esta ideia de desenvolvimento da cultura e da educação estão ligadas às artes no século XVIII, onde temos o Neoclassicismo como uma das melhores definições de um estilo artístico próprio do Século das Luzes. Nesse momento não existia um total entendimento em relação a como diferenciar a arte grega da romana, elas eram apenas chamadas de antiguidade.

O autor Joaquin Wincklelman em sua obra *Historia del Arte de la Antiguidad* (1764) foi quem realizou vários esforços para diferenciar tais estilos. Segundo Wincklelman, a arte grega foi objeto de imitação desde a época dos romanos e era por esta razão que começou a decadência da arte, pois, nenhum imitador poderá jamais superar ao imitado. Desde a época do Renascimento a Antiguidade tinha uma grande importância e começou a ser considerada como um estilo de arte perfeita.

É importante destacar que para falar sobre as viagens podemos começar pensando que muitas pessoas viajam ou já viajaram algum dia, seja qual for sua posição social, grau de escolaridade, idade ou profissão. O ato de viajar não é uma experiência exclusiva, além de existirem vários motivos que incitam o homem a realizar uma viagem. Atentemos à definição da autora Mercedes Comellas Aguirrezábal (2014) sobre o Século das Luzes:

Los viajes del XVIII fueron el motor que impuso la elipse sobre la circunferencia y la convirtieron en figura modélica de los nuevos tiempos. Su itinerario pasó por sacar al hombre de la circunferencia, del pensamiento absolutista y estático, fijo en un punto, *descentrarlo* para presentarle una nueva perspectiva de sí mismo y del mundo. (AGUIRREZÁBAL, 2014, p. 82).

Na mesma perspectiva, no que se refere a viagens, o autor Antonio Morales Moya (1984) aponta que o autor Gaspar Gómez de la Serna (1974) foi cordialmente compreensivo em relação ao significado da Ilustração na história espanhola, realizando uma classificação e oferecendo um completo panorama, expondo o sentido de que as viagens ilustradas trataram de abarcar os grandes objetivos propostos nas ideias de reforma do país, dentro dos padrões das novas políticas ilustradas, para Serna, as viagens eram classificadas em viagens econômicas, científicas-naturalistas, artísticas, histórica-arqueológicas, literária-sociológicas. Segundo Moya (1984), seria pertinente acrescentar ao pensamento e classificação feita por Serna, as viagens de caráter político, que foram muito importantes nesse momento, mesmo que nem todas as viagens ilustradas tenham sido promovidas a partir do Estado.

Então, o principal objetivo da viagem ilustrada era coletar o maior número de dados e informações úteis para o governo, pois, o conhecimento de todo um país, sua economia, costumes, e produções eram os principais dados que serviriam para tentar alcançar as metas propostas. A finalidade que pode ser entendida como científica e utilitária foi a utilizada pelo

Estado e pelas instancias oficiais para propagar e aumentar o número dessas viagens. Sob o lema da Ilustração, os intelectuais estavam empenhados em combater a ignorância, a falta de progresso, as superstições religiosas, e o caminho escolhido foi através do conhecimento, entenderam a viagem ilustrada como uma grande oportunidade para conhecer o seu próprio país, cidades, vilas, costumes e ver com os próprios olhos a realidade. Segundo as teorias de Rousseau a viagem ilustrada tinha como principal motivação o conhecimento do próprio homem e a partir desta que surge o desejo de viajar para ilustrar-se, para conhecer as relações dos homens entre eles e só assim alcançar um nível mais alto de conhecimento, a partir da aquisição do conhecimento pela experiencia e percepção. Sendo assim, muitos viajantes começam suas obras expondo as motivações que os levaram a escrever tal relato, exepressando como praticamente uma obrigação moral o fato de ter que compartilhar com todos os conhecimentos que foram adquirindo através das viagens.

Foram muitas as obras produzidas nesta época, se pensamos na questão do livro e do relato de viagem considerados como uma viagem real e feita pelo seu autor, verificamos que nesta ideia já encontramos uma gama de variações como a carta, o diário, o testemunho ou a crônica. Portanto, é importante pensar na hibridez que o gênero possui, o itinerário, a experiência do autor, as informações e dados que são oferecidos pelos viajantes, e entender que tais aspectos nos permitem colocar o gênero da literatura de viagem como peculiar e fronteiro. Albuquerque (2014) aponta que:

Los relatos de viaje en el siglo XVIII hay que buscarlos en memorias, apuntes, cartas sobre todo, diarios, prensa...El género se metamorfosea en otros moldes diferentes de los que había asumido en la Edad Media (crónicas, peregrinaciones, periplos comerciales) y en el Renacimiento (sobre todo, crónicas de Indias), pero manteniendo básicamente inalterados sus tres pilares fundamentales: son los viajes reales posteriormente narrados con una inequívoca voluntad descriptiva y un arraigado sentido de la testimonialidad en el que el “yo” se instaura de manera natural dentro de su maquinaria. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 45).

O autor ressalta que os relatos assumem vários modelos, mas que a presença das descrições é um dos pilares que permanecem apesar das mudanças que o gênero sofre. A narração em primeira pessoa aparece dentro da literatura de viagem como uma característica essencial. Alguns estudiosos acreditam que um dos problemas e dificuldades para estudar e classificar o gênero está em sua forma heterogênea, sendo o que de certa forma dificulta sua classificação, porém outros teóricos insistem que essa variedade de temas e assuntos abarcados pela literatura de viagem podem ser considerados como sua fortaleza.

Acreditamos que é necessário pensar na distinção entre o livro de viagem e a literatura de viagem. Dito isto, corroborando essa ideia, Joaquín Rubio Tovar (2008) acredita que:

La distinción entre *libro de viajes* y *literatura de viajes*, establecida hace ya tiempo, parece, a primera vista, evidente. Por *libro de viajes* entienden algunos críticos aquel conjunto de textos inspirados en un viaje real, o que al menos se afirma como tal, asumido por un narrador que se expresa a menudo en primera persona y que pretende dar cuenta de una experiencia, del contacto con un medio y un mundo que no es aquel del que partió. La *literatura de viajes* pretende más cosas... El interés está, a mi juicio, en la exploración de diferencias y semejanzas, en las contaminaciones entre unos y otros, en la perpetua metamorfosis de los relatos, en el estudio de la mimesis y construcción de la realidad... En una palabra, el interés está en la literatura. Si ya entre los relatos antiguos y medievales se perciben diferencias de propósito e interés, éstas se agigantan con la modernidad, pues los géneros se diversifican, se contaminan y enriquecen y, además, se publica muchísima más literatura que en etapas anteriores. (TOVAR, 2008, p. 268).

Entendemos que na modernidade não é tarefa fácil para um escritor encontrar uma maneira de apreender o mundo, talvez nesse espaço se encontrem os relatos de viagem dado que a viagem possibilita tratar de diferentes assuntos, principalmente quando lembramos que a viagem e os livros de viagem aparecem na literatura antiga e permanecem até hoje. O que nos levar a constatar mais uma vez a importância do livro escrito por Ponz, pois, a obra pretende muito mais do que uma simples descrição de lugares.

3.1 O OLHAR DOS VIAJANTES: ANTONIO PONZ E OS ESTRANGEIROS NA ESPANHA

Nesta seção, nos concentraremos nos textos deixados pelos viajantes que passaram pela Espanha no século XVIII, escritos que carregam os esforços realizados para descrever suas experiências e narrar os acontecimentos ocorridos em seus percursos, além de nos mostrar o mundo a partir de minuciosas descrições de tudo aquilo que era registrado e observado. Dessa maneira, podemos dizer que é enorme a relevância desses relatos, quando os consideramos como um registro único deixado para a posteridade, que foram se configurando como um gênero diversificado que engloba uma série de informações e conteúdos sobre os lugares visitados.

No que diz respeito à relevância teórica que foi dada aos estudos dos relatos que descrevem o território espanhol, o autor Francisco Uzcanga Meinecke (2006) oferece um estudo sobre as literaturas de viagem, em especial sobre o século XVIII, publicadas na Espanha entre os anos de 1995 e 2005, em sua análise orienta sobre as investigações neste campo, selecionando livros que considera representativos e que permitem conhecer as descrições do

território espanhol pelo olhar dos estrangeiros e também dos ilustrados espanhóis. Ainda em relação à análise teórica sobre as fontes derivadas das literaturas de viagem, sabemos que o interesse começou a surgir a partir do final do século XIX e começo do século XX quando aparecem as compilações das obras de viagem, como as de autores conhecidos como Raymond Fouché-Debosc, Arturo Farinele, José Garcial-Mercadal, entre outros, que desenvolveram conceitos que tratam sobre a evolução da viagem pela Espanha pensando no olhar dos viajantes que por ali passavam e também nos viajantes espanhóis que nessa mesma época começavam a viajar para fora da Espanha. A obra *Libros de viajes y viajeros de los siglos XVI-XIX* (2013), publicada pela Biblioteca Nacional da Espanha e que continua um trabalho que foi iniciado por Farinele (1920) e Mercadal (1917-1952) é de grande importância para entender este período. As publicações sobre os testemunhos e descrições dos visitantes da Espanha no século XVIII não esgotam todas as vias de estudo, pois, como sabemos a literatura de viagem se conecta com várias outras disciplinas sendo possível analisar os textos desde vários pontos de vista.

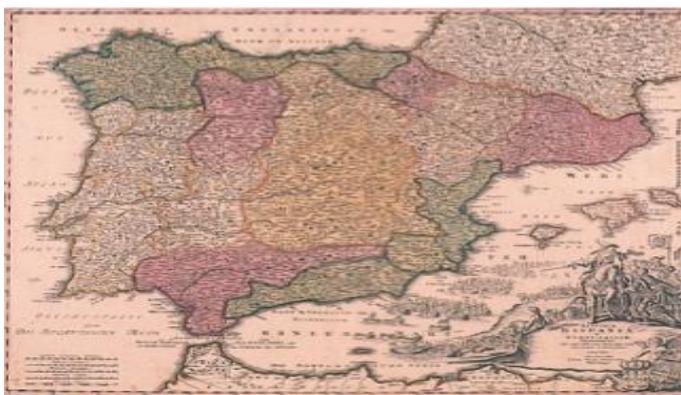
A obra de Ponz, *Viage de España* (1772-1794), aparece como um relato de viagem que descreve e revela uma Espanha heterogênea. O marco cultural da época em que o espanhol escreveu está definido pelos novos modelos e maneiras de interpretar o mundo, onde o que prevalecia eram os modelos que rejeitavam todos os dogmas religiosos. As inovações educativas e as defesas dos direitos políticos eram os centros do projeto inovador e de modernização da Espanha do século XVIII, apesar da influência e do poder da igreja, que obrigava aos ilustrados a obedecerem a certas regras sociais, porém os homens do Século das Luzes espanhol acreditavam em uma nova realidade.

Viage de España (1772-1794) foi fruto de vários acontecimentos da época como a influência dos ideais que surgiram, o espírito enciclopedista, as influências do Neoclassicismo. Viajar pelo seu próprio país fez de Antonio Ponz um protagonista da realidade que ele mesmo fazia parte. Em suas viagens, consideradas ilustradas, estão presentes descrições da realidade e priorizam o caráter educativo. Ponz em seu livro manifesta o desejo de influenciar na transformação de seu país, talvez por esta razão tenha se concentrado de maneira insistente nos aspectos econômicos, nas obras públicas e de arte. Nessa época as belas artes e a arquitetura eram as formas mais eficazes de influenciar ou intervir no crescimento da sociedade. Por razões como esta nos parece pertinente analisar os relatos do autor valenciano e de alguns estrangeiros que passaram pela Espanha, pois, viajar no século XVIII significava de fato conhecer, mas também tentar contrastar informações já adquiridas, uma prática que tem ligação com a memória, se pensarmos que o viajante rememora e recupera relatos e imagens prévias, já construídas e descritas por outros viajantes e que tais imagens e relatos irão influenciar na

percepção da realidade que se observa. Quando o viajante se propõe a analisar as diferentes realidades sociais, geográficas e políticas, muitas vezes compara com sua própria realidade, o que faz com que ele muitas vezes passe a rejeitar alguns modelos que encontra pelo caminho e que queira incorporar outros. Outro fato curioso é a questão da comprovação, viajar para comprovar o que já foi visto e descrito, ir visitar *in loco* aquilo que foi lido nos livros.

Entendemos assim que a viagem constitui uma experiência indispensável, a nível pessoal provoca uma mudança no indivíduo que a experimenta, principalmente no que diz respeito ao campo intelectual. Dizemos isto, sem esquecer que a viagem no Século das Luzes, obedece a certos interesses e motivações como foram o caso das expedições, viagens filosóficas, políticas, arqueológicas, militares e etc. Sendo assim, não podemos deixar de analisar os textos sobre a Espanha escritos por alguns autores estrangeiros e tentar contrastar com o olhar do viajante espanhol Antonio Ponz. Acreditamos que tais textos são de grande importância para ajudar a compreender o que Ponz escreveu sobre seu país, os temas aos que concedeu mais ou menos atenção. Pelo território espanhol foram realizadas muitas viagens e passaram vários viajantes pela península ibérica durante a segunda metade do Século das Luzes. A seguir a figura que ilustra o mapa da Espanha desta época.

Figura 5 - Mapa da Espanha do século XVIII



Fonte: Manuel Bas Carbonel. Pág. 13 capítulo- Viajeros valencianos por el siglo XVIII. Libro: Placer e instrucción. Acesso em: 17 mai. 2021.

Sabemos que foram por essas regiões que os viajantes passavam para coletar as inúmeras informações que constam nos relatos. Em consequência da Revolução Industrial e Científica o grande objetivo das viagens passa a ser o conhecimento. Na Espanha chegam vários viajantes e de diferentes nacionalidades como, por exemplo, Alexander de Laborde, Jean François Bourgoing, Richard Twiss, Henry Swinburne, Fleuriot, Joseph Townsend e Wilhelm Von Humboldt são alguns dos mais conhecidos. Todos eles em seus relatos sobre o território espanhol expõem um país com fissuras e necessidades de mudanças e ao mesmo tempo

reconhecem alguns sinais de progresso que ocorreram, especialmente, durante o reinado de Carlos III. Como podemos comprovar nas considerações feitas pelo estudioso Francesc Costa Oller (2019):

Con el nuevo monarca crece el interés por conocer un país que en la primera mitad del siglo dieciocho recibe pocos viajeros, si nos remitimos a las crónicas conocidas. Ahora, gentes curiosas van a relatan sus jornadas sorprendidos por la perfección de los nuevos caminos, de los puentes sobre los ríos que se cruzaban en barca o a vado. Se consolidan las rutas reales, si atendemos a los trayectos que siguen los transeúntes, y son constantes las noticias de las reformas en ejecución, un país en obras. (OLLER, 2019, p. 7).

As indicações do autor apontam que de fato existiu uma diferença entre a primeira e a segunda metade do século XVIII em relação às ações de melhoria e progresso levadas a cabo pelas reformas de Carlos III. Um ponto comum entre as críticas dos escritores é que não ocultam seus pensamentos em relação ao fanatismo religioso que pairava sobre o país espanhol, fator que segundo eles era um dos principais responsáveis pelo atraso da Espanha em relação aos outros países europeus. Como a Espanha durante a época do Grand Tour acabou ficando relegada, devido a imagem que os estrangeiros tinham do país, foi apenas a partir da segunda metade do século XVIII que o país começou a receber visitantes.

O viajante francês Jean- François Bourgoing, viveu na Espanha durante doze anos ocupando o cargo de embaixador francês e que segundo a estudiosa Esther Ortas Durand¹⁶ (2005) foi um dos viajantes que possivelmente ofereceu uma visão mais próxima da realidade espanhola. Sendo assim, sua obra *Image de la España moderna* (1789), reeditada em 2012, é relevante para analisar o que dizem seus relatos em relação ao país espanhol. Atentemos:

Creo haber demostrado que España y los españoles distan mucho de merecer el desdén con que los juzga la ignorancia... un designio fatal apartó hace tiempo a este país de la senda que debía seguir... Sus habitantes poseen una imaginación certera y profunda. Tienen aptitudes para todas las artes. Cuentan con esbozos de establecimientos en casi todos los géneros. Las fuentes de riqueza discurren a sus pies bajo suelos transparentes... Por árido que pueda parecer, vuestro país dispone en este campo de recursos mucho mayores de cuanto advierte el viajero apresurado. Está falto de sombra; secundad en fin por doquier el propósito del Gobierno de multiplicar los árboles». (BOURGOING, 2012, p. 931-943).

A partir do trecho da obra de Bourgoing entendemos que o viajante francês foi um crítico observador, conhecido pela sua objetividade, fez uma análise sobre a economia, também

¹⁶ Para compreender melhor a visão dos viajantes pela Espanha recomenda-se consultar: ORTAS DURAND, Esther. Viajeros por el paisaje aragonés (1759-1850). Institución Fernando el Católico. Zaragoza. 400p. 1999.

destacou alguns pontos em relação à geografia e às diferenças gigantescas que havia entre as regiões por onde passou. Porém estava convencido de que com a influência das novas medidas e reformas que estavam por vir, seria possível uma mudança em direção a uma economia e agricultura modernas. No prólogo do tomo XIII, da obra de Ponz, que trata de algumas regiões da Catalunha, escreve uma passagem que está dicada à defesa da natureza. Vejamos:

De qué sirve clamar tan porfiadamente en el *Viage de España* sobre la plantación de árboles; ponderar los males que experimentamos por su falta; anunciar mayores desdichas en lo venidero; pintar tantas veces la belleza, y riqueza que resultaría en toda la Península, si se alindasen de diversidad de plantas sus campos, sus caminos, sus riveras: se poblasen sus montes, sus dehesas, ¿y sus valles? Todo va bien: son ciertos los males: amenazan con otros mucho mayores, si no se toma presto, y con gran empeño la plantación exhortada tantas veces en esta Obra: podría España transformarse brevemente en el mas bello, abundante, rico, delicioso, y apetecible territorio de Europa: así es: pero ¿dónde está la pericia para qué se haga con acierto? (PONZ, 1785, v.13, prólogo).

Ponz indica nessa passagem a importância da natureza e faz incidência no fato de que em sua obra aparecem em vários momentos advertências em relação à defesa dos recursos naturais e que infelizmente se não houvesse uma atuação eficaz a situação só iria piorar. Nesse mesmo trecho o autor diz o seguinte: “Hay personas sumamente ignorantes, malignas, diabólicas y enemigas de las plantas, hasta arrancarlas maliciosamente” (PONZ, 1785, v. 13, prólogo). Notamos a partir das palavras de Ponz que se refere claramente aos que não são amigos da natureza, como ele costumava nomear.

Ortas (2005) realizou um estudo sobre como foi abordada a questão da natureza e da paisagem em algumas obras de viajantes estrangeiros e espanhóis durante o século XVIII que passaram pela península ibérica. Em tal estudo a autora analisa a sensação de contemplação das paisagens e a união da beleza e do “belo” com o conceito de utilidade próprio do século. Segundo a autora esta combinação ajudou na interpretação dos pensamentos dos escritores, pois, a vinculação de critérios produtivos e estéticos foram muito utilizados pelos ilustrados e reformistas. Este fator certamente impulsionou o desenvolvimento econômico e comercial que passaram a ampliar as zonas cultivadas e aumentar as atividades destinadas às melhorias. Nesta época as propostas ligadas à importância dos recursos naturais eram um ponto forte para o aumento da riqueza de uma nação e isso fez com que a agricultura se tornasse um setor realmente produtivo do sistema econômico.

Nos chama atenção o trecho em que o autor insiste na questão da falta de árvores, precisamente no tomo XV. Um dos temas que descreveu com muito rigor foi a questão da necessidade de plantar, pois, sendo o clima tão favorável para a plantação e a agricultura, o

espanhol reclama em diversas ocasiões a falta de aproveitamento. Como podemos comprovar:

Mas de diez anos que el Autor de este viage está clamando sobre la grandísima falta de plantíos en el Reyno y la extrema necesidad que hay en todo él de que se hagan sin ninguna demora, como uno de los medios indispensables de su población y engrandecimiento, y por otra parte del maravilloso aspecto que adquirirían las Provincias, Ciudades y Pueblos, con cosa á que nuestro clima está convidando en todas las partes, sin que de este favor del cielo se haya hecho la estimación debida; antes parece que se ha omitido diligencia para hacerlo infructuoso. (PONZ, 1788, v. 15, prólogo).

A partir da leitura da obra fica evidente que o tema da falta de plantio foi um dos mais tratados e que também foi bastante discutido dentro do contexto da Ilustração espanhola entre outros intelectuais. A questão da falta de árvores teve presença constante nas páginas dos vários tomos da *Viage* e tal foi sua importância chegando a ser relevante e considerada pelos escritores, engenheiros e urbanistas do século XIX, que leram as sugestões do valenciano. Ponz denunciou incessantemente o grave problema da ausência de plantação, que segundo ele, afetava especialmente a região de Castela e reclamava medidas eficazes como um dos meios fundamentais para restaurar a grandeza da Espanha, chegando a considerar que o plantio poderia ser mais efetivo para a reconstrução do país do que a promoção das manufaturas.

Viajantes ingleses também decidiram viajar rumo à Espanha, sabemos que a participação inglesa na Guerra da Independência contra Napoleão (1808-1814) foi um dos motivos que gerou o interesse da Inglaterra pela Espanha e que tal interesse levou a um grande número de viagens e estudos sobre a literatura espanhola por parte dos ingleses, escoceses e irlandeses. A partir de 1771 na Inglaterra a imprensa começou a divulgar que as livrarias do país estavam cheias de livros de viagens dos viajantes que se aventuravam pela França e pela Itália, mas que havia poucos escritos sobre a Espanha. Assim, para atender a tal demanda da imprensa, começam a surgir obras como: *Travels Through Portugal and Spain*, de Twiss (1775), *Travels Through Spain* e *Letters from an English Traveller in Spain*, de Dillon (1780-1781), *Journey Throug Spain in the years 1786 and 1787*, de Tonwnsend (1791), *Travels Through Spain in the years 1775 and 1776*, de Swinburne (1779).

Na primeira metade do século XVIII o número de viajantes britânicos que percorriam o país espanhol era pequeno e só foi a partir de 1760 que começou a aumentar. Diferentemente do olhar dos franceses, que tiveram uma visão mais rígida em relação a Espanha, enfatizando sempre os aspectos negativos e ligados à situação de decadência e declínio do povo espanhol, como foi o caso de autores conhecidos como Voltaire ou Masson de Morvilliers, que não tinham piedade quando escreviam, os ingleses foram ampliando suas visões sobre o território espanhol

e não se apegaram tanto aos estereótipos nem aos aspectos negativos relacionados ao atraso. Os ingleses com seus relatos foram renovando a visão sobre a Espanha ao contrastar os estereótipos com suas próprias impressões daquilo que era observado.

Um exemplo de viajante que esteve pelas terras espanholas e que deixou seus relatos foi o inglês Joseph Tonwsend, que a partir da sua obra *Viajes por España*¹⁷ (1786-1787), demonstrou seu olhar observador, seus conhecimentos geológicos e humanistas. Suas viagens começaram pela região dos Pirineus por onde viajou até chegar à cidade de Barcelona, onde esteve por grande parte da Catalunha para logo se dirigir a Madri, passando pelas regiões de Aragão, Castela, Astúrias para depois seguir até a Andaluzia. Estudou com dedicação a qualidade do solo, os tipos de materiais físicos para tentar entender a atividade agrária. Também se dedicou a analisar as cidades e as construções de seus edifícios. Vejamos a consideração que faz o autor ao comparar as regiões da Andaluzia e Catalunha:

No hay ningún país que sufra tanto como España las consecuencias de la falta de un poderoso grupo de arrendatarios ricos...las grandes propiedades están sujetas a un vínculo muy estricto y se encuentran administradas por cuenta del propietario, por lo que apenas queda tierra para alquilar a los granjeros, y menos aún susceptible de ser comprada por una persona adinerada, todo lo cual hace languidecer la industria. En Cataluña ocurre precisamente lo contrario. (TOWNSEND, 1988, p. 197).

Em relação à passagem, acreditamos que o viajante inglês, como muitos outros que conheceram as regiões da Espanha, expuseram suas comparações escritas em seus livros, comparando o que havia em uma região e o que faltava em outra, também apontando as semelhanças, além de expor os lugares que segundo eles eram mais ou menos desenvolvidos. Townsend afirmou que no território espanhol a classe nobre era uma espécie de nobreza que vivia apenas para o prazer e que dentro do setor eclesiástico havia uma corrupção moral, principalmente, pela questão do celibato do clero. Também fez algumas considerações em relação a região da Andaluzia, o autor apontava que havia uma enorme situação de calamidade social e um grande número de pessoas sem casas pelas ruas, o que lhe reafirmava que a concentração das terras estava no poder de uma minoria.

O autor Antonio Ponz dedicou o tomo XIV a região da Catalunha e faz as seguintes considerações sobre como via a cidade de Barcelona e como alguns viajantes estrangeiros estavam empenhados em escrever relatos falsos e exagerados.

Es, pues, Barcelona la Ciudad de España que mas desmiente las imputaciones de

¹⁷ Obra que oferece uma importante contribuição para o conhecimento das regiões espanholas. Disponível em: http://www.bne.es/es/Micrositios/Guias/Viajes/Seleccion/XVIII/seleccion_XVIII/index.html

algunos Escritores extranjeros, empeñados en divulgar nuestra desidia, abandono, pereza, falta de industria, y otras gracias con que nos favorecen; y lo mismo puede decirse de la mayor parte del Principado. (PONZ, 1788, v. 14, p. 6).

Desse modo, observamos que o viajante espanhol conhecia muito bem à região da Catalunha e a cidade de Barcelona, lugar que admirava e que citava como um exemplo quando se referia as melhorias que deveriam acontecer em outras regiões, além do fato de encontrarmos aqui Ponz como um leitor que inteirado do que era dito sobre as regiões e assim estabelece um debate em seus escritos, em forma de contrarresposta. Ponz em seus escritos deu destaque ao setor da indústria na cidade de Barcelona que para ele era um modelo a seguir. Assim, referiu-se o espanhol sobre seus escritos e advertências sobre a diferença entre a região da Catalunha e as demais regiões. Observemos:

Como el objeto de esta obra es estimular por todos los caminos el progreso en materia de las nobles Artes, y en todos los objetos que desde el principio se propuso, usa el Autor en estas Cartas del mismo lenguaje que en todas las demás anteriores, aunque cree que sobre ciertos puntos de aplicación, é industria no necesita el Principado de Cataluña de las exhortaciones que en otras Provincias de España pueden ser útiles, para acertar con los medios de su prosperidad, y aumento. (PONZ, 1788, v. 14, prólogo).

Para Ponz, suas advertências e sugestões de melhorias serviriam para alcançar o progresso, principalmente no que diz respeito às indústrias, seriam muito mais relevantes para as demais regiões espanholas, uma vez que a Catalunha já gozava de um excelente desenvolvimento e avanço.

Durante este período em que Ponz viajou pela Espanha os britânicos foram sem dúvida os estrangeiros que mais se destacaram e passaram pelo território espanhol. Alguns deles como foi o caso de Jardine, Twiss, Dillon ou Townsend utilizaram a obra de Ponz para planificar seus itinerários, sendo este um dos motivos pelo qual consideramos relevante contrastar o olhar de Ponz e dos viajantes britânicos pela península.

Sabemos que o olhar dos estrangeiros muitas vezes trazia preconceitos antigos e um sentimento de superioridade, principalmente, dos viajantes britânicos. Outro fator que devemos levar em consideração é que muitos desses estrangeiros viajaram durante períodos curtos e alguns deles não entendiam o idioma, nem como funcionavam as coisas na Espanha. É certo que os dois viajantes britânicos que melhor analisaram a questão econômica foram Alexander Jardine e Joseph Townsend, que mostraram em suas obras uma maior compreensão sobre a Espanha. Inclusive pareciam conhecer e ter lido algumas obras de ilustrados espanhóis envolvidos com a reforma.

Os ingleses que passaram pela região da Andaluzia chamam atenção em seus relatos sobre a situação de calamidade social que encontraram por lá, um alto número de pessoas desabrigadas, vivendo nas ruas, e a concentração das propriedades das terras nas mãos de uma minoria rica. Também relatam que nas zonas urbanas encontraram uma nobreza que vivia nada mais que para o prazer e para serem servidos e que havia uma corrupção moral no setor eclesiástico, essas foram algumas das denúncias em comum que encontramos nos relatos dos viajantes estrangeiros.

No que diz respeito às obras públicas, tanto Ponz quanto os viajantes estrangeiros tinham o mesmo pensamento, denunciaram as péssimas condições que encontraram em seus percursos pelas diferentes regiões, quando descreviam o péssimo estado das estradas e meios de transporte, porém reconheciam que já havia um esforço para tentar melhorar a situação, principalmente quando começaram a ser construídos os caminhos reais. Mesmo assim, os britânicos criticaram esse projeto reformista, afirmando que em muitas ocasiões havia desperdício de materiais, que os espanhóis tinham uma obsessão pela construção de vias em linhas retas, o que levava a um custo alto e que as obras acabavam demorando muito mais do que o necessário. Encontramos semelhanças nos relatos de Ponz e nos dos ingleses também em relação à péssima situação das pousadas e alojamentos, o que dificultava muito as viagens e ambos relatam que em algumas ocasiões haviam caminhos onde só era possível percorrer a cavalo. Outros motivos que Ponz associa ao péssimo estado em que se encontravam as pousadas eram o alto custo dos alugueis, além de uma taxa de pagamento que era exigida pela cidade a todos os proprietários das pousadas.

Encontravam em regiões como Estremadura, Aragão e algumas zonas da Andaluzia uma localidade abandonada, sem árvores nem plantios, o nível de vida dos agricultores era péssimo. No que diz respeito à economia viajantes britânicos foram contundentes ao relatar os atrasos técnicos, a falta de comercialização dos produtos agrícolas. Além disso, os britânicos foram incisivos e se posicionaram contrariamente ao que Ponz relatou sobre a região da Sierra Morena, principalmente em relação à população que segundo eles sofriam devido às limitações econômicas, o problema dos grandes proprietários e as atitudes da nobreza privilegiada. A região da Sierra Morena¹⁸ foi explorada por Ponz em seus relatos, precisamente no tomo XVI que trata da região da Andaluzia.

¹⁸ Considerada um fato histórico, a fundação da região de Sierra Morena pelo rei Carlos II teve origem em um projeto ilustrado elaborado pelo conde de Campomanes como incubência a Pablo de Olavide com a intenção de povoar grandes extensões despovoadas que existiam no Caminho Real de Andaluzia.

As descrições que encontramos nas obras dos viajantes britânicos sobre a situação das cidades são semelhantes aos escritos de Ponz as cidades de Barcelona e Cádiz, por exemplo, foram as que despertaram maior admiração por suas riquezas, situação econômica, e condições do comércio, sendo consideradas como regiões prósperas, bem organizadas e em desenvolvimento. Os britânicos relataram que existia uma grande variedade de produções em relação ao comércio na Espanha, mas que mesmo assim a realidade era precária, com certo atraso técnico. No que diz respeito a visão sobre a igreja, ao contrário de Ponz, criticaram fortemente o setor eclesiástico e o governo borbônico em várias ocasiões, o modelo inglês que possuía ideias liberais em relação a política, economia e religião, entendia que a forma de despotismo e autoritarismo do governo espanhol e a grande presença e poder da igreja eram a raiz de todos os maus. A religião era vista como a responsável por propagar o fanatismo religioso e a superstição, o que indicava um fator do atraso social. É certo que Ponz apontou alguns desses problemas, porém, de uma forma mais suave, e destacando aspectos positivos da atuação eclesiástica.

Outro olhar interessante em relação ao território espanhol foram os relatos deixados pelo viajante alemão Wilhelm Von Humboldt, irmão de Alexander Von Humboldt, que percorreu a Espanha durante o século XVIII, precisamente no final do século e escreveu a obra *Diario de Viaje a España*¹⁹ (1799-1800).

Os textos deixados pelo autor e viajante alemão em geral traziam uma visão pessimista sobre a Espanha, mesmo tendo afirmado em algumas ocasiões que a Espanha era um país maravilhoso e com um povo acolhedor, fez uma análise crítica de vários aspectos que também foram destacados por Ponz na *Viage*. Humboldt relata, por exemplo, que na região de Castela não encontra árvores e que tudo era deserto e sem cultivos, ressaltou a sujeira e o descaso em cidades como Valladolid. Sobre Madri não escreve muitas coisas, já em relação a região da Andaluzia, resalta algumas áreas cultivadas, cita a cidade de Valência como melhor construída e Barcelona como um lugar que não era belo nem limpo, mas que era grande e populoso e que com algumas chances de ter um próspero desenvolvimento.

Neste longo processo de viagens pela Espanha durante o Século das Luzes, por onde percorreram tanto estrangeiros como espanhóis, encontramos nos textos produzidos a partir desses deslocamentos aspectos fundamentais para entender o que era viajar no século XVIII,

¹⁹ Disponível online pela Biblioteca Nacional de España. Em: http://www.bne.es/es/Micrositios/Guias/Viajes/Seleccion/XVIII/seleccion_XVIII/index.html

como foi o olhar de fora e dos ilustrados espanhóis, para questões que envolviam as condições sociais políticas e econômicas, onde é possível verificar grandes diferenças e semelhanças paisagísticas, urbanas, geográficas e etc.

Os relatos dos estrangeiros serviram como complemento e confrontação dos escritos dos viajantes espanhóis. Também devemos pensar na influência que os relatos dos estrangeiros tiveram na imagem da Espanha, principalmente os escritos dos britânicos que foram mais leves do que o que foi escrito pelos ilustrados franceses.

No capítulo seguinte um dos nossos objetivos será compreender o escritor Antonio Ponz como sujeito e produto do século ilustrado espanhol. Além disso, acreditamos que investigar a trajetória do autor nos ajudará a entender os seus posicionamentos e questões que aparecem a todo momento na narrativa quando descreve a Espanha do seu tempo.

4 ANTONIO PONZ, LITERATURA DE VIAGEM E PROJETO ILUSTRADO

Neste capítulo, discutiremos sobre a biografia do escritor Antonio Ponz²⁰, sua relevância para o Século das Luzes espanhol e para a história. Analisaremos sua obra *Viage de España* (1772-1794), percorrendo os caminhos que o levaram a escrevê-la, quais eram as intenções e motivações do autor, expondo seu olhar sobre o Século das Luzes, abordando alguns dos temas que explorou, na tentativa de analisar os relatos deste escritor erudito e viajante, observando a representação da Espanha que nos oferece a partir dos seus mais variados relatos.

Antonio Ponz y Piquer, historiador, erudito ilustrado, escritor de literatura de viagem e epistolar, acadêmico e pintor espanhol, nasceu no bairro de Bejis, atualmente Castellón, na cidade de Valência na Espanha, em 28 de junho de 1725. Faleceu em 4 de dezembro em Madrid, no ano de 1792 aos sessenta e sete anos, ficou popularmente conhecido como “El Abate Ponz”. Integrante de uma família de ricos fazendeiros, sexto filho de Alejandro Ponz e Victoriana Piquer, teve juntamente aos seus cinco irmãos uma excelente educação, sempre interessado pelos estudos foi um destacado aluno, enviado pelos seus pais para estudar desde muito jovem como era comum entre os filhos das famílias que possuíam fortuna naquela época, frequentou o Colégio de San Pedro de la Compañía de Jesus de Segorbe onde ingressou no ano de 1736, começando a estudar Humanidades e Gramática, nesse colégio destacou-se em composições latinas, retórica e poesia.

Sabemos que, após um período, dirigiu-se para a cidade de Valência com a intenção de concluir seus estudos em Filosofia e Teologia na Universidad de Valencia e na Universidad de la Gandía. Em Valência teve um amplo contato com o mundo das artes e foi onde deu seus primeiros passos no campo da pintura e do desenho, ao lado do pintor Antonio Richard, professor de desenho, fato que marcou seu destino, pois, seu interesse pela pintura e as artes só aumentaram, nessa época também era um incansável leitor e tinha iniciado o estudo de línguas estrangeiras.

Na figura, a seguir, observamos uma bela vista da cidade de Valência, feita no ano de 1801.

²⁰ Para mais informações sobre a vida do autor Antonio Ponz consultar a biografia escrita por José Ponz, sobrinho do autor, no tomo XVIII da obra *Viage de España* (1772-1794).

Figura 6 - Atribuído a François Ligier, Vista de Valência do camino del Grao, 1801, Aguada. Museo Nacional d'Art de Catalunya.



Fonte: Daniel Crespo Delgado, El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794), 2008, Valencia – España, p. 15. Acesso em: 17 mai. 2021.

Em 1746, mudou-se para Madri, nesse momento as Belas Artes eram o centro dos seus interesses, a Teologia e sua inclinação para uma vida religiosa já estavam debilitadas, ficando assim para trás. Em Madri permaneceu durante cinco anos estudando e exercendo a arte da pintura na Junta preparatoria de la Fundación de la Academia de San Fernando, fundação que seria futuramente a Academia de Bellas Artes de San Fernando, instituição na qual foi posteriormente nomeado secretário.

No ano de 1751 viaja a Roma com o propósito de aperfeiçoar seus estudos, conhecendo algumas cidades italianas pelo caminho, tal viagem o impressionou muito, principalmente, pelas artes e pela cultura das cidades italianas que eram alguns dos principais destinos do Grand Tour, Roma era talvez o principal, pois, fascinava a todos os viajantes pela magnitude de sua história, lugar onde os jovens viajantes podiam observar traços da Antiguidade Clássica e vestígios do patrimônio artístico renascentista e barroco, também teve a oportunidade de visitar as ruínas de Pompeya y Herculano, que teriam sido recentemente descobertas no período em que Carlos III foi rei de Nápoles. Encontramos no primeiro volume da obra *Viage de España* (1772-1794) uma menção de Ponz às ruínas da cidade italiana: “Seria laudable en España una moderada inclinación á las excavaciones, en donde se pudiera creer de hallar monumentos antiguos. Nota la grande obra de su Majestad en las excavaciones del Herculano” (PONZ, 1772, v1, p. 374).

Na Itália, manteve boas relações com algumas personalidades importantes, também com espanhóis, apesar de estar longe da sua pátria. Sua estadia na cidade italiana e as relações que manteve com figuras relevantes foram essenciais para completar sua formação, como podemos averiguar nas considerações de Mónica Bolufer (2007):

Podemos suponer, no obstante, que el viaje resultó decisivo para completar su formación y encauzar su carrera futura. El contacto directo y continuado con la arquitectura clásica, renacentista y barroca y con las obras conservadas en las grandes colecciones (privadas o pontificias) marcaría profundamente su gusto artístico. Allí debió conocer a numerosos artistas de diversos países, subvencionados como él por las autoridades respectivas: los miembros de la Academia de Francia en Roma, como el pintor Charles Joseph Natoire (1700-1770), o el pintor y grabador Giovanni Battista Casanova (1730—1795), a quienes menciona en sus posteriores obras; los alumnos de la propia Academia de San Fernando, como el pintor sevillano Preciado de la Vega o el escultor valenciano Francisco Vergara. También allí entabló relación con el bohemio Anton Raphael Mengs (1728-1779), director de la *Accademia di San Lucca* desde 1754, y es probable que lo hiciera asimismo con el alemán Johann Joaquim Winckelmann (1717-1768), bibliotecario y conservador artístico de cardenal Albani y más adelante prefecto de las antigüedades vaticanas, que estableció en sus escritos (especialmente en su *Historia de l'art dans l'antiquité*, 1781) los principios del arte neoclásico, basados en la defensa del valor objetivo de la belleza absoluta y en la imitación de las obras clásicas. (BOLUFER, 2007, p. 117-118).

De acordo com o que nos indica a autora, entendemos que o período em Roma permite a Antonio Ponz observar grandes obras artísticas e históricas, além de estabelecer importantes amizades e conhecer os debates sobre a Ilustração europeia, acreditamos que essas influências o levaram a entender de uma forma mais global as reverberações dos ideais Ilustração, além de perceber um contexto histórico e social diferente. A seguir, temos uma imagem da cidade de Roma.

Figura 7 - Gaspar Ariaanz Van Wittel (Vanvitelli), Piazza Navona, Roma, 1699. Óleo sobre lienzo. Museo Thyssen-Bornemisza.



Fonte: Daniel Crespo Delgado, El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794), 2008, Valencia – España, p. 16. Acesso em: 17 mai. 2021.

Depois de alguns anos, Clemente Aróstegui, ministro do rei Carlos III na corte italiana, com quem Ponz manteve uma amizade próxima o convence a voltar à Espanha fazendo-lhe acreditar que em seu país os conhecimentos adquiridos na Itália seriam muito mais úteis. Ao

regressar à capital espanhola, dispo de um alto prestígio intelectual, foi nomeado secretário da Real Academia de Bellas Artes de San Fernando e membro da Real Academia de la Historia y secretario de su Majestad. Recebeu a incumbência de realizar cópias pictóricas para a Coleção de Retratos dos Grandes Homens para a Biblioteca do El Escorial em Madri. Logo após o episódio da expulsão dos jesuítas, o conde Pedro Rodriguez de Campomanes, fiscal do Conselho Real de Castela, o envia a percorrer os colégios que pertenciam aos jesuítas na região da Andaluzia, com o propósito oficial de tentar reconhecer e recuperar as pinturas que poderiam servir como modelos para os alunos da Academia de San Fernando, tais viagens para cumprir o encargo foram o ponto de partida para a construção da sua obra, *Viage de España, en que se da noticias de las cosas mas apreciables, y dignas de saberse, que hay en ella* (1772-1794), porém com todo seu empenho e caráter utilitário aproveitou para fazer um inventário dos monumentos importantes da Espanha e coletar informações sobre alguns aspectos referentes aos costumes da população. Em relação ao título completo, o autor Delgado (2008) esclarece que:

El título completo de la celebrísima obra de Antonio Ponz, *Viage de España en que se da noticia de las cosas más notables que hay en ella*, revela la pluralidad de contenidos que abarcó. Su título no mentía: el *Viage* se ocupó de muy diversos aspectos de la realidad española. No obstante, pluralidad no significa gratuidad, que sus contenidos fuesen azarosos o caprichosos. Al contrario, Ponz condujo su *Viage* por derroteros muy definidos, delimitando de manera precisa aquello de lo que escribía y aquello que ignoraba. Todos los contenidos de su obra, aun siendo diversos, respondieron a un mismo objetivo. Y tal objetivo no fue otro, lo acabamos de ver, que el progreso del país. (DELGADO, 2008, p. 24).

Vale ressaltar que, segundo o autor, existiu um objetivo comum em todas as páginas da obra, que era nada mais e nada menos que a ânsia pelo progresso. *Viage de España* (1772-1794), escrita em forma epistolar, gênero que, por sua vez, foi bastante elogiado e utilizado durante o século XVIII por sua facilidade e recepção, mas criticado em algumas ocasiões por ter um estilo que em alguns momentos parece mais despreocupado, a obra de Ponz nos mostra que as cartas durante o Século das Luzes ocuparam um papel importante funcionando como um instrumento, que nas mãos dos escritores ilustrados, serviam para difundir o conhecimento. O gênero epistolar foi um modelo a seguir, retomado pelos ilustrados, nessa época todos os escritores de cartas eram cientes da dificuldade do gênero epistolar como expressão literária. Como indica Mestre Sanchis:

La dificultad radica en los múltiples aspectos a que el autor debe atender: persona a quien se dirige (dignidad o familiaridad), asunto de que se trata, adecuación a las circunstancias concretas, dentro de una coherencia que abarque el conjunto. Porque la carta sirve para alabar, expresar gratitud, manifestar alegría, formular lamentaciones, consejos, recomendaciones, para convocar, exhortar, consolar, pedir un favor, exponer un juicio o insinuar un proyecto. (SANCHIS, 2000, p.14).

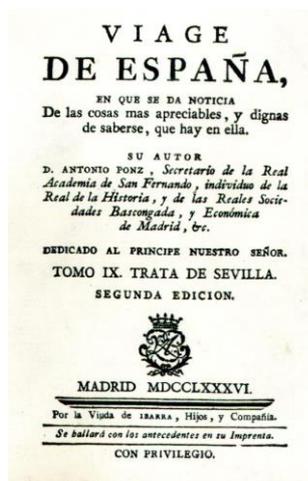
De acordo com o autor, a dificuldade do uso do gênero epistolar implica em que os escritores devem estar atentos a alguns aspectos relevantes, e que as cartas possuem suas próprias funções, e que intenção de Antonio Ponz em suas cartas era apresentar um juízo da sociedade espanhola do século XVIII, insinuar um novo projeto para o povo, baseado na razão como único meio de alcançar a verdade, a partir de seus princípios ilustrados. Nessa época, a literatura tinha um caráter educativo, servia mais para educar e instruir o público do que para distrair. Como podemos constatar nas palavras de Ponz, no prólogo do segundo volume:

El que escribe para los que saben, se puede decir que pierde el tiempo; y así el propósito principal de esta Obra es instruir, é incitar á los demás, para que entrando en conversaciones de las Artes, conozcan, aprecien, y promuevan lo que es bueno: por consiguiente no habrá razón de criticar que se den algunas noticias, repitiendo lo que hayan dicho, si conducen al fin de este trabajo. (PONZ, 1772, v. 2, prólogo).

A partir das palavras de Ponz, constatamos que o autor espanhol acreditava que era necessário instruir aos leitores, que essa seria a função principal da sua obra e esta dimensão é vista em cada descrição da obra, em cada momento que utiliza a palavra “advertência”, por exemplo, está tentando chamar à atenção do leitor para algum assunto que considera importante. Vale ressaltar que por outro lado tal obra foi escrita durante os reinados de Carlos III (1759-1788) e Carlos IV (1788-1808), e que esses dois reis promoveram as bases necessárias para articular uma série de trabalhos com a intenção de alcançar um maior conhecimento científico e que o conhecimento pudesse chegar ao povo.

Nas imagens, a seguir, veremos a *Viage de España tomo XVIII* no ano de 1794, e na sequência, o retrato do escritor Antonio Ponz.

Figura 8 – *Viage de España* (1772-1794)



Fonte: Daniel Crespo Delgado, El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794), 2008, Valencia – España, p. 20. Acesso em: 17 mai. 2021.

Figura 9 – Antonio Carnicero – Manuel Salvador Carmona, Retrato de Antonio Ponz, em *Viage de España*, tomo XVIII, 1794. Grabado.



Fonte: Daniel Crespo Delgado, El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794), 2008, Valencia – España, p. 22. Acesso em: 17 mai. 2021.

Em relação às figuras, sabemos que foram feitos poucos retratos do autor Antonio Ponz ao longo da sua vida e que nos dois primeiros volumes utilizou o pseudônimo de Pedro Antonio de la Puente, mas que a partir do terceiro volume já constava seu nome, sendo dedicado ao rei Carlos III. Neste momento seu livro já tinha conseguido um grande sucesso e aceitação, o primeiro volume de *Viage de España* foi publicado no ano de 1772, Ponz já tinha certa maturidade e experiência. Podemos averiguar esses dados sobre a vida de Ponz nas considerações feitas pelo autor Delgado (2008):

Los periplos que emprendió para efectuar este encargo serian el germen del *Viage de España* ya que aprovechó su peregrinar no sólo para reunir pinturas de los jesuitas sino todo un arsenal de datos sobre el país. Advirtamos que el primer tomo del *Viage* se publicó en 1772, es decir cuando Ponz contaba con cuarenta y siete años de edad. El *Viage*, por tanto, es una de madurez que su autor acometió en las dos últimas décadas de su vida. Sólo su fallecimiento en 1792, interrumpió su continuación e impidió que la finalizase. La muerte le sorprendió cuando se encontraba trabajando en el que seria el tomo XVIII del *Viage*, publicado ya por su sobrino José Ponz en 1794 (DELGADO, 2008, p. 16-17).

De acordo com o que aponta Delgado (2008) no trecho acima, podemos observar que a trajetória de Ponz revela que o autor sempre manteve um grande compromisso em todas as tarefas que se propôs a realizar, fruto da maturidade que possuía, visto que já não era tão jovem quando começou a escrever, além de ser bastante experiente. Podemos dizer que *Viage de España* (1772-1794) constitui a primeira tentativa de projetar uma espécie de inventário detalhado sobre a Espanha com foco em diferentes aspectos, o que indica o empenho do autor no que diz respeito a viajar, descobrir, conhecer, medir, catalogar e coletar sempre com o intuito de adquirir conhecimento, sendo estes objetivos próprios dos ideais da Ilustração.

O desejo de rebater as críticas feitas por autores estrangeiros sobre a Espanha e a possibilidade de contribuir para a restauração e melhoria das Belas Artes também foram pontos de partida para a escrita dos dezoito volumes. Sendo assim, além de coletar dados para o governo, o autor realiza uma defesa documentada sobre a forma como os autores estrangeiros falavam da Espanha nos livros de viagem, na tentativa de demonstrar que seu país possuía um rico patrimônio artístico e cultural, além de uma história antiga que deveria ser preservada. Essa ideia fica clara quando analisamos o prólogo do primeiro volume. Vejamos:

Por los años de 1755, y, 1756 viajó por España, y por otras partes un Religioso de la Congregación de S. Geónimo en Lombardia, llamado el P. Noberto Caimo; y después se publicaron sus observaciones en una obra de cuatro tomitos, intitulada: *Lettere d'un vago Italiano ad un suo amido*; esto es: *Cartas de un vago Italiano á un amigo* suyo[...] No se ha de contar por calumnia la critica que hace en punto de literatura, ó de qualquier otro asunto, y mas siendo así lo que refiere, y manifestando entonces mismo un verdadero deseo de que se abran los ojos, y de que se vea libre de preocupaciones una Nación, que como el mismo Autor manifiesta, sabe pensar quanto quiere, y executar quanto piensa. (PONZ, 1772, v 1, p. 6).

Sabemos que Antonio Ponz realizou a tarefa de reconstituir a nação, imbuído pelo espírito do Século das Luzes, foi uma das grandes figuras da Ilustração espanhola. A esse respeito, Delgado (2008) esclarece o seguinte: “La vida de Ponz, pues, se desarrolló bajo el signo del viajar, que es tanto como decir de la Ilustración de las esperanzas y creencias del llamado siglo de las Luces” (DELGADO, 2008, p.17). Em outras palavras, Ponz foi um

verdadeiro viajante que se encaixava muito bem dentro do conceito do viajante que se aventurava por diferentes lugares para ter acesso ao conhecimento e principalmente para poder comparar.

Observamos que no prólogo do segundo volume, Ponz comenta uma das passagens do italiano Noberto Caimo, *El vago italiano*, pelo Escorial. Atentemos:

El Vago italiano estuvo en el Escorial; y aunque de aquella fabrica hace muchas alabanzas, todavía omite varias cosas esenciales. Mezcla sus sátiras en la relación que hace; y con motivo de un Panegyrico, y ciertas Conclusiones que oyó, crítica la usanza de nuestros púlpitos, y teatros literarios, apoyando sus razones en lo que escribieron sobre este punto el Padre Feyjoó y el Cardenal Aguirre. Estraña en materia de devoción la nimia credulidad, principalmente en quanto á Reliquias, ó cosas semejantes, como si fuera poco lo que se puede estrañar en su país en orden á esto. Sin embargo, se muestra defensor de las excelencias del Escorial, impugnando varias falsedades de otros Escritores, tratando del edificio, y de lo que contiene. (PONZ, 1772, v2, sp).

No relato de Ponz acima, identificamos que os escritores estrangeiros apontavam os aspectos negativos sobre a Espanha que encontravam durante suas passagens pelo território espanhol, como é o caso do autor italiano citado por Ponz. Ao mesmo tempo que criticava também faziam elogios, ao decorrer da narrativa. No caso do viajante italiano Ponz indica que *El Vago italiano* omite os sinais de progresso que encontra em sua passagem pelo El Escorial e não coloca suas impressões verdadeiras em seus escritos, o que faz é por meio de sátiras e críticas.

A autora Noelia García Díaz (2009), em seu artigo, “La recepción de las *Lettere d’un vago italiano ad un suo amico de Noberto Caimo*. Revisiones necesarias”, faz uma análise sobre a visão da obra do escritor italiano como uma das produções anti-espanholas da literatura de viagem escrita por estrangeiros, enfatizando que tal questão se deve em parte à difusão que alcançou através da tradição francesa. Como já foi mencionado anteriormente neste trabalho, sabemos que a imagem negativa da Espanha propagada pelos franceses na primeira metade do século XVIII paulatinamente foi dando lugar a uma visão mais moderada graças aos viajantes ingleses. Segundo García Díaz (2009) a ideia central de que o propósito da obra do autor italiano era o de divulgar uma visão negativa da Espanha era uma ação bastante habitual naquela época. E que durante a metade do século surgiu um aumento do número dos viajantes que visitaram o território espanhol, o que segundo a autora representou uma atualização e revisão da imagem do país.

Como vimos até o momento, Ponz era um típico escritor e viajante ilustrado, desempenhou um papel essencial na política boubônica, tendo realizado diferentes trabalhos e

ocupado diferentes funções, um dos seus principais objetivos foi deixar claro que havia uma necessidade de proteger e preservar o patrimônio artístico espanhol. Apesar deste fato, o autor afirmava que este não era seu único objetivo, como podemos constatar:

No iba totalmente descaminado el que á V. Le dixo que yo había elegido las bellas Artes, como un pretexto para comunicar á V., y V. Público otras noticias importantes de los pueblos y territorios de nuestra Península. Digo que no iba del todo descaminado; pues por aquel solo objeto de las Artes, antes de caminar tantos millares de leguas, y exponerme á muchos riesgos, me hubiera mirado en ello.

Algo conocemos al Público en general, así V. como yo; y si nuestra conversación la hubiésemos ceñido á aquellos términos, hubiera sin duda empalagado á los lectores, por lo comun poco acostumbrados á las bellezas artísticas, ni hubiera sido extraño que en lugar de las reimpressiones que Ibarra y sus hijos han hecho de los libros de este Viage, estuviera parte del primero ocupándoles todavía la casa.

A mas de esto (ya lo hemos hablado otras muchas veces) las bellas Artes sin las bellezas naturales de los países donde hayan de florecer, no hay que esperarlas: huyen de la miseria y fealdad de los territorios, y solo aman la comodidad y abundancia. (PONZ, 1791, v.16, p. 166-167).

Nesta carta, que consta no décimo sexto volume da obra, Ponz faz uma advertência em relação a suas intenções, explicando que sua obra não teria tido tanto êxito se ele tivesse se dedicado apenas às belas artes, afirmando que possivelmente teria entediado aos leitores e que as questões artísticas sem as belezas naturais dos países não teriam o mesmo impacto. Já sabemos que Ponz era um homem dedicado ao movimento ilustrado, ativo defensor dos ideais e seguro em suas concepções. Em relação à figura do autor, é possível ter uma melhor concepção a partir da leitura do volume dezoito da obra *Viage de España* (1772-1794), pois, seu sobrinho José Ponz, quem organizou e publicou postumamente, escreve uma espécie de biografia sobre Ponz descrevendo algumas de suas características. Atentemos:

Era Don Antonio Ponz de estatura regular, aspecto serio, de constitución vigorosa; y aunque de bastantes carnes en su juventud, las muchas fatigas y cuidados le habían extenuado hasta el termino de hacerle parecer flaco: sin tocar en la raya del desaliño se ocupaba poco por su exterior, pues llena su imaginación de vastos objetos, que á cada paso se le ofrecían, no se empleaba en aquel cuidado de su persona, que se podría esperar de un hombre que había pasado sus primeros años en la culta Italia. Aunque su aspecto serio, como va dicho, anunciaba un interior melancólico, en nada se conocía su trato la tristeza. Era festivo con sus amigos: era agradable con los que le trataban, y no desmentía en esta parte el genio característico del País, que le había dado cuna (...) Era austero en sus costumbres, que se había formado sobre el solido cimiento de la religión, nacido en una familia virtuosa, educado entre Maestros Religiosos, y enseñado en una ciudad en que por todas las partes brilla la devoción. (PONZ, 1792, v.18, p. 33).

Em relação às biografias escritas sobre Antonio Ponz, o autor Mateo Maciá (1990) esclarece o seguinte: “Todas las biografías de Ponz están basadas en la que escribiera su sobrino José Ponz Nepós al comienzo del tomo XVIII del *Viage*” (MACIÁ, 1990, p. 156). O conteúdo

escrito pelo sobrinho de Ponz é considerado interessante e completo, trata sobre os acontecimentos que envolvem a vida do autor espanhol, uma parte muito importante da obra, pois, entender alguns detalhes sobre quem foi Antonio Ponz, que cargos ocupou, quais eram suas motivações, nos ajuda a encontrar características típicas do homem ilustrado que foi.

Como dito anteriormente, a obra de Antonio Ponz possui dezoito volumes, que foram publicados em Madri pela prestigiosa editora de Don Joaquin Ibarra²¹ entre os anos de 1772 e 1794, durante esses anos alguns volumes tiveram uma segunda e até terceira edição, fato que comprova o grande êxito e recepção que alcançou. Seus escritos não se resumem ao objetivo de realizar um inventário das obras de arte que haviam em seu país, o autor aborda aspectos sobre a economia, agricultura, história, preferências artísticas, costumes da população, entre muitos outros assuntos, incluindo trechos com suas opiniões pessoais. Podemos dizer que exatamente nas notas que constam suas opiniões é onde encontramos as características que nos permitem vê-lo como um escritor ilustrado, evidenciando a preocupação típica do homem ilustrado, centrado nos problemas e nas concepções culturais de sua época. Podemos comprovar alguns dados sobre as características do escritor espanhol nas considerações do autor Julio Valdeón:

Antonio Ponz es un penetrante observador. En sus viajes por España conversa con numerosos interlocutores, se empapa de la realidad social a través de sus contactos con la gente del pueblo, padece al mismo tiempo el abandono de los caminos, la suciedad de las ciudades y la miseria de tantas posadas en que hubo de pernoctar. Pero Antonio Ponz es un hombre de vastísima cultura. De ahí que en todo momento brote un debate dialectico entre la realidad que tiene ante sus ojos y las posibilidades de transformación de esa realidad, ya sea acudiendo a su conocimiento de la grandeza pretérita o proponiendo las innovaciones pertinentes para garantizar el progreso. Y es que Antonio Ponz era un ilustrado, un hombre convencido de la posibilidad de mejorar el presente. La crítica en Ponz es algo así como un deber patriótico. (VALDEÓN, 1987, p. 10-11).

Em relação ao que se debate, o autor faz uma reflexão sobre Ponz, afirmando que o autor espanhol foi um típico homem ilustrado e que sua narrativa carrega considerações sobre a realidade que ele enxergava e o desejo de transformá-la, para poder alcançar o progresso. Atentemos a um resumo sobre as cidades e regiões por onde o escritor Antonio Ponz viajou, publicado pelo autor Mateo Maciá (1990) em seu artigo intitulado: *Corrientes documentales del siglo XVIII: El “Viage de España”*, de Antonio Ponz, em que aparecem os lugares por onde o espanhol passou e que constam em cada volume:

²¹ Joaquín Ibarra y Martín foi tipógrafo e editor espanhol. No ano de 1766, foi nomeado impressor real do rei Carlos III. A Ibarra se deve a impressão de obras relevantes na literatura espanhola.

Quadro 1 - Itinerário das cidades e regiões percorridas por Antonio Ponz.

TOMOS	CIUDADES Y PUEBLOS
Tomo I	Madrid, Toledo. Aranjuez, Alcalá de Henares, Guadalajara, 1-fuete.
Tomo II	Madrid, Escorial. Guisando.
Tomo III	Cuenca, Madrid, Arganda, Uclés, Huete, Requena, Valencia, Chelva.
Tomo IV	Valencia, Segorbe, Murviedro, Játiva, Almansa.
Tomo V	Madrid.
Tomo VI	Madrid y sitios reales inmediatos.
Tomo VII	Madrid, Talavera de la Reina, Guadalupe, Talavera la Vieja, Plasencia, Yuste, Trujillo, Medellín, Las Batuecas, Las Hurdes, Plasencia.
Tomo VIII	Plasencia, Béjar, Coria, Oliva, Alcántara, Cáceres, Mérida, Montijo, Badajoz, Jerez de los Caballeros, Fregenal, Zafra, Cantillana, Santiponce, Triana.
Tomo IX	Sevilla.
Tomo X	Alcobendas, Torrelaguna, Huitrigo, San Ildefonso, Segovia.
Tomo XI	Cuéllar, Montemayor, Tudela, Valladolid, Palencia, Carrión de los Condes, Sahagún, León, Monzón, Agular de Campoo, Torquemada.
Tomo XII	Burgos, Lerma, Aranda de Duero, Ampudia, Medina de Rioseco, Tordesillas, Medina del Campo, Salamanca, Alba de Tormes, Avila, Ciudad Rodrigo.
Tomo XIII	Hita, Sigüenza, Medinaceli, Calatayud, Molina de Aragón, Teruel, Caudiel, Villareal, Castellón de la Piana, Torreblanca, Alcalá de Chisvert, Benicarló, Peñíscola, Ulídecona, Tortosa, Tarragona.
Tomo XIV	Barcelona, Mataró, Gerona, Montserrat, Martorelí, Prena, Igualada, Solsona, Cervera, Lérida.
Tomo XV	Zaragoza, Daroca.
Tomo XVI	Aranjuez, Ocaña, Valdepeñas, Consuegra, Ciudad Real, Almagro, Linares, Baeza, Ubeda, Jaén, Arjona, Bailén, Córdoba.
Tomo XVII	Córdoba, Ecija, Lucena, Carmona, Sevilla, Utrera, Jerez de la Frontera, Cádiz.
Tomo XVIII	Cádiz, Chiclana, Puerto de Santa Maria, Medina Sidonia, Tarifa, Gibraltar, Ronda, Sanlúcar de Barrameda, Lebrija. Osuna, Antequera, Málaga, Alhama.

Fonte: Corrientes documentales del siglo XVIII: El “Viage de España. Mateo Maciá (1990). Acesso em: 17 mai. 2021.

A partir do quadro elaborado por Mateo Maciá (1990), podemos analisar todas as cidades e vilarejos que fizeram parte do percurso de Antonio Ponz pela Espanha, nos chama atenção um dado interessante sobre os lugares descritos, ver que Ponz não viajou por todas as regiões do seu país. Segundo Maciá (1990):

Ponz no viaje por toda la península la exhaustividad no era todavía elemento imprescindible de la guía viajera, como lo sería en el siglo XX- y algunas cartas de Jovellanos al escritor cubren zonas de la región asturiano-leonesa que él no visitó. Como indica J. Dantín Cereceda: “en los diez y ocho volúmenes manuales de que se compone la obra de Ponz se relatan los diversos itinerarios del viajero, realizados en su mayoría – salvo los referentes al NE de la península- en el ámbito de la España seca y mediterránea. Explicación de que en al caso del *Viage* aparezca permanentemente la nota de aridez- en más de un caso extrema- del paisaje. Que nuestro viajero pretende remediar con el arbitrio de la plantación de árboles...Ponz no nos dice nada de Galicia, Asturias, Santander y las Vascongadas, esto es, de la faja montuosa orientada al Atlántico y al Cantábrico”. (MACIÁ, 1990, p. 150).

Como indica o autor na passagem acima, viajar era um grande desafio, principalmente, devido às condições dos meios de transportes para os deslocamentos e os locais para hospedagens. Nessa época, a exaustividade ainda não estava presente na chamada viagem ilustrada, o que prevalecia era o desejo pelo conhecimento e pelas aventuras, a inquietude para conhecer geografias até então não visitadas e poder se aproximar de outras culturas. As cidades e vilarejos foram os lugares mais destacados, os viajantes buscavam uma arquitetura que atendesse às necessidades da época e atenuassem as hierarquias de poder na construção espanhola. Em relação ao que se debate, Delgado (2012) indica que:

El Viaje se centró con especial intensidad en el interior peninsular. La Corte, los Sitios Reales, las dos Castillas, Extremadura y Andalucía coparon la gran mayoría de sus tomos, entre otros motivos porque, a pesar de que reconociese elementos positivos y la gran potencialidad de algunas de estas regiones, Ponz denunció su despoblación, su deforestación, su decaída industria y, por encima de todo, el pésimo estado de la propia nación. Nuestro viajero reconoció el mayor dinamismo de las zonas periféricas, es decir, de Valencia, El País Vasco, y, muy especialmente, de Cataluña. (DELGADO, 2012, p. 36-38).

Dessa maneira, o que aponta o autor indica que Ponz mesmo não tendo se desinteressado por nenhuma das regiões do país, teria tido suas preferências. Os viajantes espanhóis participaram ativamente desse momento em que foram realizadas inúmeras viagens, muitos espanhóis experimentaram terras estrangeiras e realizaram viagens com várias finalidades, porém o mais interessante foi que começaram a viajar pelo seu próprio país, o principal propósito desses viajantes era mostrar o que havia sido e o que era a Espanha naquele momento.

Com a ideia de fazer o país prosperar, alguns começaram a viajar a partir de um pedido real, como foi o caso do escritor Antonio Ponz, tais incumbências eram um dos motivos pelos quais abriram-se as portas para as viagens. Os viajantes ilustrados visitavam monumentos, bibliotecas, igrejas, descreviam as paisagens e o campo, analisavam a população, o comércio, conheciam com mais profundidade as aldeias e vilarejos, esses ilustrados patrióticos tinham o dever de anotar e catalogar tudo o que viam e ouviam, o que evidencia que a viagem ilustrada foi financiada pela coroa e entendida como parte da renovação da nação, sob pedido do governo foram feitas viagens com várias finalidades, Antonio Ponz, portanto, fez parte dessa engrenagem da Coroa espanhola.

Segundo a autora Selina Blasco Castiñeyra (1990), a história dos dezoito volumes que compõem a obra está muito longe de ter sido tranquila e ordenada, pois, contou com uma sucessão de edições, reimpressões e reedições corrigidas e aumentadas, e que desde muito cedo o autor espanhol quis incorporar ao seu livro novas notícias sobre os lugares que havia passado

pela primeira vez, acrescentar averiguações que surgiram nas visitas anteriores e até mesmo algumas correções de dados que possivelmente eram falsos ou equivocados.

A autora enfatiza ainda que:

El recorrido por los tomos que don Antonio Ponz ofrecía a los lectores muestra como nuestro autor desde el principio consideró que la descripción de España debía irse enriqueciendo paralelamente a las enormes trasformaciones que estaba experimentando el país. Y es apasionante constatar incluso la sola y árida elaboración de la historia de este libro ilustra una de las principales características del temperamento que el autor compartió con tantos y tan ilustres personajes de su época: la de consolidarse como protagonistas, participes o, incluso menos, solo narradores del Progreso. (BLASCO CASTIÑERA, 1990, p. 225).

A autora se refere à preocupação de Antonio Ponz quando está descrevendo a Espanha, indica que o escritor e viajante espanhol está empenhado em dar ao leitor uma visão clara daquilo que era o seu país no momento e que tal descrição deveria ir acompanhando as transformações que o país atravessava, esse foi um dos motivos pelo qual Ponz em seus volumes foi acrescentando informações ao decorrer do tempo, principalmente, de lugares por onde passou mais de uma vez.

Em relação ao que se debate, atentemos para o quadro com a cronologia das sucessivas edições realizadas no decorrer do século XVIII:

Quadro 2 - Anos das edições e reedições da obra Viage de España.

EDICIONES			
TOMOS	1^a	2^a	3^a
Tomo I	1772	1776	1787
Tomo II	1773	1777	1788
Tomo III	1774	1777	1789
Tomo IV	1774	1779	1789
Tomo V	1776	1782	1793
Tomo VI	1776	1782	1793
Tomo VII	1778	1784	
Tomo VIII	1778	1784	
Tomo IX	1780	1786	
Tomo X	1781	1787	
Tomo XI	1783	1787	
Tomo XII	1783	1788	
Tomo XIII	1785	1788	
Tomo XIV	1788		
Tomo XV	1788		
Tomo XVI	1791		
Tomo XVII	1792		
Tomo XVIII	1794		

Fonte: Corrientes documentales del siglo XVIII: El “Viage de España”, de Antonio Ponz. (MACIÁ, Mateo apud CASTRO, María del Rivero, 1990, p. 151-152). Acesso em: 17 mai. 2021.

Viage de España (1772-1794) pertence ao período em que existia uma enorme tradição da literatura de viagem, que como sabemos, no século XVIII teve muita repercussão, encontramos nas narrativas produzidas ao longo do século a preocupação dos autores em afirmar sobre a veracidade dos seus textos, no que diz respeito as obras produzidas no território espanhol, temos a Antonio Ponz como um dos grandes referentes. Como outras obras desse gênero *Viage de España* é minuciosa, com uma narração articulada em relação ao espaço percorrido típica das narrativas de viagem. A esse respeito, Emilio Pascual (2008) aponta o seguinte:

La tipología viajera del siglo XVIII por España tiene entre sus miembros más reconocidos a Antonio Ponz, un valenciano que no solamente no dejó una monumental obra de su largo recorrido artístico por la piel del toro, sino que, además- y en esto no destacaron demasiado- se atrevió a traspasar nuestras fronteras y recorrer Francia, Bélgica, Holanda e Inglaterra para dejarnos interesantes descripciones artísticas de los monumentos que encontró en su trayecto ilustrado, así como para “proponer los ejemplos que le parecen dignos de imitarse, como también los que se deben huir”, objetivo básico del trayecto ilustrado iniciado por algunos de nuestros ilustres compatriotas en el Siglo de las Luces. (PASCUAL, 2008, p. 1).

O autor acima destaca a grandeza de Ponz em sua obra, além do fato do espanhol ter se atrevido a desbravar outros países, com a intenção de conhecer e observar, principalmente, no que diz respeito à cultura e às obras de artes que em muitas ocasiões lhe pareceram um modelo a seguir, o desejo de Ponz de propor exemplos que deveriam ser copiados e também apontar aspectos que ele julgava irrelevantes. Dessa maneira, evidenciamos que a obra de Ponz constitui, sem dúvida, uma das maiores obras dos ilustrados espanhóis do século XVIII, e não cabe dúvida da ousadia do autor ao experimentar viajar terras estrangeiras.

Sabemos que Ponz escrevia e enviava as cartas a um amigo anônimo que supostamente residia em Madri, em algum momento foi considerada a possibilidade de que as cartas fossem dirigidas ao conde de Campomanes, porém ao decorrer da obra não se encontra nenhuma evidência que comprove a identidade do correspondente de Ponz. Outro dado interessante sobre a obra é em relação às figuras de mapas, cidades e vilarejos que o autor usou, foram cerca de oitenta, certamente não foi um número elevado em relação à quantidade de volumes e páginas escritas. Também nos parece pertinente pensar quem e quais foram os colaboradores e as fontes que ajudaram ao espanhol, Ponz escreve sobre várias obras e autores contemporâneos que o faziam pensar enquanto escrevia, é claro que tais fontes colaboraram e fizeram com que a obra alcançasse tamanho sucesso. A esse respeito, Delgado (2012) esclarece que:

Otro tipo de noticias que enriquecieron el *Viage* fueron las que precisamente, le proporcionaron colaboradores, amigos o personajes con los que había entrado en contacto en Madrid o durante sus periplos. Desgraciadamente, del mismo modo que

Ponz no desveló todas sus fuentes escritas, tampoco lo hizo con sus colaboradores. Aun así, las páginas de *Viage* revelan que para su elaboración nuestro valenciano contó con contactos establecidos por toda la península. Una obra como el *Viage*, con tan numerosas y diversas noticias, requería necesariamente de ellos dada la carencia de otras fuentes alternativas de las que extraer determinados datos, imposibles de recopilar para un viajero que, como nuestro autor, no pudo sino visitar lugares con rapidez (DELGADO, 2012, p. 97).

De acordo com o que expõe, entendemos que o fato de Ponz ter contado com o auxílio de colaboradores e fontes foi importante e necessário, principalmente, porque uma obra como *Viage de España* precisava de fontes externas para examinar bem os dados, além de que viajar naquela época não significava algo fácil, os caminhos eram difíceis e com péssimos acessos, realmente era imprescindível ter em mãos escritos que pudessem auxiliar. No entanto, nos chama a atenção a questão de a experiência do autor de poder percorrer seu país em várias ocasiões e de forma privilegiada, relatando em seguida tudo o que vivenciou.

Uma das grandes intenções de Ponz foi apresentar um relato claro e fiável, pois, nessa época na literatura de viagem em geral e na Espanha apareciam relatos que eram considerados fictícios, inclusive, houveram viajantes que copiaram de outros viajantes, sendo assim, a partir das minuciosas descrições que nos dá, consideramos que ele viajou pela Espanha e experimentou a sensação de ver, palpar, medir e catalogar a partir da experiência *in loco*.

Além de percorrer seu país também foi um viajante por outras terras e nos deixou um importante relato onde encontramos diferentes descrições sobre o que encontrou nos países estrangeiros que visitou, escrevendo *Viage fuera de España*²² (1785), em dois volumes, em que narra sobre uma expedição realizada pela Inglaterra, Holanda, Bélgica e França, oferecendo uma perspectiva sobre a Europa a partir da qual é possível comparar com a de outros viajantes contemporâneos e analisar alguns pontos em comum. De acordo com a autora Monica Bolufer (2007), este foi o percurso realizado por Ponz fora do território Espanhol:

Saliendo de Toledo, pasó los Pirineos hasta Bayona, y desde allí viajó por el Este de Francia a París, visitando por el camino ciudades como Burdeos, Tours, Blois y Orléans. Posteriormente, se dirigió a Normandía y embarcó hacia Dover para visitar Londres y el Sur de Inglaterra. Desde allí se embarcó de nuevo para alcanzar las Provincias Unidas, donde conoció las más importantes ciudades, como Rotterdam, Delft, La Haya, Leiden, Haarlem, Amsterdam o Utrecht, y tras ellas las flamencas: Amberes, Malinas, Bruselas, Lovaina y Gante. El viaje de vuelta le llevaría de nuevo a París y después, por el centro y el Sudoeste de Francia, a Lyon, Aviñón, Nîmes, Montpellier, Béziers, Narbona y Toulouse, hasta los Pirineos, para acabar en Alcalá de Henares. (BOLUFER, 2007, p. 119).

²² PONZ, Antonio. *Viage fuera de España*. Madrid, 1785. Disponível em Biblioteca Nacional da Espanha: http://www.bne.es/es/Micrositios/Guias/Viajes/Seleccion/XVIII/seleccion_XVIII/index.html

A obra *Viaje fuera de España* publicada entre os anos de 1784 e 1785, também escrita em forma epistolar, onde o autor narra suas interessantes experiências pelos lugares que visita, com a intenção de descobrir alguns modelos que servissem para imitar, como também observar o que deveria rejeitar. A obra possui dois volumes, cada um deles composto por um prólogo e doze cartas, que foram escritos em um intervalo das suas viagens pela Espanha, Ponz se dedicou a uma viagem diferente daquela que tinha realizado durante sua juventude para a Itália, principalmente, porque como fruto dessa aventura nos deixou a obra *Viaje fuera de España*, sobre essas reflexões a autora Mónica Bolufer (2007) acrescenta o seguinte:

El *Viaje fuera de España* consta de dos volúmenes, cada uno de ellos compuesto por un prólogo y 12 cartas. Esas se dirigen a un interlocutor probablemente imaginario, en el que algunos críticos suelen ver al conde de Campomanes, pero en mi opinión representa más bien, de acuerdo con las convenciones de la forma epistolar, habitual en la literatura de viajes, al público implícito que Ponz contempla como receptor de su texto: culto, de talante reformista y con un criterio formado en los cánones del “buen gusto” neoclásico. El texto, escrito de forma tanto apresurada, y al que su autor debió prestarle una menor atención que a la gran obra de su vida, el *Viaje fuera España*, apenas ha merecido el interés de los historiadores y estudiosos de la literatura de viajes; con algunos notables precedentes, sólo desde los años 90 se le han dedicado estudios de cierta profundidad, y no ha sido hasta fechas bien recientes que ha sido objeto de una edición crítica. Estos trabajos vienen mostrando que, aunque pueda clasificarse entre los relatos de viaje con un marcado contenido artístico, no sólo su contenido se limita a estos temas, sino que los propios criterios estéticos que en él se expresan pueden considerarse como vehículo e hilo conductor de un discurso más amplio de carácter reformista. En este sentido, el *Viaje fuera de España* ofrece una perspectiva sobre Europa que puede compararse con otros viajeros contemporáneos para perfilar tanto lo que tienen en común como aquellos que resulta peculiar de la mirada y de la estructura de su autor en el contexto de la literatura de viajes de su tiempo. (BOLUFER, 2007, p. 119-120).

Antonio Ponz ao escrever *Viaje fuera de España*, que também foi um livro de grande relevância, aproveitou a ocasião para refutar as críticas feitas por vários autores estrangeiros sobre a Espanha. Bolufer (2007) indaga quais teriam sido as circunstâncias das viagens feitas e compara o relato de Ponz com o de outros viajantes espanhóis pela Europa, naquela época, pensando no entendimento que as descrições podem dar ao leitor:

¿Cuáles fueron las circunstancias del viaje de Ponz por Europa? Apenas lo sabemos. De hecho, lo primero que llama la vista en su relato, en relación con los de otros viajeros de su época, es la escasa información que ofrece acerca de los detalles prácticos y materiales del recorrido. Comparado con Bernardo José de Olives, noble menorquín que realizó su Gran Tour en 1700, con Diego Alejandro de Gálvez, canónigo sevillano que viajó a Flandes y París en 1755, con el ilustrado José Viera y Clavijo, que recorrió Francia, Italia, Flandes o Alemania en 1777-78 y 1780-81, con Gaspar de Molina y Zaldívar, marqués de Ureña, amigo de Ponz, que realizó un recorrido muy similar al suyo en 1787-88, con Juan Andrés (que escribió sobre sus viajes por Italia en 1785-91) o Leandro Fernández de Moratín (por Inglaterra, Italia y Francia, en 1787 y 1792-1793), Ponz es el menos expresivo sobre estos

particulares.¹⁹ Nada nos dice, con contadas excepciones, sobre cuánto gasta y en qué, con qué financiación cuenta, en qué fechas y por cuánto tiempo se detiene en los distintos lugares, quién lo acompaña o dónde se aloja. Apenas precisa en alguna ocasión el lugar en el que se hospeda: en Londres, en Suffolk Street (p. 424); en París, en “una de las mejores partes de la ciudad” (p. 281); en Dover, en una fonda cuya propietaria conocía Cádiz (p. 420), o alaba las posadas británicas (p. 433) aunque se queje de sus elevados precios. (BOLUFER, 2007, p. 121).

Em outras palavras, a autora indica que Ponz não fornece explicações em sua obra sobre como eram realizadas as viagens, não informa sobre os meios de transporte que utilizava, onde se hospedava, quanto dinheiro tinha e quanto gastava, sobre quem financiava os trajetos, ao contrário dos relatos de outros viajantes que dão detalhadas informações com a intenção de aconselhar aos que planejem seguir seus passos.

Viage fuera de España foi uma obra menos conhecida e que o autor dedicou um período mais curto de tempo. Diferentemente da que foi talvez a maior obra ilustrada do século XVIII espanhol, *Viage de España*, trabalho para o qual Ponz dedicou a maior parte da sua vida. A autora Mónica Bolufer foi quem escreveu e publicou uma reedição da obra como indica Pascual (2008):

El *Viage fuera de España* de Ponz, que actualmente resultaba casi imposible de encontrar fuera de las bibliotecas, acabe de ser puesto al alcance de los interesados por el Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alicante en una cuidada y sabia edición, como las que nos tiene acostumbrados habitualmente, a cargo de Mónica Bolufer, profesora de Historia Moderna en la Universidad de Valencia, especialista en historia sociocultural e historia de las mujeres y que en los últimos tiempos desarrolla sus trabajos de investigación en el campo de la literatura viajera y construcción de la identidad europea. Su edición resulta una magnífica ocasión para conocer que no tan solo el alicantino Juan Andrés en su exilio italiano, Fernández de Moratín con sus recogidos por Italia e Inglaterra, Bernardo José de Olives en su trayecto por Flandes y Holanda, José Vieira y Clavijo por Francia, Jorge Juan en sus misiones de espionajes por Londres o el marqués de Ureña en su periplo europeo, viajaron durante el siglo XVIII fuera de nuestras fronteras y supieron captar el espíritu de una Europa ilustrada y avanzada para tratar de adaptarlo a idiosincrasia de una España mucho más atrasada en el terreno económico, político y social. (PASCUAL, 2008, p. 2-3).

As reflexões do autor nos levam a pensar sobre a relevância de recuperar e estudar as obras de Antonio Ponz, pois, ao analisar este escritor espanhol e seus relatos, atualmente, reativamos a necessidade de reivindicar a vigência de sua obra, além de entender que o século XVIII supõe uma etapa de contrastes e transformações, um período que representa um momento singular na história. O que acontece na Europa e especialmente na Espanha nesse período é uma intensificação da pretensão do conhecimento objetivo e universal, Ponz viajou para comparar geografias, costumes, fauna, flora, arquitetura, artes, economia, entre outros assuntos e conhecer o homem e sua sociedade e poder, assim, melhorá-la a partir da experiência. Outro

fator importante que engrandece a obra do escritor espanhol é que nessa época havia uma grande escassez de publicações sobre a Espanha, o que coloca seu livro como uma fonte privilegiada, tendo sido utilizada em várias ocasiões por viajantes ingleses e franceses como guia de viagem para conhecer a Espanha. O estudioso Julio Valdeón (1987) fez as seguintes considerações sobre a obra *Viage de España* (1772-1794):

Se ha dicho incluso que fue utilizado por las tropas francesas invasoras de España, en los comienzos del siglo XIX, para proceder a la rapiña de buena parte del tesoro artístico de nuestra nación. Ciertamente Antonio Ponz, cuya inclinación por los estudios artísticos ya conocemos, analiza con detenimiento todos los objetos interesantes del patrimonio que encuentra a su paso. Cuando entra en una iglesia describe con suma minuciosidad cada una de sus capillas, deteniéndose ora en un retablo, ora en unas inscripciones de un sepulcro. Esto explica el interés del “Viage de España” para los historiadores del arte. Antonio Ponz, eso sí, no se limita a diseccionar las piezas artísticas que defiende a capa y espalda. Ponz es un neoclásico, y como tal combate sin desmayo todo aquello que le parece de mal gusto, en particular el estilo churrigueresco, que considera el sùmmum de la desfachatez artística. (VALDEÓN, 1897, p. 8-9).

De acordo com o que esclarece o autor no trecho acima, a obra de Antonio Ponz, em outras palavras, constitui um texto que contém minuciosas descrições de variadas temáticas que o autor aborda, mostrando sua maneira de contemplar os aspectos que se dedica a analisar como as obras de artes, monumentos, paisagens, economia, costumes e situação social do seu país, expondo suas impressões de viajante, o que caracteriza que o autor se interessava por vários assuntos, o que era comum entre os ilustrados durante o século XVIII.

4.1 IMAGENS DA ESPANHA DO SÉCULO XVIII

Os ilustrados entendiam que nada poderia substituir a razão e que tudo que não entende a razão como único meio para conseguir os objetivos ligados ao progresso poderia ser rejeitado, essa era uma das principais características dos ilustrados e consequentemente de Antonio Ponz, que compreendia o conhecimento sobre o mundo pautado nos ideais da Ilustração, tal pensamento está fortemente presente em sua obra. Tendo sido considerada por importantes intelectuais como uma das mais relevantes obras do Século das Luzes espanhol, *Viage de España* (1772-1794) foi lida por muitos espanhóis, estrangeiros, viajantes ilustrados, eruditos, artistas, historiadores, geógrafos, estudiosos do patrimônio histórico, entre outros, o que configura um público bastante diversificado.

Segundo Delgado (2008), a obra recebeu várias considerações importantes, foi elogiada por ilustres como o chefe da *Real Imprenta*, o espanhol Juan Facundo Caballero, que apontou

as virtudes da obra. O valenciano Antonio de Cavanilles²³, afirmou em sua obra *Observaciones sobre el artículo España de la nueva encyclopedia* (1784) que os indivíduos que desejassem conhecer bem as riquezas artísticas da Espanha deveriam ler a obra de Ponz. O escritor inglês Alexander Jardine, sempre crítico da literatura espanhola se referiu com respeito a obra, um destacado viajante britânico, Richard Twiss, incluiu *Viage de España* em uma lista importante como umas das fontes imprescindíveis para conhecer a Espanha. Um exemplo que não podemos deixar de comentar é o fato que um dos mais brilhantes escritores da Ilustração espanhola, Gaspar Melchor de Jovellanos, tenha manifestado sua grande admiração pelo autor valenciano em seu livro *Elogio de las Bellas Artes* (1781), outro caso de destaque foi a utilização da obra de Ponz na sexta edição (1795) do *Diccionario geográfico universal que comprehende la descripción de las quatro partes del mundo*, escrito pelo inglês Laurence Echard. Ainda segundo Delgado (2008), temos mais um exemplo da consolidação da obra de Ponz como uma fonte fiável entre os intelectuais da época, como podemos comprovar:

Un caso revelador es el del británico John Talbot Dillon, quien en el prólogo de su *Travels through Spain, with a view to illustrate the natural history and physical geography of that kingdom, in a series of letters* (1782) advirtió que la obra de Guillermo Bowles y la de nuestro valenciano serían sus dos principales fuentes: I must acknowledge that I am likewise indebted to the work of the celebrated Don Antonio Ponz, secretary to the royal academy of San Fernando at Madrid, whose travels through Spain have met with universal applause and recommended him to the royal favour. As the extensive circulation of Ponz's work induced Mr. Bowles not to quote from them, I have been prevailed upon to avail myself of them, judging they would be agreeable to English reader, and have endeavoured to blend the quotations with the text, in such a manner as I deemed would render them the most acceptable: my design being merely intended as an essay to afford a guide to future travellers (DILLON, 2008 *apud* DELGADO, 1782, p. 20-21).

Todos esses testemunhos sobre a obra de Ponz nos mostram o respeito que alguns célebres autores e críticos tiveram em relação ao autor espanhol. Nessa época, devemos levar em consideração a escassez de obras publicadas sobre a Espanha, principalmente, por conta da baixa produção de livros e alguns casos de obras com insuficiente qualidade, porém este fato não interfere na questão da relevância e da difusão que *Viage de España* (1772-1794) teve.

Neste caso, a obra de Ponz figurava como uma das poucas fontes confiáveis que denunciava as carências do país e indicava as mudanças necessárias. Nesse sentido, Delgado (2008) aponta que no decorrer da segunda metade do século XVIII alguns autores denunciaram a inexistência de descrições fidedignas sobre a Espanha, “José Vargas Ponce exclamó! *Sabemos*

²³ Ver: Cavanilles. Antonio José. *Observaciones sobre el artículo España de la Nueva Encyclopedia*. Madrid, 1784.

tan poco de España los españoles! Resulta indudable que Ponz, con su Viage, quiso en algún modo paliar tan deficiente situación” (DELGADO, 2008, p. 23).

Sabemos que Antonio Ponz viajou por várias regiões da Espanha para poder comparar, conhecer sua sociedade e poder melhorá-la. Como podemos observar já na grandeza que o título sugere, *Viage de España, en que se da noticia de las cosas mas apreciables, y dignas de saberse, que hay en ella* (1772-1794), nos revela a multiplicidade de conteúdos que abrange. O título afirma que a obra trata de diferentes aspectos da realidade espanhola, o autor escolheu e conduziu seus itinerários e escrita delimitando de maneira precisa os aspectos que eram considerados mais importantes. Em relação a todos os conteúdos presentes na obra de Ponz, identificamos que correspondiam ao seu grande objetivo, que era o progresso do seu país, ou melhor, fazer um inventário do estado crítico que se encontrava seu país, para poder então proporcionar informações que contribuíssem para as políticas de reformas do governo.

De acordo com o que aponta Maciá (1990), “Ponz, al margen de su objetivo primordial, que es la descripción artística, se ocupa de lo que llamamos “historias locales” (MACIÁ, 1990, p. 159). O que indica o autor se refere a que a obra de Ponz faz parte as obras que se dedicam a narrar e colocar em evidência as grandezas de uma determinada cidade, povo ou região, como podemos constatar nas palavras de Ponz quando se refere a cidade de Barcelona:

Digo, pues, sin mas preámbulos, que Barcelona tiene todas las qualidades para ser una de las principales Ciudades de España, cómo lo es: fuerte, abundante, frondosa, bien situada entre los ríos, que contribuyen á su felicidad; casi toda en una llanura, con muchos jardines dentro, y fuera de sus murallas, casas de recreo en su campiña, y concurrida de Extranjeros por su Puerto, y comercio. En fin, logra todas las ventajas de Ciudad marítima muy comerciante, y la que resulta de un territorio cuidadosamente cultivado.

D. Miguel de Cervantes en su Novela de las Doncellas dice de Barcelona: *Admiróloes el hermoso sitio de la Ciudad, y la estimaron por flor de las bellas Ciudades del mundo, honra de España, temor, y espanto de los circunvecinos, y apartados enemigos, regalo, y delicia de sus moradores, amparo de los Extranjeros, escuela de Caballería, exemplo de lealtad, y satisfaccion de todo aquello que de una grande, famosa, rica y bien fundada Ciudad puede pedir un discreto, y curioso deseo.* (PONZ, 1778, v.14, p. 5-6).

Nota-se, então, que a intenção de Ponz em seus relatos era, além de narrar as grandezas e exaltar os bons aspectos em relação às cidades e todos os diferentes temas que se dedica a analisar, também incidia em denunciar o que escreviam os estrangeiros sobre a Espanha, encontramos nessa passagem o caráter patriótico do autor, elemento próprio dos ideais ilustrados. Para engrandecer ainda mais seu relato sobre a cidade de Barcelona o valenciano inclui um trecho escrito pelo escritor Miguel de Cervantes (1547-1616), na obra *Don Quijote de la Mancha*, publicada no ano de 1605.

Sendo assim, destacamos que os relatos presentes, por sua diversidade e multiplicidade de temas abordados, possuem características próprias do gênero da literatura de viagem, em que o autor se dedica a abordar com precisão uma pluralidade de temas, em que a viagem funcionava claramente como uma radiografia da época vivida. A esse respeito, Nicolás Bas Martín (2007) observa que:

Es evidente que el viaje ha constituido a lo largo de la historia la mejor radiografía a la que aproximarse a la hora de conocer un país. Una fuente de información de primera magnitud que nos ha predispuesto a una mejor comprensión del lugar visitado. Información que, en la mayoría de los casos, es muy similar, y que se refiere a asuntos tales como: Geografía (población, habitantes, clima, fauna, flora, entramadourbano). Política (gobierno). Economía (agricultura, ganadería, industria, artesanía). Sociedad (costumbres, jerarquías, papel de la mujer). Cultura (monumentos, historia, literatura, personajes relevantes). Costumbres (vestido, gastronomía, fiestas y actos diversos.) (BAS MARTÍN, 2007, p. 13).

De acordo com o que nos indica o autor, refletimos sobre a necessidade típica dos viajantes do Século das Luzes, de ir em busca do conhecimento e divulgá-lo através dos relatos, o que levava à produção de livros de viagens com conteúdos diferentes e heterogêneos, como podemos comprovar a partir da diversidade de temas presentes na obra de Ponz. É certo que as primeiras intenções de suas viagens eram, primeiro, tentar descobrir qual era o estado em que se encontravam as belas artes na Espanha e fazer um inventário, para que as obras encontradas pudessem servir como modelo para os jovens que se dedicavam ao estudo das artes e logo examinar e estudar a situação econômica do país. Esses assuntos aparecem como os dois grandes objetivos de Ponz, pode-se dizer que são os eixos protagonistas da obra, no entanto, percebe-se que apesar da pluralidade de temas as descrições que compõem *Viage de España* coincidem em um único objetivo que era o progresso da Espanha.

Alguns dos temas que Ponz buscou examinar foram sobre livros, bibliotecas, arquivos, a questão demográfica, o patriotismo e a educação, o comércio e o setor agrário, também prestou atenção ao plantio das árvores, pois, nesta época havia um grande desmatamento em várias regiões espanholas, foi atento em relação às paisagens, em relação à quantidade populacional, entre outros assuntos.

No prólogo do primeiro volume, Ponz deixa clara sua intenção de informar sobre a realidade do país, algo que era comum entre os viajantes ilustrados, viajar e escrever descrições fidedignas da situação do local que percorriam, uma relação direta entre a escrita e o deslocamento. Como podemos averiguar:

El caracter principal de sugeto es decir la verdad; y algunas veces he oído de su boca

que hace mas mal el que alaba una cosa mala, que el que hizo quien la executó; y que se les podía argüir de parricidio á muchos, que con semejantes alabanzas sufocan el verdadero mérito, y hacen triunfe la ignorancia, dexando monstruosas, y permanentes señales por todas las partes, que asesinan el honor de la patria, y últimamente autorizan, y aun justifican las sátiras que vienen de otras partes. (PONZ, 1772, v.1, prólogo).

Seguindo a análise do prólogo do primeiro volume, publicado no ano de 1772, identificamos que Ponz também dá indicações de como será a estrutura da obra, como podemos constatar:

...en escribir, se irán dando al público sus observaciones, para que sirvan como de guía á los que desean ver, y conocer las cosas dignas de estimarse en los Pueblos, y Ciudades de España; y con esta mira se procurará distribuir esta obra en libritos, que puedan embarazar mucho por si alguno tuviese por conveniente llevar aquella parte de ellos, que le pueda ser de utilidad en sus viages. Se han puesto las notas que han parecido convenientes, siguiendo en esto el dictamen que el Autor manifiesta en la última Carta de este libro, habiendo remetido él mismo la mayor parte de ellas, con la prevención de que podrán servir como de adiciones á lo que tenia escrito. (PONZ, 1772, v.1, prólogo).

Nesta passagem descrita, verificamos que aparece nas palavras de Ponz o sentido utilitarista dos ilustrados, principalmente, quando o autor sugere fazer da sua obra um guia de viagem. Outra observação pertinente é quando enfatiza a presença de algumas modificações de uma para outra edição, sendo esta outra característica do comportamento de homem ilustrado do autor, não queriam deixar passar nenhum tipo de erro, tudo deveria ser visto e revisto, acrescentando informações e revisando o que era escrito de uma edição para a outra.

No Século das Luzes temos uma concepção otimista que coloca como objetivos centrais a utilidade e a felicidade dos homens, conceitos que foram comuns entre os ilustrados, a partir de tal conceito se desprenderam e realizaram grandes esforços para o bem comum do país. Aspiravam o progresso e a felicidade dos homens, pois, traria uma melhora na condição de vida. Nesta época, surgiram propostas e escritos que reafirmavam que os ideais da Ilustração colocavam em primeiro plano a condição de vida dos homens. Um exemplo foi a publicação do *Informe sobre la Ley Agraria* (1775), de Jovellanos, provavelmente o maior tratado econômico elaborado durante o período ilustrado, uma grande tentativa de reativar a economia espanhola e impulsionar um novo projeto que deveria ser executado para que a Espanha saísse adiante, onde o autor defendia a necessidade de iniciativas que permitissem superar a crise e os obstáculos que impediam o avanço do progresso.

Os ilustrados tinham como objetivo identificar as deficiências e necessidades, apoiados no conceito de utilidade que pretendia investigar as ciências que pudessem ser úteis e de certa forma contribuir para a reforma, tal conceito no âmbito da economia foi muito discutido. Na

época em que foi escrita a obra de Ponz a economia foi considerada como uma disciplina chave para conseguir atingir o que os ilustrados chamavam de “felicidade pública”, e contou com o empenho de figuras como Campomanes e Jovellanos que planejavam a partir dos seus escritos as possíveis soluções, exatamente o que Ponz tentou fazer ao coletar o maior número de informações possíveis sobre a condição em que se encontrava seu país.

Na primeira carta do primeiro volume, encontramos um trecho em que Ponz se dedica a rebater a obra do italiano Noberto Caimo, *Lettere d'un bago Italiano ad un suo amido* ou *Cartas de un vago Italiano a un amigo suyo* (1755-1756), ao mesmo tempo que tenta rebater o que dizem os estrangeiros sobre a Espanha. Vale ressaltar que esta atitude de Ponz se repete várias vezes ao decorrer da obra, encontramos que Ponz aponta os defeitos que encontra nas obras de estrangeiros que viajaram pelo seu país. Como podemos comprovar nas palavras do autor:

Quando los Extranjeros tachan con razón nuestros vicios, nos echan en cara los abusos, la decadencia de las Artes, la de las Letras, y las muchas preocupaciones de que se abundan, crea V. Que tan lejos estoy de que se me encienda la sangre, como creo que sucede á otros, que antes al contrario me complazco infinitamente, considerando ser éste un eficazísimo despertador, para hacernos entrar en cuenta, y aun para armarnos en manera, que no digo igualar, sino que también se pueda superar a las Naciones mas adelantadas, siendo la nuestra, como las mismas confiesan, abundante de ingenios para cualquiera cosa por ardua, y difícil que sea. Si todavía no se oye bien el ruido de estos golpes, de esperanza en Dios, que no siempre se ha de dormir. No llevo con tanta paz los caramillos que nos levantan a cada paso, que seria largo de referir, y algunas mentiras, que propagadas después por medio de impresos, sirven de rebaxar, ó quitar la gloria de la Nacion, y sus hijos v.g. lo del Luisillo del Tuano que sabe V. Hablando de la fábrica del Escorial: esto del Navagero y millares de especies semejantes, que se hallan sembradas en libros antiguos, y modernos, contra los cuales nadie reclama: porque, acaso los que podían ocupar en esto su habilidad, la emplean en escribir otras cosas de poca, ó de ninguna importancia, y nada cuidan de las banderillas, que injustamente se ponen a su patria. Un Geógrafo moderno (¿lo creará V.?) divide á España en tres Gobiernos, ó señoríos; es a saber, de Castilla, de Portugal, y el Eclesiástico, que pone en Toledo en calidad de independiente: esto y otras tales cosas se escriben, y las leemos sin chistar. (PONZ, 1772, v.1, p.17-19).

De acordo com as palavras de Ponz na passagem acima, acreditamos que a atitude de rebater as críticas lançadas à Espanha e a tentativa de justificá-las escrevendo relatos com um grande número de informações, refletem a postura ilustrada do escritor valenciano. Ponz usou seus relatos para tentar rebater a inúmeros viajantes e escritores. Constataremos que Bolufer (2007) cita alguns dos escritores que se dedicaram a fazer críticas à nação espanhola:

Las Cartas persas de Montesquieu (carta LXXVII) y algunos relatos de viajes, como las *Lettere d'un vago italiano ad un suo amico* (1759) de Norberto Caimo o el *Voyage de Figaro* (1784) de Fleuriot de Langle, y muy especialmente el artículo “Espanne”

de la Encyclopédie méthodique (1782), escrito por Masson de Morvilliers, causaron, por su retrato poco favorable de España, un gran revuelo, induciendo a numerosos autores, como Cadalso, Azara, Cavanilles o Forner, a tomar la pluma en defensa de su país, y a otros, como los redactores de El Censor, amosstrar su acuerdo con ciertas críticas que en ellos se formulaban. En este sentido, en el prólogo al primer volumen del Viaje de España Ponz ajusta cuentas con lo que llama el “rancio semillero” de los tópicos y acusaciones vertidos por algunos de los relatos de viajeros extranjeros por España: las Lettere d’un vago italiano del P. Norberto Caimo (1759), las Letters de Edward Clarke (1763), los Travels de William Dalrymple (1777) y Henry Swinburne (1779) y, por encima de todo, el fantasioso Voyage de Figaro, mostrando un juicio más favorable hacia otras obras que estima mejor fundamentadas: los Travels de Richard Twiss (1775) y de John Talbot Dillon (1780), A journey from London to Genoa through England, Portugal and France de Giovanni Baretti (1770; fig. 8) y el Nouveau voyage de Jean-François Peyron (1782) (BOLUFER, 2007, p. 125).

Segundo Bolufer (2007), os relatos de viagens publicados pelos autores estrangeiros que traziam uma imagem negativa da Espanha foi o que induziu e fez com que alguns autores espanhóis se dedicassem a escrever em defesa do seu país. Encontramos um exemplo sobre esse tipo de juízo, na obra *Travels Through Portugal and Spain* publicada em 1772-1773, pelo britânico Richard Twiss:

May 17. We arrived this morning at a village called Purullena; its inhabitants have dug caves in the foft rock, which ferve. them for dwelling-places. We here hired an afs to carry one of the trunks up a mountain which we were to pafs over, as the chaife was too much loaded to be dragged up fuch a long aicent, which took us an hour and a half: we afterwards dined in a venta, and then proceeded to Ifnaloz, where we arrived after having travelled eight leagues, through a wild mountainous defart, melancholy, barren, and totally uninhabited: the roads were bad, and at times very dangerous, being along the edges of precipices. On one fide the mountains rofe almoft perpendicularly, and on the other the fall was equally fteep, and the road barely broad enough for the chaife to pafs. In thefe places I always chofe to walk. The defcents are very rapid, and large ftones which had fallen from the rocks frequently blocked up the paffage; thefe ftones we were obliged to remove, and tumble over the brink, which occafioned much delay, fo that it was quite dark when we got to our night's lodging. (TWISS, 2017, p. 231-232).

Twiss descreve com detalhes o péssimo estado de um dos caminhos por onde passou, relatando que as estradas eram péssimas e com difíceis acessos, a presença de pedras no caminho que impediam a passagem, o que ocasionava grandes atrasos, também diz que a cidade era completamente desabitada, um lugar árido e melancólico, são inúmeros os elementos descritos pelo viajante inglês.

Apesar de ter feito algumas críticas à Espanha o autor britânico Richard Twiss, quem era, particularmente, interessado pelas questões artísticas, faz em seus relatos elogios e reconhecimentos a nação espanhola, além de ter sido um dos viajantes britânicos que Ponz mais apreciava. Como, por exemplo, nas palavras que dedica sobre suas impressões da cidade de Valência:

April 11. I fet out this day for Valencia, which city is eight •days journey from Aranjuez, fixty-two leagues, or about two hundred and eighty miles. I firft arrived at the fmall ancient town of Ocaña, two leagues off, travelling on the royal road, which is very broad and ftrait, and in fome parts planted with young trees on each fide. The country is quite flat, and produces corn, wine, and oil. I remained here an hour to examine the celebrated fountain, which, at firft view, appears to be a work of the Romans, but a Spanifh author rather fufpects it to have been built by Philip II. about the year 1580, at the time he founded Aranjuez: the fource of the fountain is difcovered at the end of a long fubterraneous paffage, which admits a man ftanding upright: the water, which is very tranfparent, is conducted in two canals from thence to a large refervoir, which fupplies the whole town. I then proceeded two leagues farther to the village of Villatobas; which, as the road is perfectly horizontal and ftrait, is feen at the end of it, immediately on leaving Ocaña. At every quarter of a league is a ftone to mark the diftance. This day being Eafter-Sunday, I faw in feveral ftreets of the villages and towns I paffed through, many artificial figures of men made of wood, ftraw, &c. and dreffed in old cloaths, hanging by a rope fixed acrofs the freet from the oppofite houfes, in the fame manner as the lamps are fufpended in Paris : this is an univerfal cuftom throughout Spain and Portugal : the figures are intended to reprefent Judas: the boys amufe themfelves with pelting them with ftones, and burning them in the evening, which is fimilar to our rational cuftom of annually burning the figures of the devil and the pope. In the afternoon I proceeded three leagues to Coral, where I paffed the night. The people were at that time at work in making the new road, which is perfectly trait, and as -fine as any road in England. The quarter league stones were continued as far as the road was finished. The country is quite flat, and produces much corn, but no trees. (TWISS, 2017, p. 192-193).

Verificamos que o viajante britânico, amante das belas artes e da arquitetura, observa e descreve com detalhes o que encontra pelo caminho em direção à cidade, podemos assim constatar que nem tudo o que escreveu em seus relatos foram juízos negativos em relação à nação espanhola, Twiss também oferece relatos onde enaltece e deixa registro daquilo que para ele era excelente e digno ser elogiado.

Um dado interessante é que durante o século XVIII houve uma grande tradição de viajantes ingleses pela Espanha. Segundo estudiosas como Ana Guerrero (1990) e Mónica Bolufer (2007), o número de viajantes britânicos pelas terras espanholas era escasso em grande parte do século XVIII, mas a partir de 1760 houve um considerado aumento e que os ingleses deixaram alguns relatos de suas impressões em relação à nação espanhola. Os relatos de viagens constituíram um gênero literário popular nessa época, uma questão importante a se pensar seria entender que os juízos feitos pelos estrangeiros da nação espanhola estavam, de certa maneira, condicionados por suas experiências anteriores. Outro fato é que não foram apenas ingleses que viajaram por terras espanholas, também o fizeram alemães, franceses, holandeses, deixando relato de suas impressões.

Em nossa análise sobre a visão dos estrangeiros e de Ponz em relação à situação dos setores produtivos espanhóis encontramos que tinham certa semelhança, porém em relação aos setores políticos e institucionais relacionados com o sistema de governo absolutista e a forte

presença da igreja católica, os estrangeiros tiveram sem dúvida uma visão mais crítica e acentuada.

A discrepância entre Ponz e os viajantes estrangeiros em relação à Espanha é explicável, por duas razões, a primeira seria porque os estrangeiros teriam uma concepção mais avançada do que deveriam ser as liberdades civis, econômicas e religiosas, e a segunda seria a falta de conhecimento mais profundo da realidade sociopolítica espanhola, que talvez tivesse proporcionado o entendimento sobre a inviabilidade de mudanças políticas radicais.

Em um sentido mais amplo, podemos dizer que Ponz a partir de suas impressões e observações, tenta expressar em seus relatos que a posição que a sociedade espanhola ocupava em relação ao resto da Europa não estava tão distante. Tais países ocupavam uma posição de hegemonia nas esferas culturais, políticas e econômicas, então observá-los serviria como modelo e objetivo a serem alcançados, porém sem esquecer o valor e prestígio que seu país já possuía.

Para entender este período devemos observar o caminho seguido por Antonio Ponz, e principalmente, os valores que definiam o conceito de progresso, que representavam a Espanha, e obviamente a Ponz. Propagador dos ideais do Século das Luzes, colocou todo seu empenho no que naquela época eram as chamadas ciências úteis, que seriam aquelas que permitiriam transformar a situação presente a partir do conhecimento. Um caminho baseado no progresso e na prosperidade em que um dos principais objetivos era livrar-se da presença religiosa, princípio básico da Ilustração e defendido pelo espanhol, para poder assim avançar em alguns âmbitos.

4.2 VIAGE DE ESPAÑA: DESLOCAMENTOS E IMPRESSÕES

Neste capítulo, iremos analisar a representação sobre a Espanha oferecida pelo viajante Antonio Ponz a partir de alguns relatos selecionados de cada um dos tomos. Dessa maneira, seguiremos a análise da obra com ênfase na pluralidade de temas que foram abordados pelo autor, refletindo sobre a tentativa de transformar a realidade presente através dos seus conhecimentos, propondo inovações pertinentes para garantir o progresso. Nesse sentido, seguiremos indicando a presença dos ideais da Ilustração, além das inúmeras reflexões que o autor faz e propõe.

Na tentativa de demonstrar os momentos em que o autor relaciona suas descrições com as características do movimento ilustrado, apoiado sempre nos ideais de progresso, indicaremos também o compromisso de Ponz com a construção social e cultural da Espanha que envolvem

valores que favorecem ao coletivo. Não apenas no que se refere aos dois principais eixos da obra, a economia e as belas artes, e sim em muitos outros aspectos como fomos comprovando ao longo da nossa investigação, exemplificando a curiosidade do autor por outras disciplinas. Este último capítulo confirma nossas hipóteses iniciais acerca da multiplicidade de temas abordados, baseado nas concepções ilustradas de que a partir da observação da realidade o autor denuncia e censura os aspectos negativos para em seguida propor soluções pertinentes. Sendo assim, encontramos um detalhado relato dos lugares que Ponz visitou, com foco nas atividades econômicas, na população, nas infraestruturas, nas instituições, nas características geográficas e etc.

Os dezoito volumes que constituem a obra *Viage de España en que se da noticia de las cosas más apreciables y dignas de saber que hay en ella* (1772-1794), possuem mais de 300 páginas cada um, a maioria deles composto por cinco ou mais cartas, onde o autor informa sobre aquilo que viu e registrou em suas viagens pelo território espanhol. O primeiro volume foi publicado pela primeira vez no ano de 1772, tendo a segunda e terceira edições publicadas nos anos de 1776 e 1787 respectivamente.

No prólogo do primeiro volume o autor começa informando que durante os anos de 1755 e 1756, viajou pela Espanha o religioso italiano chamado P. Noberto Caimo e que logo após suas viagens publicou suas observações acerca do país espanhol na obra *Letter d'un vago italiano ad un suo amico*. Vale a pena ressaltar que a obra do escritor italiano foi considerada por alguns estudiosos como uma das principais motivações para que Ponz escrevesse a *Viage*, na tentativa de rebater o que escreveu sobre a Espanha.

Na *Viage* o autor indica que apesar da obra ter sido bem recebida entre os leitores, alguns espanhóis que residiam na Itália se sentiram ofendidos. No entanto, “este escritor entre los extranjeros, que han viajado por España es el que mejor nos trata” (PONZ, 1772, v.1, prólogo). O que demonstra que Ponz mesmo enxergando a obra de Caimo em alguns momentos, conforme afirmam alguns estudiosos, como uma sátira, que as críticas do italiano não eram mal fundamentadas e que talvez este fosse o viajante que melhor tratou o seu país.

Segundo Ponz, alguns espanhóis que viviam na Itália e trabalhavam para o governo espanhol acreditavam que o mesmo deveria designar alguém que pudesse escrever uma resposta às duras críticas de Noberto Caimo, o que não aconteceu no momento, e que não teria sido uma boa ideia, dar uma resposta no calor do momento logo após as discussões que foram geradas e que talvez tal resposta fosse dada por alguém que não estivesse dotado de descrição e conhecimento. Por esse motivo, o autor espanhol deixa claro desde o início da obra que não era sua maior intenção comentar ou discutir os escritos do italiano e que seu objetivo e desejo era:

Verdadero deseo de que se abran los ojos y de que se vea libre de preocupaciones una nación [...] El que ha escrito estas cartas se ha propuesto en su Viage el hablar principalmente de las fábricas, y obras públicas que existen en España, manifestando el artificio, y excelencia de algunas, así como la falta de inteligencia, y propiedad de otras. (PONZ, 1772, prólogo).

De acordo com o trecho acima, constatamos que o autor indica sua intenção de informar sobre a realidade do país, sendo este um dos principais propósitos dos viajantes ilustrados. Algumas reflexões de Ponz vão dirigidas a um receptor a quem ele trata com respeito e formalidade, mas ao mesmo tempo com um certo tom de amizade. Como podemos comprovar na passagem a seguir:

Amigo mio: Ha llegado el caso de que yo pueda corresponder en algo á los muchos favores que debo á V. logrando al mismo tiempo la fortuna de complacerle en lo que V. anto desea averiguar de las cosas dignas que en España, particularmente de las que poco, ó nada se ha hablado hasta ahora. (PONZ, 1772, v.1, p.1).

Durante o século XVIII, especulou-se que Ponz escrevia as cartas que compõem a obra para Jovellanos ou para Campomanes, mas ao que parece a partir de nossas investigações, encontramos que a maioria dos estudiosos indicam que as mesmas foram dirigidas ao conde de Campomames com quem tinha uma maior relação. Também analisamos no prólogo do primeiro volume da segunda edição, a título de comparação, indicações das modificações que foram feitas em relação à primeira edição. Atentemos:

Se han puesto las notas que han parecido convenientes, siguiendo en esto el dictamen que el Autor manifiesta en la ultima Carta de este libro, habiendo remitido él mismo la mayor parte de ellos con la prevención de que podrán servir como adiciones à lo que tenía escrito [...] No es justo alterar los libros en sus reimpressiones si se hace con el fin de estrechar al publico à que se provea de ellos nuevamente; pero en esta obra son inevitables las alteraciones; pues muchas cosas censuradas en la 1 edición se han remediado, y se han hecho otras, que merecen ser sabidas de todos. Se omiten criticas que ya no vienen al caso, dando noticia en su lugar de lo que se ha mejorado, o se trata de mejoras. (PONZ, 1776, v.1, prólogo).

Demonstramos, a partir do trecho selecionado, que o autor faz alguns questionamentos pensando e justificando os motivos e razões do aparecimento das novas edições, afirmando que é preciso informar sobre o que foi resolvido e melhorado.

Na sexta carta, aparece a primeira referência a uma obra, trata-se do *Diccionario pictórico*, o que nos faz lembrar que o escritor Antonio Ponz também era pintor e estudioso das belas artes. Um dado interessante sobre a obra de Ponz é que Alcalá de Henares é um dos primeiros lugares visitados por ele em suas viagens pela Espanha, em algumas das cartas que

compõem este tomo dedica-se a descrever todo o patrimônio artístico e cultural dessa região. Foi nesta cidade que Ponz relatou ter visto uma das igrejas mais belas da Espanha.

Cabe destacar que apesar de encontrarmos comentários sobre as antiguidades, o autor não gostava de ser vinculado com o que era antigo, mesmo assim, vemos a um Ponz que atuando de acordo com os costumes do seu tempo, inclui em sua obra referências sobre as antiguidades e ruínas que encontrava em seu caminho. Em muitas ocasiões mostrava-se incrédulo com o que tinha diante dos seus olhos, por acreditar que muitas coisas eram desnecessárias e sem utilidade, sendo assim, podemos afirmar que se interessava muito mais por tudo que era prático e útil, tudo aquilo que pudesse melhorar as condições de vida dos cidadãos.

É importante considerar que começa seu percurso cercado pelos preconceitos típicos da época, baseados naquilo que a Ilustração determinava e que julgava que era bom ou ruim. Mesmo assim, o valenciano foi capaz de valorizar e fazer seus próprios juízos sobre o patrimônio cultural. Verificamos, que as observações feitas e as informações que aportou são valiosos documentos que hoje evidenciam visões do passado.

O segundo volume da obra foi publicado no ano de 1773, teve as seguintes edições nos anos de 1777 e 1788, trata especialmente sobre o Escorial. Vale a pena ressaltar que o Escorial era um lugar que Ponz conhecia muito bem, pois havia passado muitos anos ali. Na segunda metade do século XVIII, além de Ponz, ilustrados como Juan Antonio Ceán Bermúdez e Jovellanos seguiam confirmando o interesse através dos seus escritos pelo edifício e suas coleções. Admiravam o estilo proposto pela monarquia através da Real Academia de San Fernando que incentivava e determinava os estilos, para alguns escritores o monastério parecia ter se convertido em um modelo contrário ao Barroco e a retórica dos jesuítas.

Na segunda carta deste volume dedica uma descrição minuciosa ao Escorial com elogios e detalhes sobre a arquitetura e escultura renascentista, que conhecia muito bem. Vejamos a passagem a seguir:

Cuando acabé de subir la cuesta desde la Villa del Escorial al Monasterio, y me iba acercando al edificio, crecía el gusto, y las ganas de conocerlo; y aumentándose extraordinariamente lo uno, y lo otro quando llegué a la fachada, y puerta principal, que mira a poniente, en donde claramente conocí, por su majestad, y artificio lo mucho que prometía al gusto, y a la consideración lo que ya estaba viendo, y lo que pensaba encontrar dentro.

Efectivamente correspondió todo a mis pensamientos; pues al atravesar el gran patio, que llaman de los Reyes, puesto entre el prospecto exterior de la fabrica, y de la iglesia, y notando, aunque de paso, la buena harmonía que causaron en mi vista, y en el ánimo sus principales partes, y adornos, me sentí gozoso fuera de lo regular, bien lo miré tan superficialmente, como voy refiriendo a V. Continué mi camino por los claustos, y la escalera principal, en donde todo correspondía a lo que acababa de ver; y habiendo llegado a mi habitación del Prelado, fui a mi alojamiento y la primera ocupación ha sido escribir a V. mi llegada. (PONZ, 1773, v.2, p. 3-4).

Sabemos que Ponz sempre foi um defensor das formas classicistas e a partir do fragmento acima observamos que certamente esse foi um dos motivos pelo qual sentiu tanta satisfação e prazer ao descrever o Monasterio del Escorial, percebemos também que esse sentimento não aparece nos trechos que descreve as formas do Barroco, por exemplo, como comprovaremos mais adiante. Observemos a figura abaixo:

Figura 12 - Vista do Monastério do El Escorial



Fonte: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/vista-del-monasterio-de-el-escorial/57de3513-a7b9-4cd3-b41a-8ad8a59e724e>. Museo del Prado. Atribuido a Houasse, Michel-Ange. París, 1680- Arpajón, 1730. Acesso: 10 fev. 2022.

A imagem acima demonstra o emblemático edifício do Escorial, lugar que foi cenário de visitação de viajantes não apenas durante o século XVIII. Neste volume, Ponz relata que atendendo a pedidos de alguns amigos viajou por estas regiões para poder descrever e dar notícias sobre o que a Espanha tinha de melhor, revelando suas intenções e características ilustradas. Oferece ainda um relato das obras que haviam na Biblioteca do Escorial, com menção especial aos desenhos, ilustrações e tudo o que era relacionado ao mundo clássico. Percebe-se o neoclassicismo da época em Ponz como pintor e homem ilustrado.

Em relação ao edifício do Escorial, Delgado (2016) acrescenta que:

El Viaje de España (1772-1794) de Antonio Ponz supuso una contribución decisiva para la exaltación ilustrada El Escorial; de quien se consideró su principal responsable, Juan de Herrera, y, no menos importante del mismo período. En el *Viaje* se dieron a conocer noticias inéditas sobre Herrera, se le atribuyeron proyectos por toda España y se creó un verdadero *corpus* de su obra, encumbrándose su labor junto a la de toda una amplia nomina de arquitectos que pasaron a conformar la jugada como la más brillante época del arte nacional (DELGADO, 2016, p. 127).

De acordo com a passagem acima, reafirmamos que o século XVI foi considerado como o século de ouro da arte espanhola e que tal opinião era comum na literatura do século XVIII,

aparecendo em muitas ocasiões como forma de demonstrar o poder que a Espanha teve naquele momento.

Seguindo com a leitura desse volume, voltamos a encontrar no prólogo palavras de Ponz sobre os objetivos da obra: “así que el propósito principal de esta obra es instruir e incitar a los demás, para que entrando en conversaciones de artes, conozcan, aprecien y promovan lo que es bueno” (PONZ, 1773, v.2, prólogo). Ficam evidentes suas intenções ilustradas, entendemos tal fragmento como uma demonstração dos interesses da época que correspondem ao desejo de conhecer e divulgar o conhecimento aos demais, de acordo com o lema “ilustrar-se para ilustrar”, comum no século XVIII. Também seguem aparecendo referências ao italiano Noberto Caimo: “el Vago italiano estuvo en el Escorial; y aunque de aquella fábrica hace muchas alabanzas, todavia omite varias cosas esenciales” (PONZ, 1773, v.2, prólogo).

No ano de 1759 aparece o livro de Noberto Caimo, que foi um dos primeiros viajantes a fazer críticas e escrever notícias que por alguns seriam consideradas duvidosas sobre a Espanha. O estudioso Geoffrey Ribbans no trabalho intitulado “Antonio Ponz y los viajeros extranjeros de su tempo”, se interessa pela imagem que Antonio Ponz transmite sobre a obra do italiano no decorrer dos seus dezoito tomos. Segundo Ribbans (1955-1958) a obra de Noberto Caimo seria um dos motivos que levou Ponz a escrever *Viage*, também defende a ideia de que o conjunto, viagens e viajantes da época foram responsáveis por propagarem os preconceitos em relação ao país espanhol, apesar de que em alguns momentos tenham oferecido uma visão justa e valiosa da Espanha.

Entendemos assim que Ribbans (1955-1958) em seus estudos coincide com a opinião de Antonio Ponz que em alguns momentos na *Viage de España* (1772-1794) oferece uma visão ambígua de Noberto Caimo, pois, em alguns trechos diz aceitar as críticas presentes em *Lettere*, mas ao mesmo tempo, se ofende e rejeita as descrições do italiano. O que constatamos é que talvez Ponz tenha exigido muito do texto do italiano e em alguns momentos não leva em consideração que são opiniões de um estrangeiro viajante. Nos trechos da *Viage*, encontramos um autor que em todo momento deixa entrever que ele se debate com sua consciência intelectual sobre o impacto que a literatura de viagem tem na imagem que está sendo criada da Espanha pelos viajantes, e talvez por esse motivo nega a crítica feita por Caimo e logo aceita, resiste a reconhecer a denúncia feita a alguns setores, principalmente, os relacionados com a situação dos estudos e das universidades. Uma realidade que precisamente teria diante e que aparece refletida em vários momentos da obra, quando aponta os erros e propõe melhorias para o progresso da nação a partir dos avanços que poderiam ser feitos nas universidades.

Seguindo com nossa investigação, estudamos o terceiro volume que foi publicado no ano de 1774 com as seguintes edições em 1777 e 1789. Encontramos no prólogo as seguintes palavras de Ponz que demonstram desde o princípio e mais uma vez suas intenções de instruir a nação. Como por exemplo: “estas cartas habían de producir excelentes efectos, y que considerados el zelo, y la sinceridade del autor, se desengañaría toda la clase de personas de lo mal encaminadas que iban algunas en fomentar cosas repugnantes al decoro, y esplendor de la nación...” (PONZ,1774, v. 3, prólogo).

Mais adiante informa que será dedicado à cidade de Cuenca, que observou que nessa região estavam sendo realizadas algumas melhorias e que havia um grande empenho em promover o setor industrial, o que levaria ao desenvolvimento, que se aplica ao conceito de felicidade, propagado pelos ilustrados envolvidos com as questões econômicas. Segundo Ponz, havia um excelente projeto que supostamente era desenvolvido por senhores bem intencionados, dotados de ideias úteis à toda nação. Ressalta ainda, que tais projetos proporcionariam feitos consideráveis como a construção de caminhos e estradas, tratamento dos rios, o plantio de árvores e etc.

Neste mesmo tomo, responde a uma carta que recebeu do rei Carlos III e em suas palavras expressa toda sua admiração por ele e por todas as ações desenvolvidas pelo governo, ressaltando o empenho, dedicação e fomento às melhorias proporcionadas à nação espanhola. Agradece as palavras que o rei dedica a sua pessoa, dizendo que seguramente não as merece e que certamente lhe servirão de estímulo e incentivo para a continuação de sua obra.

Ao longo do terceiro volume trata de diferentes assuntos. Na primeira carta dá algumas informações sobre a história da cidade de Cuenca e a origem do seu nome, porém esclarece que falar sobre as origens das cidades e povoados não é a intenção da sua obra, faz uma longa descrição sobre as catedrais, os templos, as portas, as fachadas, os altares e as imagens iconográficas, se detém nas obras de artes que estão dentro da catedral, faz referências aos bons arquitetos que passaram pela região, exaltando neles o bom gosto pelas belas artes. Faz comentários sobre um arquivo e as inúmeras peças que se encontravam na secretaria da catedral, o que para ele poderia servir para vários estudos e tinham um enorme valor. Na quinta e última carta deste tomo, dá indicações dos lugares por onde pensa continuar viajando manifestando sua intenção de deixar a cidade de Cuenca e seguir caminho para a cidade de Valência.

O quarto volume da obra teve a sua primeira edição em 1774 e as seguintes em 1779 e 1789. No prólogo, dedica algumas palavras para expressar o valor que os arquitetos têm no que se refere aos monumentos e às belas artes, elogiando a importância dessa profissão, como podemos verificar na citação a seguir:

es conveniente que cada uno de los que se dedican á la Arquitectura, conozca bien la dignidad de esta nobilísima Arte, á la qual corresponde el formar las Ciudades, el presidirlas contra los enemigos en lo exterior de ellas, y en el interior dar orden, desahogo, y harmonía á sus Calles, y Plazas: construir Palacios á los Príncipes, Templos al Señor de los Reyes: saber los parages convenientes á cada uno de los edificios, que corresponden al uso público, y particular, como Hospitales, Casas de Ayuntamiento, Universidades, Cárceles, Colegios, Teatros, &c. (PONZ, 1774, v.4, prólogo).

É interessante notar que o autor sugere algumas qualidades que segundo ele seriam necessárias para ser um bom arquiteto, ressaltando a importância de que para ocupar esta profissão era necessário ser dotado de diferentes conhecimentos, além de ser guiado pela razão, estudar as obras de arte e ter várias habilidades. Tudo indica que nesta época na Espanha os novos arquitetos aspiravam ao Classicismo, temos assim como exemplos a Juan de Villanueva e Juan de Herrera e de Ventura Rodriguez, que aparecem em vários momentos nas menções de Ponz.

Neste tomo descreve seu retorno a sua cidade natal, Bejís em Valência, escreve notícias interessantes sobre as mudanças e progressos que encontra por lá. Além das visitas feitas aos locais para observar e registrar tudo, estudava as regiões antes de viajar e ao chegar nas localidades procurava auxílio de peritos e estudiosos que pudessem ajudá-lo a buscar e a verificar dados e ajudar com as dúvidas. Em uma vila chamada Vivel perto de Bejís observa, mas não descreve umas lápidas romanas, porém relata uma fonte moderna, dando a seguinte justificativa: “mas importante (que las romanas) es otra inscripción menos antigua, pues al fin conserva la memoria de un gran beneficio para todos, que fue traer una copiosa fuente á la Villa desde mas de mil y trescientos pasos”. (PONZ, 1774, v. 4, p. 31).

A partir das informações vistas até aqui, entendemos que o viajante ilustrado se propõe a observar atentamente os aspectos considerados úteis para sua formação e que possam ser comparados com outras regiões ou países. As palavras sobre as descrições dos lugares por onde passou refletem uma consciência crítica e prática. Um viajante que está procurando ser objetivo, evitando qualquer tipo de juízo que possa ser considerado preconceito, embora seja inevitável aplicar um ponto de vista particular, que é o que aparece com frequência na narrativa. Indica a cada momento de suas observações uma visão analítica e descritiva, guiada pela razão e baseada naquilo que observa, sempre com uma intenção didática e reformadora, sendo assim, aparecem ora um elogio e ora uma rejeição, e em vários momentos nos deparamos com parágrafos dedicados a sugestões de melhorias.

No que se refere ao quinto volume, está completamente dedicado à cidade de Madri, uma das regiões mais importantes da Espanha naquele momento foi publicado pela primeira

vez em 1776 e as seguintes edições em 1782 e 1793. Outra vez, logo de início, no prólogo volta a demonstrar seu interesse em proporcionar descrições fidedignas para que a partir delas seja possível conhecer a realidade. Vejamos no trecho a seguir:

El principal fin de esta obra siempre ha sido persuadir á los que carecen de luces en materia de Bellas Artes, que se dediquen á conocer lo que es bueno... El camino mas breve para conseguirlo, era sin duda señalar con libertad, y buen zelo tales obras á los que poco ó nada saben ... Por todo atropelló o el deseo eficaz de hacer algún bien, siquiera con palabras y persuasiones. (PONZ, 1776, v.5, prólogo).

Durante vários momentos o autor Antonio Ponz expressa seu interesse pelas belas artes, mostrando em várias passagens seu empenho em dar notícias sobre elas, desde diferentes pontos de vista e distintas regiões. Evidentemente, que a *Viage* oferece um panorama de como era o setor artístico, tanto no passado como no presente, onde constatou que o estado das artes no território espanhol era deficitário, apesar das melhorias citadas por ele, e que havia uma necessidade de mudança de rumo que seria inevitável para seguir com os ideais de avanço e progresso. Através da análise dos comentários e descrições sobre as belas artes comprovamos que julgar e descrever as artes sempre foi um objetivo explícito do espanhol.

Outro ponto interessante é que o quinto tomo não está estruturado por cartas e sim por divisões das regiões de Madri, Ponz esclarece esta decisão explicando que para ele é difícil se desvencilhar do método que vem utilizando para as descrições, mas que neste volume especificamente irá utilizar esse método diferente e começará sua descrição dedicando suas considerações à Puerta de Alcalá, um dos lugares mais emblemáticos da cidade de Madri. Vejamos:

Quien vió antes de este Reynado la puerta de Alcalá, y sus inmediaciones, parecidas á otras entradas de Madrid, no pudo prometerse que llegarían dentro de pocos años á la magnificencia, y hermosura que ahora tienen. La nueva, y grandiosa puerta, el jardín de frutas, y flores, con verjas de hierro, que dan vuelta al Prado, los Pó sitios, las cercas del Sitio del Buen Retiro, por la parte del campo hasta Atocha, y el plantío de arboles al rededor de ellas, formando paseo, han hermoseado á Madrid por aquella parte de tal modo, qué no tiene que ceder a ninguna entrada de ciudad. (PONZ, 1776, v.5, p. 5).

Na passagem acima que se encontra na primeira divisão do quinto volume, analisamos uma das descrições feitas em relação a Puerta de Alcalá, em que elogia e ressalta a grandiosidade do monumento de Madri, afirmando que a capital espanhola não teria o que cobiçar de outras entradas de cidades espanholas. Ainda neste tomo o autor dedica-se a descrições de conventos, paróquias, capelas, comparando os modelos arquitetônicos que

encontrava com os que os ingleses descreviam, por exemplo. Atorcha, Prado, calle Toledo, rio Manzanares, calle Mayor, também são explorados e minuciosamente descritos.

A autora Maribel Manzano García em seu artigo “Revisión de las noticias sobre libros, imprentas, bibliotecas y archivos, dadas por Antonio Ponz en su obra: Viage de España”, publicado em 2002, faz uma excelente análise sobre as passagens da obra de Ponz dedicadas à descrição de arquivos, bibliotecas ou qualquer elemento relacionado ao mundo do livro. Vejamos:

Dentro de la primera división de Madrid, Ponz hace la descripción de la Biblioteca Real en la pág.155: “*La colección de libros manuscritos, é impresos, de que se compone, se ha hecho ya famosa, sin embargo de no tener su formación mas antigüedad que desde el ano de 1712, en cuyo día primero de Marzo se abrió por la primera vez, venciendo su augusto fundador todas las dificultades, que oponían la guerra, y las turbaciones de aquel tiempo*”. (GARCÍA, 2002, p. 196).

Percebemos que neste volume o autor espanhol trata sobre uma multiplicidade de temas, ademais, vemos a investigação feita pela autora García (2002) como uma rica contribuição para interpretar os escritos de Ponz em relação aos elementos relacionados ao mundo dos livros, incluindo as bibliotecas que são de grande importância na história da Espanha. A atual Biblioteca Nacional da Espanha que é descrita na obra foi fundada pelo rei Felipe V no ano de 1712 com o nome de Biblioteca Pública de Palácio o Librería Real.

O sexto volume foi publicado pela primeira vez no ano de 1776 e as seguintes edições em 1782 e 1793. Nele o autor nos apresenta um prólogo que vem seguido de uma carta de um poeta, com o motivo de que o rei teria feito uma visita ao Gabinete de História Natural, logo a estrutura que segue são parágrafos diretos sem divisões por cartas até o final do volume. Continua o prólogo dedicando vários parágrafos para elogiar e engrandecer o reinado de Carlos III, citando algumas das benfeitorias implementadas nesta época. Vejamos na passagem:

Ultimamente han sido tantas las Providencias, y Resoluciones del Rey para el mejor gobierno, y aumento de los innumerables Pueblos que Dios le ha confiado... La protección á las bellas artes es el principio, y origen de muchas felicidades: mediante ellas se establece el buen gusto, y recto modo de pensar, estendiéndose no solamente á aquellas obras de ostentación, que dan tanta hermosura, y reputación á las Ciudades donde se hallan, sino á todas las demás cosas que pide la necesidad, y conveniencia de los hombres...La Real Academia de S. Fernando logró de la generosidad de S.M. el verse trasladada á la gran Casa... se ha puesto de orden del Rey el Gavinet de Historia Natural, que destinó para instrucción y recreo del Público... Baxo su patrocinio se fundó la Academia de bellas Artes en Valencia y se van formando otras en Zaragoza, y Barcelona. Las sociedades Literarias, y otras con el nombre de Academias, que hay en España para promover las Ciencias, las Artes, la industria, y quanto puede contribuir á la felicidad pública, al Rey le deben su establecimiento, su aumento, ó su esplendor. (PONZ, 1776, v.6, prólogo).

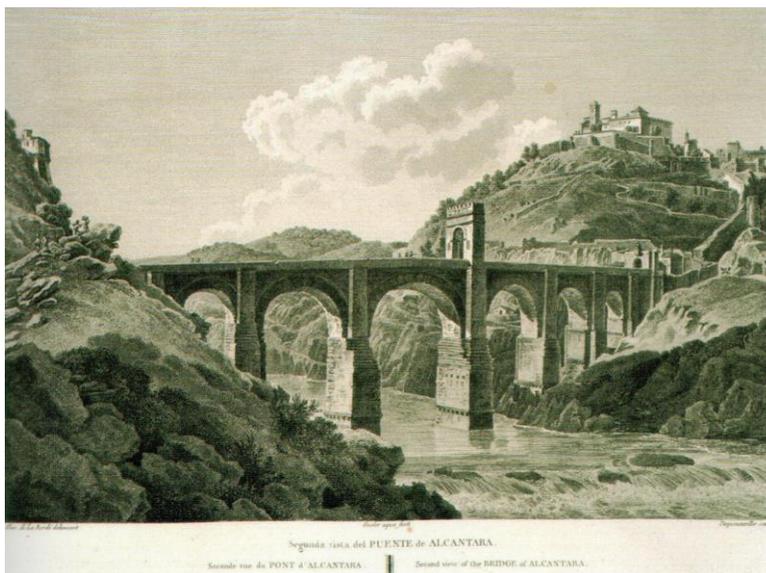
Refere-se e faz elogios ao fomento do governo do rei Carlos III em determinados âmbitos, que foram importantes para o crescimento e progresso do país. Algo que acontece com frequência na narrativa, que em diferentes momentos demonstra sua gratidão ao governo e ressalta que o rei e seus ministros sempre estiveram dispostos a contribuir com a felicidade pública. Por outro viés, a *Viage* não oferece uma imagem apenas amigável do país, nada escapou ao olhar de Ponz que esteve atento a vários setores e censurou tudo o que achava que estava errado ou que poderia melhorar. Constatamos assim, que Ponz sempre seguiu as concepções e objetivos da Ilustração.

O sétimo tomo foi publicado pela primeira vez no ano de 1778, com segunda edição em 1784. Neste volume, volta a utilizar a estrutura das cartas, seguindo a moda literária do momento, relata minuciosamente suas apreciações através deste recurso. No prólogo, realiza uma defesa sobre a importância dos monumentos históricos espanhóis, elogiando e citando obras que segundo ele merecem destaque. Comprovemos:

Un granadino para encomiar las grandezas de su patria, saca á plaza, y con mucha razón el Alcázar de Carlos V. bien desgraciadamente abandonado, la Catedral, la casa de Chancillería, y la Alhambra. Un Cordobes la Catedral de su ciudad, por varios títulos recomendable, sin embargo del estilo arabesco. No tuviera Alcántara la incomparable obra del puente, apenas se la nombraría en materia de suntuosidad. Mérida se honra, y la ensalzan principalmente escritores por las reliquias que en ella permanecen sus soberbios edificios: lo mismo se puede decir de Tarragona, y de otras muchas ciudades, y pueblos de España, que los tienen, ya sean antiguos, ó modernos, enteros, ó destruidos, bastándoles para esta gloria, el que en ellos se reconozcan las verdaderas reglas del Arte. (PONZ, 1778, v.7, prólogo).

De acordo com as palavras acima podemos verificar diferentes cidades por onde viajou, ver as comparações que fez em relação aos monumentos e obras de arte, citando a importância da presença de tais monumentos para o engrandecimento das cidades, dando ênfase e mencionando, entre tantas obras, a famosa ponte de Alcántara. Segundo o autor, os espanhóis tinham muitos motivos para se orgulharem de suas cidades, nessa época era natural uma nação ser honrada a partir dos célebres edifícios que possuísse. Aponta ainda que os espanhóis que estivessem fora do reino da Espanha teriam argumentos para combater as críticas, podendo utilizar como arma, principalmente, a obra do Escorial.

Figura 13 - Puente de Alcántara



Fonte: Daniel Crespo Delgado, *El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794)*, 2008, Valencia – España, p. 105. Acesso em: 17 mai 2021.

A figura nos mostra a ponte de Alcántara, que foi um dos monumentos descritos na obra de Ponz com mais relevância e importância, destacou a técnica construtiva, a regularidade, solidez e dimensões. Descreveu notícias sobre as ruínas e as reparações que a ponte sofreu ao longo dos anos. A esse respeito, Delgado esclarece o seguinte:

De todos los puentes romanos descritos en el Viage y existentes en España, el más destacado, según Ponz, era el de Alcántara. Nada casual ya que desde las famosas palabras de Al Idrisi en el siglo XII, calificándolo *como una de las maravillas del mundo*, se fueron acumulando numerosos testimonios admirativos sobre esta obra, deviniendo una de las más celeberrimas de las legadas por los romanos. (DELGADO, 2008, p. 124).

De acordo com as indicações entendemos a importância das páginas da *Viage* que Ponz dedicou a este monumento e a posição que ele ocupa na história do país espanhol, tendo sido descrito por muitos viajantes.

Sendo assim, percebemos que a primeira carta deste volume começa com algumas palavras de desculpa e justificativa, explicando o porque de ter demorado tanto a chegar na cidade de Madri, indica que haviam muitas coisas dignas de ser observadas até chegar à capital do país. Encontramos descrições sobre o tema das fábricas e da manufatura nessas regiões, assunto no qual Ponz dedicou seu olhar crítico. Como sabemos os assuntos ligados à economia que pudessem ajudar no desenvolvimento das cidades ocuparam várias páginas da obra do espanhol. Vejamos, uma passagem em que reafirma seus objetivos:

El objeto es grande, y pide años; pero el mejor anuncio de un éxito feliz en qualquier empresa es el buen principio de ella, de que ya tenemos alguna seguridad, en vista de las cosas que se han remediado, y de otras que se han hecho, y se van haciendo con acierto, y ventaja de la nación. (PONZ, 1778, v.7, p. 2).

O autor esclarece que o objetivo da obra é extenso, que requer empenho e sacrifício, mas que lhe causa muita satisfação verificar os êxitos conseguidos. Indica que consegue observar em suas viagens pelos lugares por onde já havia passado, coisas que foram melhoradas e remediadas e outras que foram feitas acertadamente.

Na segunda carta deste volume diz o seguinte sobre Talavera de la Reyna:

Logra esta villa, que es de las principales en el Arzobispado de Toledo, situación tan ventajosa, como ninguna otra ciudad de cuantas he visto[...]já Talavera no le faltó su época favorable para las bellas artes, todavía fue más feliz en personas de mucha literatura, y doctrina, particularmente en materia de Jurisprudencia, de que mereció llamarse escuela[...]También se debe hablar de las fábricas que han hecho, y hoy hacen muy nombrada á Talavera. (PONZ, 1778, v.7, p. 14).

O oitavo tomo foi publicado no ano de 1778, tendo a segunda edição em 1784. Neste volume identificamos um autor que, movido sempre por impressões visuais, descreve com muita sobriedade as paisagens que encontra pelo caminho, também nos chama atenção a precisão com que os monumentos são descritos. Ofereceu notícias sobre as manufaturas na cidade de Béjar, relatou sua satisfação em ver um grande número de jovens cuidando dos animais no campo, afirmando que apesar dos problemas que enfrentava ao viajar pelo país, lhe satisfazia ver que os habitantes de algumas regiões se dedicavam às atividades agrícolas.

No trecho selecionado a seguir, encontramos algumas palavras de Ponz que expressam a dificuldade que significava viajar naquela época e alguns problemas que enfrentou.

La noche de mi llegada al Berrocal, creí que fuese la última de mi vida; porque algo después de acostado, que seria mas de media noche, sentí repentinamente tal dolor de garganta, y tanto ardor en todo el cuerpo, que me parecía imposible llegar al día siguiente: me levanté como pude; y despertando a los demás que me acompañaban, pude persuadirles á que luego nos fuésemos á Salamanca, diciéndoles el mal que sentía: y que habiendo todavía seis leguas hasta dicha Ciudad sin encontrar lugar en ellas, lo pasaríamos muy mal, por el calor del día siguiente, si no nos íbamos presto. Como ninguno sabíamos el camino, y la idea era andar de noche, supliqué al mesonero, que á qualquier costo que fuese, nos buscasse entonces mismo un hombre, que nos acompañase; y dispuso que un hijo suyo hiciese de guía. (PONZ, 1778, v.8, p.14-15).

Um dos motivos pelo qual Ponz insistiu na construção de novas estradas foi pensando em uma maior segurança para o viajante, nas páginas da *Viage* estão presentes várias menções às péssimas condições que enfrentavam os que se aventuravam a viajar, cita por exemplo que haviam pontes e estradas que causavam acidentes e até a morte. E que tais episódios aconteciam

em todas as regiões da Espanha, nas mais abandonadas como Castela, Aragão ou Extremadura e até nas desenvolvidas como Catalunha ou Levante. Mesmo com as dificuldades que encontrava pelo caminho o espanhol viajou e escreveu incansavelmente, dedicando-se a deixar por escrito as melhorias que seriam necessárias para avançar nesse setor. Observemos a figura abaixo:

Figura 14 - Maneras de viajar en España, de Alexandre de Laborde, *Voyage pittoresque et historique de l'Espagne*, 1806-1820. Grabado.



Fonte: Daniel Crespo Delgado, *El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794)*, 2008, Valencia – España, p. 70. Acesso em: 17 mai 2021.

Podemos ter uma ideia através da figura acima de como eram as formas de viajar na Espanha de Ponz, e entender as denúncias do autor em relação aos acidentes, falta de empenho em organizar e melhorar as estradas e pousadas, o que para o autor era um fator crucial, pois, seria inútil investir apenas na melhoria das estradas se não existissem lugares para repouso adequados e que ao final essa mudança favoreceria principalmente ao setor econômico porque facilitaria a circulação de pessoas e mercadorias, sendo este um ponto importante para o crescimento do comércio.

O nono tomo foi publicado no ano de 1780 e teve uma segunda edição em 1786, abordando especialmente a cidade de Sevilha. Oferece uma discussão em que tenta explicar como a Espanha havia perdido seu poder no mundo e qual teria sido o motivo, suas alegações estão baseadas principalmente nas informações históricas de escritores anteriores a ele. Seguindo a linha do pensamento ilustrado, indica que a fonte das riquezas de uma nação estaria na sua agricultura, nos bosques, nas florestas, nos recursos naturais, não no exército nem na superioridade marítima que pudessem alcançar. Por este viés, compreende-se então o porque

de Ponz ter expressado no prólogo deste volume e em outros tomos sua preocupação com a questão da ausência do reflorestamento, situação alarmante que estava acontecendo em todo o país. Em relação ao que se debate:

No plantar árboles porque tardan en dar fruto, es una crasa ignorancia de lo que son árboles; muchos empiezan á darlo en el segundo año de su cultivo, y algunos aun antes. Si se dice por los olivos, encinas, &c. Es una torpeza manifiesta, prueba del poco cuidado de la posteridad, en quien la profiere, y aun de si mismo, pues no sabe lo que ha de vivir y puede llegar á gozarles. El que no piensa en venideros, no mereció recibir nada de los pasados, ni aun de vivir en sociedad con los presentes. (PONZ, 1780, v. 9, prólogo).

Após sua reivindicação em relação à natureza, com foco na necessidade da plantação de árvores, temática que está presente no decorrer da obra, começa suas cartas com informes sobre a catedral, demonstrando que o trabalho informativo realizado por ele no que diz respeito ao estilo e gosto Neoclassicista em relação ao Barroco foi importante e teve uma influência decisiva no ambiente artístico espanhol. Os julgamentos sobre essa temática, presentes na *Viage*, tiveram um grande peso naquele momento e serviram como modelo para que algumas igrejas retirassem as ornamentações, nessa época várias igrejas, templos e catedrais seguiam o estilo antigo dos jesuítas que foram duramente criticados por Ponz, e que ao longo dos anos foram sendo substituídos.

Descrevendo a catedral diz o seguinte: “Lo primero que a mí me llama la atención es lo que hay en ella al presente, y ante todas las cosas la Catedral con lo que ella se contiene en relación a nuestro propósito. Como su fábrica es en punto de Iglesia la mas considerable de Sevilla, y de las mayores de España” (PONZ, 1780, v. 9, p. 2).

Foi defensor das ideias acadêmicas que tratavam sobre como deveriam ser ornamentados os templos, encontramos em praticamente todos os volumes de sua obra críticas ao Barroco e a exposição de novas ideias que indicavam como deveriam ser os espaços dedicados ao culto em geral. Com o passar do tempo e as publicações dos tomos referentes às cidades espanholas a repercussão da *Viage* alcançou um grande número de leitores, influenciando a vários setores, como por exemplo, o eclesiástico, pois, algumas igrejas retiraram suas decorações por conta das menções do autor ao churrigueresco²⁴.

A política regeneradora colocada em prática pela monarquia dos Borbons no século XVIII, na tentativa de retirar a Espanha do estancamento e obscurantismo político, econômico

²⁴ Estilo extravagante de arquitetura e decoração, popular na Espanha e na América Latina no século XVIII, também usado para definir o Barroco tardio, criticado por Antonio Ponz porque continha características que considerava de mau gosto.

e social também teve projeção no âmbito da cultura e da arte. A Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, por exemplo, surgiu como uma instituição que serviria para vigiar e direcionar, através dos ensinamentos, correções de práticas e censura de projetos, os meios culturais e artísticos.

O décimo tomo foi publicado no ano de 1781 e a segunda edição no ano de 1787. Nesta parte da obra identificamos que manifesta mais uma vez e com mais intensidade a preocupação sobre a plantação das árvores, visão que compartilhava com Jovellanos, que em sua obra, *Informe sobre la ley Agraria* (1795), indicava que havia uma necessidade de investir na multiplicação das árvores em todo o país. Efetivamente, que Jovellanos nesse momento já assumia uma postura liberal, defendendo a necessidade de uma intervenção para separar legalmente as terras e destiná-las ao cultivo. Este assunto foi discutido em vários tomos, o tema das árvores para ele era uma verdadeira obsessão. A seguir uma passagem em que segue insistindo no tema:

Dixeron algunos quando se publicó el noveno tomo de esta obra, que todo él debía haber sido Prólogo: quisieron decir que el asunto de árboles de que en dicho Prólogo se trataba, era tan útil, y necesario, que merecería otra extensión de la que allí se le dio. Tenian mucha razón, y la tendrán, según mi parecer, quantos digan, que este ramo de la agricultura descuidado en extremo por nuestra gran desgracia, y nuestra culpa, debe ser tratado, y considerado de modo que todos queden convencidos de su abandono el origen de las mayores calamidades, sequedades, y carestías, que solemos padecer, y que el medio único, mas seguro mas breve, menos contrastado, o envidiado de restituir al Reyno su grandeza, ó dársela, qual jamas la haya tenido, seria poblarlo todo él; esto es, alindar los campos de todas las Provincias de las especies de árboles mas connaturales á los diferentes territorios. (PONZ, 1781, v.10, prólogo).

Ainda no décimo tomo, nas cartas dedicadas a cidade de Segovia, lugar que segundo o autor, ostentou no passado uma crescente indústria têxtil, detalha e descreve os benefícios que a comercialização de tecidos trouxe no passado à economia espanhola. O tema da economia e a questão da plantação das árvores, como já foi dito anteriormente neste trabalho, muito estudado pelos ilustrados, principalmente, na segunda metade do século, que se dedicaram a escrever leis e propostas com a intenção de solucionar este tipo de problemas.

Figura 15 - Acueducto de Segovia, en Alexandre de Laborde, *Voyage pittoresque et historique de l'Espagne*, 1806-1820. Grabado.



Fonte: Daniel Crespo Delgado, El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794), 2008, Valencia – España, p. 144. Acesso em: 17 mai 2021.

Em relação à figura acima sabemos que Ponz afirmou que a obra era uma construção romana apesar de que anteriormente um dos escritores mais famosos que se dedicou a escrever sobre a cidade de Segovia, Diego de Colmenares, em *Historia de la insigne ciudad de Segovia* (1637) teria afirmado e insistido que a obra era anterior aos romanos. Ponz foi claro em suas concepções: “su construcción no puede desmentir su edad poco más o menos, al que está acostumbrado a ver puentes y acueductos Romanos” (PONZ, 1781, v. 10, p. 46).

Também viu com bons olhos e elogiou os efeitos positivos que a chamada indústria rural, promovida pelo conde de Campomanes trouxe à nação. Como vimos até o momento, a obra não foi feita especificamente para tratar dos temas econômicos, porém, ofereceu um coerente e detalhado percurso pela situação econômica do país, onde é possível entender os problemas e situações que preocupavam ao reformismo ilustrado. Aborda os instrumentos de análise da realidade econômica do país, denunciando em diferentes momentos a situação crítica dos agricultores, as péssimas condições de vida, os problemas dos artesãos e as dificuldades que este setor encontrava para avançar. Seguindo várias correntes do pensamento econômico da época, aprova as medidas propostas por alguns estudiosos, que foram essenciais para o progresso do setor econômico. Assim, “el Viage fue la más notable manifestación de la sincera preocupación de Ponz por la llamada economía política, también en su propia actividad personal hallamos episodios que muestran su implicación con tan ilustrada inquietude” (DELGADO, 2008, p. 34).

Além disso, expressa em vários momentos na narrativa sua confiança no potencial da Espanha e na nova dinastia com Carlos III e logo Carlos IV, assim como na competência dos

ministros, acreditando que os Borbons seriam os responsáveis por restaurar o antigo progresso nacional que havia antes no país. Destacamos algumas páginas da obra em que o autor espanhol afirma coincidir com o pensamento e análise feita pelo conde de Floridablanca que em sua obra, *Memorial presentado al rey Carlos III, y repetido a Carlos IV (1788)*, sobre o trabalho do governo em que apontava os avanços realizados no que diz respeito à construção de canais, e outras infraestruturas públicas, fundação das Sociedades Económicas de Amigos del País, participação dos bispos espanhóis em projetos que reconduziriam o dinheiro arrecadado pelas doações, medidas para fomentar o comércio, agricultura, etc. Segundo Ponz, para Floridablanca, todas as iniciativas tomadas conseguiram melhorar os setores do governo, e a Espanha começava uma espécie de reconstrução. Neste volume, refere-se as diversas obras empreendidas pelos bispos espanhóis em colaboração com o governo para a construção de pontes e estradas que seriam de utilidade geral. Identificamos na obra que o autor mostrava sua preferência pela construção de pontes e estradas ao invés de igrejas e templos.

Ponz lutou pelas mudanças que considerava obrigatórias, apesar de rejeitar algumas posturas que considerava ambiciosas, não quis que o governo desse as costas a uma necessária modernização, contudo, acreditava que deveriam analisar bem e com precisão, as propostas e projetos, para não cair em excessos. Sendo assim, defendeu essa linha moderada em consonância com alguns membros do governo e parte da elite reformista e ilustrada, apontando sempre os progressos conseguidos e os possíveis horizontes que poderiam conseguir se continuassem por este caminho.

Segundo Gorostiza (2012), Ponz também analisou a situação das universidades e as questões educativas, dedicou várias páginas da obra para descrever, por exemplo, que a “nova filosofia” já era conhecida na Espanha, que a universidade de Salamanca possuía obras modernas e que existiam planos para a introdução de novos saberes. O que justifica as palavras e o apoio de Ponz sobre o papel que desempenhavam Olavide e Campomanes em relação às tentativas para as reformas universitárias. Como tantos outros pensadores desde finais do século XVII Ponz manifestava seu desprezo pelas linhas de pensamento adotadas por algumas universidades espanholas, sobre a universidade de Alcalá de Henares, por exemplo, lamentou: “tantos ergos impertinentes y cuestiones inútiles” (PONZ, 1772, v. 1, p. 49). Sua opinião era a mesma em relação a outras universidades que descreveu, apesar de elogiar e exaltar o que tinha de bom e que deveria ser conservado, não poupou as críticas.

Ponz faleceu no ano de 1792, antes da seguinte grande crise que a Espanha atravessou, viveu em um período em que o reformismo dos Borbons ainda mantinha certa credibilidade de que seriam uma excelente alternativa de progresso. Acreditava e confiava em um sistema em

que fosse possível que a monarquia absoluta conseguisse empreender as leis e obras necessárias para o progresso do país. Esta forma de pensar do autor justifica as inúmeras características do pensamento ilustrado que encontramos diluídas em sua narrativa que confirma um dos objetivos desta investigação.

O décimo primeiro tomo foi publicado no ano de 1783 e teve sua segunda edição em 1787. No prólogo deste volume, oferece uma descrição da sua opinião sobre como eram as pessoas nessa época e suas características:

Algunas particularidades de la referida persona; y para decirlo en breve, hallé que era hombre nacido, para que los demás le sirviesen, incapaz de incomodarse, ni de dar un paso por otro, pero muy sobre sus escritos para exigir de todo pobrete un singular respeto. Le pregunté qué viages había hecho, qué calores, y frios había padecido por caminos. ¿Viages ¿... No hay mas viajes que estarse cada uno en su casa, sin cuidar de los demás, ni de componer el mundo, vaya como quiera; antes bien disfrutar de él de todos los modos posibles. Famoso, egoísta, como otros muchos de su humor, que con media hora de misa, tres ó quatro de juego, y lo demás de paseo, o pláticas sin substancia, van haciendo la diaria carrera de su vida, burlándose altamente de los que fatigan el ingenio en beneficio público y lo anteponen á su propia comodidad y regalo. (PONZ, 1783, v. 11, prólogo).

A partir da passagem selecionada identificamos a mentalidade ilustrada de Ponz, e seu inconformismo com a passividade de alguns diante da situação em que o país se encontrava, apontando que haviam cidadãos que não estavam preocupados com o futuro da nação, nem dispostos a ilustrar-se para ilustrar. Em seguida, observamos outro trecho da obra em que aponta que o oposto também existe. Observemos:

Consolémonos que hay otros que se inflaman, hacen, aconsejan, y exhortan lo que entienden por redundar en beneficio de la Nación, y entre ellos personas de autoridad, y alta gerarquia, sin que por ver repetidas veces frustrados sus deseos, dexen de hacer, y de clamar, consolándose con qualquiera buen progreso que vean, aunque sea de poca monta; porque en el fundan esperanzas para cosas mayores. Dios los conserve, y bendiga, y al mismo tiempo nos libre por su misericordia de los otros... (PONZ, 1783, v. 11, prólogo).

A partir das descrições voltamos a nos deparar com características do pensamento ilustrado na narrativa, sendo possível compreender que em todo momento tenta mostrar que existe uma espécie de divisão na Espanha, de um lado aponta aos que colaboram e dedicam suas vidas para alcançar a tão desejada felicidade pública, trazendo tudo que possa ser útil à nação, do outro lado estão os egoístas que não contribuem com nada que possa proporcionar algum benefício. Em várias passagens da obra verificamos que o autor espanhol se voltou contra os nobres e poderosos que se dedicavam às atividades frívolas, davam as costas aos problemas

coletivos. Ainda neste tomo, na primeira carta, volta a demonstrar suas intenções e os objetivos de sua obra, dizendo:

Por mas que aquel Amigo nuestro quisiera que mis cartas solo comprendiesen puntos relativos á las bellas Artes, sin extenderse á lo que es digno que se sepa en materia de agricultura, producciones del campo, industria, &c: y sin embargo de otros son su dictamen, porque solo tienen gusto en esto, y no en lo demás; yo sigo, y seguiré el parecer de V.: continuaré como empecé, hablando de las demás cosas dignas de saberse, útiles á la Nación, y según mis máximas del todo necesarias para el progreso de las bellas Artes. (PONZ, 1783, v.11, p. 19-20).

Observa-se desta maneira que o autor aponta que seguirá informando sobre todos os temas que lhe pareçam relevantes e que possam contribuir para o progresso da nação. Defendia em todo momento a implicação com o conceito de felicidade pública. Observemos a passagem:

La agricultura no solo es un arte como las demás, pero la principal, y mas importante, sin la qual no puede subsistir otra ninguna: no se debía exercitar por costumbre, y tradición, sino por principios, reglas, especulaciones, y propias experiencias, adelantando cada día mas de lo que deben ayudar, y dar luces los que tienen mas tiempo que ellos en leer, instruirse, y meditar, aunque no fuese mas que recompensa de ser ellos los que á todos sustentan con sus sudores. (PONZ, 1783, v.11, p. 23-24).

Ponz não considerava somente o tema das belas artes como relevante, por isso, resolveu expandir o que seria seu projeto inicial, que seguindo as ordens de Campomanes era fazer um inventário dos monumentos e obras de artes nas regiões do país, para outros assuntos de seu interesse e ligados ao projeto reformista do governo e que acreditava que eram tão ou mais importantes do que as artes. No prólogo deste tomo referiu-se ao papel das mulheres aristocratas em relação ao tema do plantio das árvores, citando e elogiando o empenho da Marquesa de Peñafiel e a Duquesa de Arcos, ressaltando seus esforços e valiosas contribuições para o reflorestamento de algumas regiões de Valladolid. Verificamos, assim, que fez um apelo ao sentido moral e cívico de todos, certo de que o bem público e coletivo era fundamental para alcançar os objetivos propostos e mudar a situação da Espanha. A respeito da cidade de Valladolid disse o seguinte:

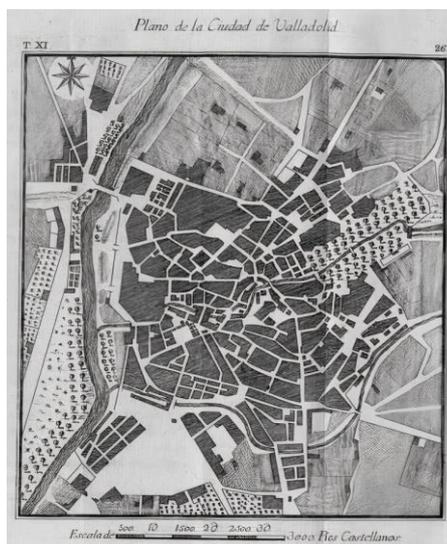
Si Valladolid tuviera fábricas florecientes en su recinto, y la agricultura estuviese en el estado que podría en su hermosa y dilatada campiña: si de las aguas del rio Pisuerga, que la baña por su lado Poniente, se hiciese el uso, que harían otras Ciudades, y pueblos de nuestro Reyno, correspondería sin duda el vecindario a la amplitud de esta principalísima Ciudad: es grande compasión verla reducida á menos de veinte mil almas quando en otras circunstancias podría tener mas de cien mil. (PONZ, 1783,v.11, p. 26-27).

Elabora nesse trecho da obra elogios em relação a cidade de Valladolid, porém, faz uma crítica à falta de povoamento nessa região, comparando como era descrita a cidade antigamente

e o que ele vê atualmente. Dá informações sobre as impressões de um viajante italiano que escreveu sobre sua experiência acompanhando a corte do rei Carlos V em algumas viagens pela Espanha, Andres Naugerio, que descreveu Valladolid como uma cidade abundante em todos os sentidos, onde não faltava nada que fosse necessário para a sobrevivência de seus habitantes e das vilas vizinhas, acrescentou também que era uma cidade que estava sempre habitada, com casas grandes e bonitas. Em contrapartida, a realidade que Ponz tinha diante dos seus olhos era outra, descreve uma situação de autêntica decadência, ausência de habitantes, casas abandonadas, sujeira e ambiente hostil por toda a cidade. Sobre essa região aponta: “se sigue, que Tudela vaya necesariamente caminando a su decadencia y ruína; y mas si se permite, que prevalezca la falsa opinión, sostenida por labradores dueños de viñas y ganaderos” (PONZ, 1783, v. 11, p. 21). Constatamos que as palavras de Ponz aparecem como uma advertência em relação ao que poderia ser feito em algumas regiões que eram férteis e que se recebessem o tratamento adequado poderiam avançar. Em seguida o autor enfatiza dizendo: “si hubiera reglas con que remediar, y contener el mando, adquisiciones, y aprovechamientos, que Comunidades, vecinos poderosos, y Curiales de Valladolid” (PONZ, 1783, v. 11, p. 21).

Ponz acreditava que o principal motivo da decadência nas regiões do interior da Espanha era a péssima utilização dos recursos naturais, a injusta divisão dos territórios e a diminuição e falta de habitantes, descreve que lugares como Toledo, Salamanca, Ciudad Real, Zaragoza, Burgos, Córdoba e Málaga foram ficando abandonados e vazios. Além disso, oferece testemunhos de que em certas cidades como Valladolid, Sevilha ou Segovia havia no século XVI uma população maior. A seguir temos as figuras do mapa da cidade de Valladolid e de uma das torres da catedral:

Figura 16 - Mapa da cidade de Valladolid, em Antonio Ponz, Viage de España, 1772-1794. Grabado.



Fonte: Antonio Ponz, Viage de España, 1772-1794. Acesso em: 17 mai 2021.

Figura 17 - Torre da catedral de Valladolid, em Antonio Ponz, Viage de España, 1772-1794. Grabado.



Fonte: Antonio Ponz, Viage de España, 1772-1794. Acesso em: 17 mai 2021.

Sobre a catedral de Valladolid expressou várias vezes em seus relatos sua admiração ao arquiteto Juan de Herrera. Ponz foi pintor e também secretário da Academia de San Fernando e todos sabiam suas preferências e militâncias pelo neoclássico. Sempre lutou para que os gastos em matéria artística fossem apropriados e não desorbitados, tal preocupação, compartilhava com outros ilustrados que também prezavam por investir em gastos que consideravam úteis ao desenvolvimento.

O décimo segundo tomo foi publicado no ano de 1783 e a segunda edição em 1788. Elaborou mais uma reflexão sobre os textos que foram publicados por viajantes estrangeiros

que visitaram a Espanha durante o século XVIII, pretendendo entender tais fontes literárias e verificar os juízos de valor que foram feitos sobre as belas artes e outros aspectos. Nessa época, as reformas empreendidas pelos reis Fernando VI e Carlos III geraram nos ilustrados estrangeiros uma corrente de interesse que se refletiu nas viagens e nos livros editados posteriormente.

Na segunda carta deste volume, dedica-se a dar notícias sobre a cidade de Burgos oferecendo preciosos comentários, críticas e sugestões. Comenta que alguns escritores fizeram elogios sobre a região, afirmando que havia ali uma terra rica e abundante, populosa, cheia de todos os tipos de artes, e com um comércio ativo, que a maioria de seus habitantes eram ricos mercadores, mas que ele não encontrou naquela região nem rastro de tal riqueza, comércio e opulência. Em relação às obras de artes Ponz indica que havia muita coisa boa e de bom gosto. Atentemos ao trecho em que faz referência à catedral de Burgos:

No se puede ver otra cosa, que alegre tanto la vista desde alguna distancia como el edificio de la Catedral, obra sumamente delicada, trepadas sus torres, y ornatos del cimborio, como si fuera una filigrana, y al mismo tiempo fortísima, como se reconoce examinando el edificio. Todo el exterior, como digo, es cosa preciosa en su línea, que decimos *gótica*, acompañando también a este agradable espectáculo el exterior de la capilla suntuosa. (PONZ, 1783, v. 12, p. 23).

Do mesmo modo que encontramos elogios nas palavras de Ponz como os que constam no trecho acima, percebemos o espírito ilustrado do autor ao relatar sua tristeza ao descrever alguns monumentos e ao falar da situação das belas artes e da arquitetura em algumas cidades da Espanha naquele período. Chegando a dizer que a arquitetura tinha sido tratada por mãos profanas e ignorantes e que o interior dos templos e igrejas eram cheios de enfeites ridículos capazes até de distrair a atenção dos fieis. Relata também o péssimo gosto para as combinações de linhas retas e curvas, que a aparência de algumas fachadas são incompreensíveis e que há enfeites que ocultam a beleza das estátuas.

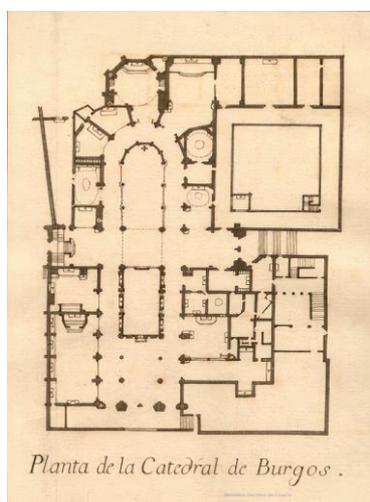
Analiseemos abaixo as figuras da catetral e da planta arquitetônica da cidade:

Figura18 - Catedral da cidade de Burgos



Fonte: Antonio Ponz, Viage de España, 1772-1794. Acesso em: 17 mai 2021.

Figura 19 - Planta arquitetônica da cidade de Burgos



Fonte: Antonio Ponz, Viage de España, 1772-1794. Acesso em: 17 mai 2021.

Nas figuras acima verificamos a catedral da cidade de Burgos e sua planta arquitetônica, que fazem parte das poucas figuras e desenhos que compõem a obra. Um pequeno número de imagens foi utilizado em todos os tomos, o que prevalece são as descrições, ou seja, o autor não optou tanto pelo recurso palavra-imagem, preferindo dedicar-se a longas e minuciosas descrições. Observamos que o autor utilizou os prólogos para suas reflexões, intercâmbio de opiniões e discussões com os que foram seus colaboradores, com os quais trocou algumas cartas como é o caso de Jovellanos. De acordo com Albuquerque (2011), *Las Cartas* de Jovellanos, contém autênticos tesouros no que diz respeito a relatos de viagens e alguns estudiosos consideram tal obra como a valiosa do autor.

Também constam nos prólogos algumas defesas explícitas sobre os temas que circundam a obra e nas cartas que compõem os tomos encontramos as descrições detalhadas dos monumentos, fachadas, igrejas, caminhos, estradas e etc. Constatamos que desse modo, “El

predominio en estos relatos de la descripción sobre la narración supone que aquella que actúa como configuradora de un discurso se represa en la travesía, en los lugares, y en todo lo circundante (personas, situaciones, costumbres, leyendas, mitos, etc.” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 17).

Na sexta carta introduz referências sobre a cidade de Salamanca, escreveu que quem soubesse ou visse a quantidade de edifícios magníficos que ornamentavam a cidade antigamente não podiam duvidar de que a cidade era bastante povoada e que gozava de um certo apogeu. Por outro lado, relata o seguinte sobre a situação que encontra diante dos seus olhos:

La riqueza, y la industria desaparecieron de Salamanca: desapareció igualmente, y por buena consecuencia la población de la Ciudad, y de los Pueblos de su jurisdicción, que no solamente se han disminuido, sino que ya no existen muchos de ellos, pudiéndose contar á centenares, sin que se sepa siquiera, ni conozcan hoy las señales de los sitios donde estuvieron. De ahí podrá V. inferir en qué estado se hallará la Agricultura, opulentísima en otro tiempo. (PONZ, 1783, v.12, p. 169).

Nesta parte, identificamos traços do discurso ilustrado de Ponz quando analisa o passado segundo algumas informações históricas ou informações que recebia de seus colaboradores, e faz uma crítica à situação atual da agricultura na região de Salamanca. Após revelar a péssima situação atual da cidade, defendeu a necessidade e importância dos agricultores, fazendo um chamado a todos, especialmente aos nobres, afirmando que suas riquezas, da cidade e do país dependiam dos agricultores.

Sendo assim, não nos parece estranha a persistência do autor em relação ao tema da agricultura, pois, repete inúmeras vezes ao longo da obra que para ele a agricultura seria a primeira das artes, portanto a peça crucial para conseguir o tão desejado progresso. Essas ideias foram compartilhadas com escritores contemporâneos seus como Campomanes e Jovellanos, que incentivaram e colaboraram para a publicação de uma nova lei agrária, porém essa tentativa não foi bem sucedida, inclusive escritores que tinham muito respeito pelo governo de Carlos III expressaram que existiam dúvidas por parte do governo que acreditava que se uma grande revolução agrária fosse realizada afetaria os interesses das classes mais privilegiadas, por isso a questão agrária continuou sendo no século XIX um tema a ser discutido

Figura 20 - Vista atual da ponte de Salamanca.



Fonte: Daniel Crespo Delgado, *El paisaje del progreso. Las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz (1772-1794)*, 2008, Valencia – España, p. 123. Acesso em: 17 mai 2021.

Em relação à figura constatamos que Ponz descreveu pontes de várias cidades espanholas, que se dedicou ao tema da restauração histórica seguindo alguns manuscritos, opiniões e hipóteses de autores anteriores a ele, deixando assim registrado na *Viage* relatos de reedificações que foram realizadas ao longo da história da Espanha. No que diz respeito à ponte de Salamanca, o autor espanhol seguiu as indicações do cronista Gil Gonzáles Dávila e repetiu a descrição das medidas da ponte dadas por ele, apesar dos dados terem sido contestados devido às informações relativas ao número exato de arcos.

No ano de 1785, foi publicado o décimo terceiro volume e teve a segunda edição em 1788. O prólogo deste volume é extenso e está dedicado às espécies das árvores, onde o autor expõe mais uma vez uma defesa a natureza. Ponz nunca ocultou que entre os aspectos econômicos que aborda na obra, o tema das árvores foi sem dúvida o que mais protagonismo recebeu. Também encontramos uma nota que recebeu do jardineiro do Real Sítio de Aranjuez que continha instruções práticas sobre como plantar uma grande lista de espécies de árvores e arbustos. No prólogo realiza sua defesa a natureza:

De que sirve clamar porfiadamente en el Viage de España sobre la plantación de árboles; ponderar los males que experimentamos por su falta; anunciar mayores desdichas en lo venidero: pintar tantas veces la belleza, y riqueza que resultaría en toda la Península, si se alindasen de diversidad de plantas sus campos, sus caminos, sus riveras; se poblasen sus montes, sus dehesas, ¿y sus valles? Todo va bien: son ciertos los males: amenazan con otros mucho mayores, si no se toma presto, y con gran empeño, la plantación exhortada tantas veces en esta Obra: podría España transformarse brevemente en el mas bello, abundante, rico, delicioso, y apetecible territorio de Europa: es así: pero ¿dónde está la pericia para qué se haga con acierto? (PONZ, 1785, v.13, prólogo).

Verificamos uma crítica do autor em relação às instituições que seriam responsáveis pela fiscalização das plantações. Sabemos que tanto Ponz como alguns dos seus contemporâneos lutaram contra as leis e normas que tratavam sobre esse assunto durante o século XVIII, eram contra medidas que tratavam sobre o direito as propriedades e contra os privilégios que recebiam alguns setores. Neste volume da obra como em tantos outros Ponz denuncia a ineficácia e fracasso das leis e as poucas providências tomadas. A solução proposta pelo autor era que deixassem de existir os impedimentos, oriundos do próprio governo, que haviam para que a Espanha pudesse se tornar um país abundante no que diz respeito a plantações de árvores. No final deste prólogo encontramos esta nota:

El autor de este libro ha hecho imprimir separadamente exemplares del presente Prólogo con el fin de distribuirles a los labradores de las dos, ó tres leguas alrededor de Madrid, que hayan plantado árboles, y les hayan conservado en sus terrenos abiertos de tres años á esta parte, y también a los que desde luego estén en animo de hacerlo. (PONZ, 1785, v. 13, prólogo).

Ao longo das páginas percebemos diversas exposições sobre os problemas ligados ao tema das terras e das plantações, em que o autor faz severas críticas à questão da propriedade e da situação dos agricultores e camponeses em determinadas regiões, seus comentários são mais agudos quando refere-se a regiões da Andaluzia, Castela e Astúrias, por exemplo. Dedicava várias páginas citando possíveis soluções para o desenvolvimento da agricultura²⁵, que segundo ele deveriam ter como principais bases um verdadeiro conhecimento da agricultura, diferentes tipos de plantações e uma melhor distribuição das terras. O que justifica sua atitude expressa na nota acima. Neste volume, encontramos uma passagem em que Ponz faz um elogio a um dos seus colaboradores, uma das poucas pessoas que encontrou durante suas viagens, trata-se do erudito Ramón Foguet, que possuía um grandíssimo conhecimento sobre o sistema de abastecimento romano. Observemos:

He encontrado muy pocas personas en mis viajes por España tan inflamadas por el provecho y honor de la Nación, tan prontas a contribuir y trabajar en cuanto puede ser del caso a su ilustración, siendo su casa un depósito donde cualquier sabio y curioso encuentra con que satisfacer su buena inclinación en libros, medallas, y otras cosas dignas del gusto más refinado. (PONZ, 1785, v. 13, p. 66).

²⁵ Para aprofundar esse assunto, consultar: LLOMBART, Vicent Rosa. Sobre los Orígenes de los proyectos agrários em la España de la segunda mitad del siglo XVIII, Ley Agraria y Sociedades de Agricultura. La idea inicial de Campomanes, Información comercial española, nº 152, 1976, pp. 57-74.

Ponz relata ainda que percorreu a região de Tarragona e observou o acueducto tarragonense na companhia de Foguet, com quem teve o prazer de desfrutar. Constatamos que nas páginas da *Viage* estão descritas com detalhes as referências sobre as diferentes intervenções que foram realizadas.

Dedicou o décimo quarto volume para tratar sobre a região da Catalunha que foi publicado no ano de 1788. No prólogo, o autor informa que Catalunha é uma região bastante avançada em relação às demais por onde ele viajou. Expondo que a cidade possuía todas as qualidades necessárias para ser a grande cidade que era. Dedicou algumas palavras para informar sobre a população, o número de habitantes, de casas e edifícios públicos, sobre a região portuária, entre outros assuntos. Sobre a extensão da cidade disse: “se extiende a lo largo de la costa del mar dos mil y quinientas varas, y e ancho, atendiendo á su figura irregular, y proporcionando unas medidas con otras, á mil y quinientas corta diferencia” (PONZ, 1788, v. 14, p. 10). Além disso, informou que o setor industrial da cidade era excelente. Na descrição de Ponz, observa-se que:

Como el objeto de esta obra es estimular por todos caminos el progreso en materia de las nobles Artes, y en todos los objetos que desde el principio se propuso, usa el Autor en estas Cartas del mismo lenguaje que en todas las demás anteriores, aunque cree que sobre ciertos puntos de aplicación, é industria no necesita el Principado de Cataluña de las exhortaciones que en otras Provincias de España pueden ser útiles, para acertar con los medios de su prosperidad, y aumento. (PONZ, 1788, v.14, prólogo).

A partir da passagem fica evidente que Ponz compara as regiões da Espanha e aponta os lugares que precisam de mais ou menos projetos e ações de melhorias que ajudariam para alcançar a prosperidade. Tanto para ele como para outros viajantes contemporâneos a região da Catalunha não precisaria tanto de ajuda como a região de Castela, por exemplo, que é descrita em várias passagens como uma das que se encontrava em piores condições.

Continuando pela Catalunha elogiou o setor artístico e as obras que encontra e descreve, dizendo: “Con esta, y otras obras de igual artificio no tendría el siglo XVIII, por que engréirse de superar en luces artísticas á los pasados, aunque retrocedera hasta el de Carlos Magno” (PONZ, 1788, v. 14, p. 16). Ainda sobre Barcelona, atentemos à descrição que faz sobre a Catedral:

Empecemos por la Catedral, que es uno de estos edificios góticos bastante magníficos, de tres altas, y espaciosas cuya planta es al modo de las demás de España, con coro, y presbiterio en medio de su recinto. Se empezó la fabrica actual hacia el año de 1299, y hasta después de 1330 no se acabó, ni aun se ha concluido la portada principal,

siendo extraño que en una Ciudad opulenta como esta no se hayan encontrado medios de acabarla. (PONZ, 1788, v. 14, p. 13).

Sobre os monumentos, Ponz dedicou várias páginas desse volume para dar notícias sobre os edifícios mais emblemáticos da cidade de Barcelona, um dos que lhe chama mais atenção é a catedral, que segundo o autor seria um dos edifícios góticos mais magníficos já visto por ele. Até o aparecimento do *Diccionario historico de los mas ilustres profesores de Bellas Artes* (1800), do autor Juan Agustín Ceán Bermúdez, a *Viage* era considerada a fonte mais moderna, confiável e atualizada para conhecer a arte espanhola. Como dito anteriormente neste trabalho, foi utilizada como guia por vários viajantes estrangeiros que se aventuraram pelo território espanhol.

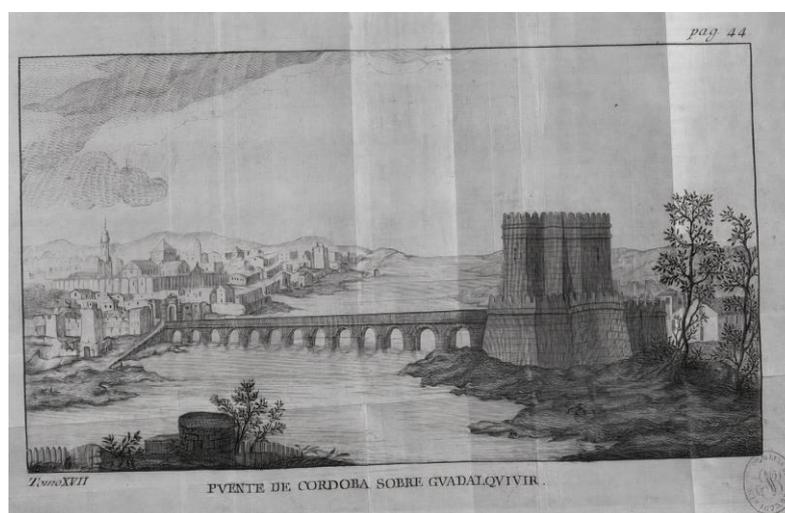
O décimo quinto volume foi publicado no ano de 1788. Descreve a região de Aragão, e aponta algumas semelhanças e diferenças entre o que encontra nas regiões da Andaluzia e de Aragão, por exemplo. Diante de tudo que vê, o autor afirma que a Espanha era uma nação pessimamente explorada, que contava com um grande número de recursos que não eram utilizados, que poderia sustentar uma população muito maior e produzir mais riquezas se aumentassem as leis para a utilização dos recursos naturais. Sobre a região de Aragão cita as cidades de Zaragoza e Huesca, com seus rios e terrenos férteis, em Andaluzia dá como exemplo a cidade de Jaén que, segundo ele, poderia crescer em abundância e população. Esta confiança na potencialidade da Espanha era um assunto compartilhado com outros estudiosos contemporâneos. Vale ressaltar que os ilustrados sempre demonstraram um grande entusiasmo em ver a natureza e os recursos naturais sendo transformados pelo homem. Para Ponz, “Sus cosechas regularmente considerables, por la feracidad del terreno, y también el ganado lanar” (PONZ, 1788, v. 15, p. 6).

Em relação ao décimo sexto volume, foi publicado no ano de 1791, nele expõe que traçou um plano de viagens para percorrer as regiões da Andaluzia e seus arredores, que se dedicou a visitar lugares que ainda não tinha percorrido, na tentativa de acrescentar informações e detalhes. Menciona também que viajou pela Europa e escreveu *Viage Fuera de España* (1785). No prólogo, faz uma reflexão sobre a importância da instrução para o bem estar da sociedade e seus indivíduos. Dizendo: “se han formado diferentes establecimientos útiles, como son Casas de Caridad, Sociedades, Estudios de las Artes, Fábricas pertenecientes a diversos ramos de la industria, edificios públicos, puentes, caminos, plantaciones, y cosas semejantes” (PONZ, 1791, v. 16, prólogo). Sendo assim, expõe um pouco das coisas que observou em outros países e afirma que são tópicos que já haviam sido tratados por ele na *Viage*.

Neste volume, relatou suas opiniões em relação ao feito histórico da fundação das Nuevas Poblaciones de Sierra Morena, na região da Andaluzia. Podemos observar que o autor se dedicou a descrever com detalhes a extração, transporte e tratamento dos minerais da região de Sierra Morena. Também encontramos um viajante que se interessou e relatou a situação dos homens e mulheres, apontou as miseráveis condições em que viviam com a intenção de apelar à compaixão dos poderosos e à caridade dos eclesiásticos na tentativa de melhorar a situação daqueles indivíduos, para Ponz estava claro que era mais do que necessário tentar povoar as regiões e proporcionar melhorias para a população. Em relação ao que se debate, sabemos que o conde de Campomanes foi quem colocou em andamento um projeto de repovoamento dos territórios nessa região, Campomanes que foi um dos principais aliados do rei Carlos III, mantinha uma estreita relação com Ponz. O autor descreveu ainda sobre essa região que era imprescindível tentar aproveitar os abundantes recursos naturais, principalmente os rios, citando várias ideias e propostas. Identificamos a partir das palavras de Ponz que de certa forma o autor responsabilizou a situação da falta de povoamento em determinadas regiões a decadência espanhola, para ele não havia dúvida de que aumentar a população era uma condição necessária para o progresso do país.

No décimo sétimo tomo, o autor segue com a descrição sobre a região da Andaluzia e teve sua primeira edição no ano de 1792. Destacamos neste volume o relato que oferece sobre a cidade de Córdoba e o fato de não ter mostrado especial interesse pelas artes e produções árabes, o que já constatamos em algumas partes da obra. Apesar desse fato, Ponz reconheceu a importância das obras públicas, em especial as hidráulicas, executadas pelos árabes durante sua presença na península. À guisa de exemplificação:

Figura 21 - Ponte da cidade de Córdoba.



Fonte: Antonio Ponz, Viage de España, 1772-1794. Grabado. Acesso em: 17 mai 2021.

A figura retrata a ponte da cidade de Córdoba, na Andaluzia, localizada sobre o famoso rio Guadalquivir. Neste tomo em que o autor descreve a ponte, analisa com detalhe as construções e refere-se constantemente aos escritos que datam do século XVI e que ressaltam a importância e presença das obras romanas no território espanhol, principalmente as hidráulicas que segundo ele continuavam despertando interesse nos estudiosos e viajantes.

O décimo oitavo volume escrito por Ponz, continuado e publicado pelo seu sobrinho José Ponz que a partir das cartas já escritas por ele, publica este tomo como obra póstuma no ano de 1794, antes de começar com as cartas e descrições, escreveu umas palavras sobre a vida de Antonio Ponz, intitulada: “Vida de D. Antonio Ponz”. O material escrito pelo sobrinho de Ponz é considerado como a melhor e mais completa biografia de Antonio Ponz.

Verificamos que já no prólogo encontram-se expressas mostras do pensamento e espírito ilustrado de Ponz, em diferentes momentos toca no assunto da utilidade, refere-se também a que é necessário ilustrar a nação, citando modelos que deveriam ser exemplos a seguir, a importância do conhecimento da realidade, entre outras ideias ilustradas. Podemos dizer que esta parte da obra é uma espécie de resumo sobre as diferentes ideias que foram sendo apresentadas no decorrer das páginas anteriores. E que é importante levar em consideração o fato de ter sido escrito pelo seu sobrinho, José Ponz, que foi seu ajudante nos últimos anos de vida.

O autor José Luis Ramos Gorostiza, em seu trabalho, intitulado “La economía en el viaje de España de Antonio Ponz: Contexto de ideas y contrastes con la mirada extranjera”, publicado no ano de 2012, faz um excelente percurso do tema da economia, além de tratar de vários outros temas, uma espécie de síntese geral abordando todos os assuntos que foram descritos por Ponz na *Viage*, em que contextualiza e demonstra os principais interesses da obra do valenciano. De acordo com Gorostiza (2012):

El viaje no ofrece en absoluto una imagen complaciente del país. Nada escapa a la incisiva mirada de Ponz (la nobleza, la Armada, la Iglesia, etc.) y no faltan las críticas de calado a la situación socio-económica: así, por ejemplo, censura la frivolidad, el absentismo y la falta de compromiso publico de la aristocracia terrateniente; condena la política coactiva de aprovechamiento maderero de la Marina Real; reprueba la práctica de la limosna indiscriminada, la pompa decorativa de las iglesias, y la ociosidad de los caudales eclesiásticos; critica la lentitud, el abandono o el aplazamiento de medidas de reforma; advierte contra el caciquismo ejercido en los pueblos por los vecinos más ricos, rechaza de plano los privilegios de la Mesta, denuncia la situación de miseria del campesinado y la despoblación y atraso agrícola, comercial y manufacturero de la España interior, así como su apariencia desolada por la falta de arbolado; llama la atención sobre el mal estado general de las posadas y red de puentes y caminos, y subrayan las graves carencias en infraestructura hidráulicas que impiden el buen aprovechamiento de los ríos; señala la pésima formación de los artesanos, la falta de conocimiento actualizados de los agricultores y el escolasticismo

de las universidades; o se muestra el contrario a todo tipo de aventuras belicistas e imperialistas. (GOROSTIZA, 2012, p. 11).

A partir do que aponta o autor, acredita-se as ideias centrais que aparecem na obra de Ponz, pois, como foi dito ao longo deste trabalho e como fomos comprovando a partir de nossas investigações e reflexões, *Viage de España (1772-1794)* foi talvez o projeto mais ambicioso e realista realizado por um espanhol durante o século XVIII. O autor Andrés Úbeda de los Cobos escreveu e acreditamos que acertadamente, que a obra *Viage* “es uma de las obras más importantes de esta centúria y de toda la historia del arte” (ÚBEDA, 2001, p. 349).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir o que se entende por Ilustração é um ponto importante para compreender as relações das diversas literaturas escritas nessa época com o que acontecia no mundo. Sendo assim, esse trabalho fez uma análise sobre como se desenvolveram alguns conceitos e sobre a difusão e influência das ideias ilustradas, particularmente durante a segunda metade do século XVIII, pensando como os debates relativos à circulação e uso dos ideais foram sendo difundidos. Nosso percurso foi traçado a partir da leitura de diferentes obras e estudiosos, que permitiram estabelecer uma conexão entre os conceitos e as hipóteses que circundam este estudo. O objetivo principal foi fazer a análise da obra *Viage de España (1772-1794)*, com ênfases na Ilustração a partir de relatos que rememoram e oferecem um detalhado informe sobre monumentos, conservação e estado do patrimônio artístico, obras de arte, costumes e arquitetura de cada local visitado. Logo, percebemos, a partir das análises, como o autor Antonio Ponz tinha presente os ideais ilustrados e que estes aparecem a todo momento em sua narrativa. Que nos levou a concluir que a questão norteadora desta investigação foi respondida como se pode ver a partir dos argumentos desenvolvidos onde encontramos as ideias ilustradas entrelaçadas na narrativa de Ponz.

A literatura de viagem surgiu como uma prática social vinculada à expansão marítima, esse período está marcado pelas histórias cheias de aventuras, daquelas que foram as primeiras empresas lusitanas e castelhanas que percorreram várias regiões. Este gênero passou a consolidar-se de acordo com o avanço da busca pelo saber, em que os relatos ofereciam as visões de como era o mundo naquela época entre os séculos XVI e XVIII o que predominava era a ideia de aprimorar o conhecimento ilustrado e construir um conhecimento universal, que passou a ser o lema principal durante o Século das Luzes. O ato de viajar sempre esteve presente na literatura, basta pensar no número de relatos de viagens que surgiram na época da Ilustração, associados ao fenômeno do Grand Tour que potencializou a prática das viagens pela Europa e que costumavam ser viagens de formação, científicas, naturalistas, artísticas, históricas ou literárias.

Além disso, vale ressaltar que aspirações econômicas, políticas, intelectuais e científicas contribuíram e deram um impulso para a multiplicação de todos os tipos de viagens e que a escrita e a publicação desses relatos também impulsionaram o aumento do público leitor desse tipo de literatura. De acordo com Albuquerque (2011), a viagem formava parte da condição humana não apenas como uma espécie de produto da curiosidade do homem, mas também como uma necessidade vital.

Investigando esse cenário e nos concentrando no século XVIII espanhol, em temas específicos como: Literatura de viagem, Ilustração na Espanha, Gênero Epistolar, Despotismo ilustrado, Espanha borbônica, Decadência Espanhola, Literatura e Artes Visuais, Literatura Colonial e Colonialidade, verificamos que tais conceitos nos auxiliaram a compreender a viagem e a literatura escrita a partir desses trajetos, como instrumento político e com função informativa, sendo nossa ferramenta para compreender a apropriação e circulação desses ideais pelos escritores da época.

Assim, podemos afirmar que um dos escritos com mais representatividade nessa época é sem dúvida a obra *Viage de España en la que se da noticia de las cosas mas apreciables, y dignas de conocer, que hay en ella* (1772-1794), do escritor Antonio Ponz, considerado um dos maiores nomes desse período. Nesse sentido, demonstramos através de nossas reflexões que a obra foi de fato um dos relatos de viagem do século XVIII que contém de forma mais acentuada uma preocupação pelas reformas do país e que Antonio Ponz é um dos escritores mais reconhecidos dessa época. O fato de o autor ser no Brasil um escritor menos conhecido e estudado foi uma das motivações para a escrita desta dissertação. Vislumbrando poder difundir e contribuir para o reconhecimento da obra e do autor aqui no Brasil, decidimos estudá-lo.

A análise de alguns trabalhos e obras publicados no exterior, especialmente na Espanha, foram imprescindíveis para que conseguíssemos fazer com mais precisão nossa análise dos escritos de Ponz. O tomo XVIII finalizado e publicado postumamente pelo seu sobrinho José Ponz, nos ofereceu detalhes e ajudou a entender as origens e a biografia do autor. Antonio Ponz foi um grande intelectual ilustrado, possuía formação religiosa, grande conhecimento da cultura clássica, dotado de um racionalismo firme. Foi um empenhado viajante, não apenas dentro do seu país, tendo percorrido países que estavam plenamente envolvidos com o movimento da Ilustração como Itália, França e Inglaterra. Quando recebeu a incumbência oficial de realizar suas viagens pelo território espanhol suas intenções foram claras e objetivas. Primeiro se dedicaria a conhecer a realidade e o estado em que se encontravam as belas artes na Espanha e depois a examinar e estudar a situação econômica do país, esses dois eixos principais, as belas artes e a economia, trouxeram consigo uma multiplicidade de outros temas que foram sendo abordados e descritos pelo autor. Ponz pertence ao período em que a Ilustração pode ser vista como um momento em que os indivíduos eram conscientes do valor da razão e do progresso.

Segundo Delgado (2008), Antonio Ponz conduziu a escrita da obra por caminhos planejados e definidos, delimitou de maneira precisa tudo aquilo que ele queria escrever e ignorar, e que os conteúdos presentes em seus relatos apesar de serem diferentes responderam

sempre a um único objetivo, que foi o progresso do país. Nossas reflexões no decorrer deste trabalho nos levaram a entender o autor Antonio Ponz como um produto do século ilustrado espanhol e perceber os motivos pelos quais a obra *Viage de España* (1772-1794) alcançou seu apogeu no século XVIII, tendo sido lida por outros autores contemporâneos a Ponz, espanhóis e estrangeiros, servido como guia de viagem para viajantes.

A obra em questão é o resultado de um pedido real, pois, no ano de 1771 o conde de Campomanes, funcionário do governo de Carlos III fez o encargo para que o valenciano percorresse os colégios dos jesuítas para fazer um inventário das obras de arte. Porém a curiosidade de Ponz e o desejo de ajudar seu país, o fez ir além e escrever descrições sobre uma multiplicidade de temas importantes que podiam colaborar à reforma ilustrada, sendo assim, escreveu sobre: cidades, instituições, antiguidades, costumes, indústria, agricultura, problemas sociais e políticos. Ao mesmo tempo que realizou o pedido de Campomanes, proporcionou notícias valiosas sobre os aspectos da realidade espanhola considerados relevantes dentro do plano da reforma ilustrada.

Pensando na *Viage de España* (1772-1794) como um instrumento da reforma, constatamos que os escritos de Ponz cumprem as funções de coletar dados necessários para que os representantes políticos pudessem elaborar os projetos reformistas e apontar as transformações pertinentes colaborando e difundindo as “luzes” no projeto educativo que servisse para impulsionar o desenvolvimento do país. A falta de conhecimento da realidade do país era um impedimento grave para que o governo pudesse elaborar as políticas e projetos reformistas, por esse motivo os escritos de Ponz foram considerados tão importantes, pois, revelavam uma quantidade de dados precisos e críticos sobre os mais variados aspectos do país espanhol. O autor não se limita ao descritivo, vai dando informações pertinentes que serviriam para transformar a realidade presente. As ideias de Ponz e suas descrições revelam uma série de características do pensamento ilustrado, quando descreve a realidade aponta os aspectos negativos e complementa suas reflexões dando sugestões de soluções úteis. Encontramos um autor que expõe sua rejeição ao passado, pois, acredita que o passado não poderá contribuir muito para a reorganização do país.

Além dos relatos de Ponz também nos dedicamos a analisar os escritos de viajantes estrangeiros, britânicos, franceses e alemães que passaram pelo território espanhol e deixaram suas impressões registradas em forma de relatos, esses textos nos ajudaram a compreender melhor o olhar do viajante estrangeiro em relação a Espanha, comparando cada detalhe e região. Com isso, constatamos e apontamos alguns dos aspectos que converteram o viajante do século XVIII em um observador capaz de transmitir dados úteis.

Muitos foram os temas abordados na *Viage de España* (1772-1794), no que diz respeito ao setor religioso as ideias de reformismo do autor aparecem quando propõe uma redefinição do papel da igreja, que deveria consistir em um apoio ao progresso da nação, principalmente, pensando na realização de obras úteis, também informa sobre a necessidade de construir um trabalho educativo e social. Percebemos que apesar das referências artísticas aparecerem várias vezes na narrativa, os problemas econômicos são de grande interesse do autor, que oferece uma interpretação econômica da decadência espanhola, que segundo Ponz seguia sendo evidente em algumas regiões. O setor agrário que é considerado por Ponz a base da riqueza do Estado, é analisado detalhadamente, todas as propostas e medidas relacionam-se e apresentam uma dimensão social, econômica e educativa, pilares da obra de Ponz e sua proposta. Dentro desses temas destaca-se o assunto das plantações de árvores que aparece como um dos pontos principais da obra, o autor dedica vários tomos para tratar da necessidade e das vantagens das árvores para a agricultura, indústria, construção e etc. Insiste em várias ocasiões e com pertinentes fundamentos na necessidade imediata da plantação de árvores, temática que aparece do começo até o final da narrativa.

Encontramos descrições sobre as paisagens em que o autor aponta regiões abandonadas e diz que em outros tempos foram abundantes e ricas, lamenta-se a cada momento da situação presente em que se encontram, descrevendo a situação como uma verdadeira calamidade, assustado ao encontrar terras desertas e pouco povoadas. Analisa também os problemas de infraestrutura e aponta as diferenças entre o desenvolvimento de cada região. Constatamos que suas considerações sobre as questões florestais integram aspectos econômicos, sociais e ecológicos, que seus argumentos a favor da plantação de árvores, suas sugestões e ideias podem ser consideradas modernas até hoje. Ponz realiza uma autêntica defesa a natureza, considerada por ele um dos principais recursos do país.

Em relação à atividade econômica constatamos vários trechos no qual Ponz ressalta a importância da renovação e do investimento nas infraestruturas, sugerindo que tal feito poderia melhorar o turismo e conseqüentemente a atividade econômica. Descreve as situações das pousadas e dos lugares para descanso como precárias e os meios de transporte ineficazes, lentos e até mesmo perigosos. Sendo assim, o autor propõe uma reforma nesse setor, indicando que seria necessário investir em estradas, pousadas, meios de transportes rápidos e seguros, o que aumentaria as viagens e até mesmo o interesse dos estrangeiros em percorrer as terras espanholas. Escreve em várias ocasiões lamentando-se da situação que se encontram as indústrias e o comércio, também encontramos demonstrações de sua preocupação com a questão humana ao analisar a situação dos homens e mulheres de algumas regiões e propor

melhores condições de vida para os trabalhadores, nada escapa ao olhar do viajante valenciano que foi atento a tudo.

Ponz dedica um grande número de páginas à questão das políticas das obras públicas, sociais e urbanísticas, assunto de grande interesse para ele e de grande importância para o avanço do país. Ao mesmo tempo que escreve elogios ao rei Carlos III e seus ministros sobre as benfeitorias realizadas, aponta críticas em relação a nobreza que considera em algumas ocasiões improdutiva e que parece não estar engajada ao projeto de progresso da nação. É visível nas palavras de Ponz encontrarmos demonstrações de fé e otimismo no reformismo ilustrado, em contrapartida, a cada momento estão presentes as críticas diante da ineficiência que impera. O autor aponta os caminhos para as mudanças necessárias em direção ao progresso, afirma que as mudanças são lentas, mas que precisam ser introduzidas, também não deixa de expor o fracasso parcial da utopia ilustrada. Verificamos que Ponz identifica-se com uma política autoritária, baseada nos princípios do despotismo ilustrado, acreditando ser uma das formas de conseguir colocar em práticas algumas medidas para assim conseguir alcançar os objetivos propostos.

Outro dos temas de grande relevância na obra foi a questão educativa, acreditando que a educação poderia transformar as estruturas mentais do país, foi considerada como um dos principais elementos da reforma e que deveria alcançar a toda à população para que todos pudessem ser úteis à nação. Descreve a situação dos agricultores, considerada por ele a classe mais produtiva, também toca em alguns pontos relativos às reformas educativas nos setores universitários.

Constatamos em nossa análise que o autor quando se refere às questões artísticas faz críticas ao Barroco e defende os princípios neoclássicos, pois, sua postura está baseada nas concepções ilustradas e acompanha os pensamentos políticos em relação a matéria artística da Espanha da época. Estão presentes nos relatos e descrições de Ponz o conceito de bom gosto e a razão ilustrada, no que diz respeito às perspectivas estéticas e ideológicas, por isso aparecem em tantas ocasiões a rejeição ao estilo Barroco. Quando descreve, por exemplo, a quantidade e acumulação de ouro nas igrejas e nas ornamentações, associa o estilo a decadência e ao atraso e sugere que a reforma desse setor depende das implicações sociopolíticas. Também aparecem na obra suas impressões em relação à arquitetura, pintura, escultura e etc.

Concluimos que a obra de Antonio Ponz oferece minuciosas descrições e orientações sobre os problemas do seu tempo e reflete a preocupação do autor em apontar o que poderia ser melhorado, configurando-se como um dos manifestos mais significativos da literatura ilustrada espanhola. Que há em vários trechos a presença dos ideais ilustrados da época quando aponta

as causas da decadência, sugere e dá instruções, o que indica que a obra oferece os planejamentos do autor para contribuir à reforma e que pode ser vista como um instrumento e motor da reforma borbônica. Estudar e ler a obra de Ponz permite entender e discutir a relevância do Século das Luzes para a história.

Cabe ainda dizer, que analisar as pretensões do escritor valenciano nos levaram a entender muitos aspectos relativos ao século XVIII, enxergando Ponz como um cidadão envolvido com o movimento da Ilustração e como um exemplo e produto do século ilustrado. Nessa época uma característica comum foi viajar com a pretensão de escrever o relato, isso não quer dizer que todos os viajantes destinaram suas viagens a este tipo de literatura, mas houve um grande número que o fizeram e destaca-se a intenção de escrever o livro como destino final ou produto final da viagem.

O Grand Tour, fenômeno que abarcou grande parte do século, teve sua etapa final praticamente quando o século XVIII estava acabando, principalmente, por conta da Revolução Francesa e das guerras de Napoleão, já no século XIX teremos uma nova concepção da viagem e existem uma infinidade de assuntos que foram propostos por Ponz que seguiram sendo interessantes e serviram para contrastar e pensar nos acontecimentos que estavam ocorrendo na Europa e em especial na Espanha. Como exemplo podemos relacionar o escritor Antonio Ponz, a Espanha e o século XVIII com o âmbito do mundo do livro nesse período, pensar na questão da política editorial ilustrada, assunto que traria um leque de aspectos a serem investigados, como por exemplo: as técnicas de produção editorial, as trajetórias de editores e editoras, a editora Real ou a de Joaquín Ibarra, esta última responsável pelas sucessivas edições e reedições da *Viage de España (1772-1794)*, os editores de panfletos, os livros que apareciam anonimamente.

Também pode-se analisar a materialidade do objeto livro, que incluiria papéis, ilustrações, encadernações, capas, compra e venda, preços, publicidade, mercado, comércio internacional e nacional, presença do livro espanhol no mercado internacional e vice versa, forma de distribuição, ou simplesmente relacionar todos esses aspectos com os hábitos de leitura da época, com os gêneros literários, com o gosto neoclássico, o colecionismo, o gênero e tipo dos leitores, o papel das mulheres autoras, editoras e leitoras e até mesmo a pensar na questão da censura, sem esquecer os processos atravessados pelas obras para converter-se em livro. Vale a pena ressaltar que o livro atua como um difusor das novas ideias, das estéticas e do conhecimento e que o escritor Antonio Ponz atuou como um viajante da Ilustração que viajou para ver, aprender e mostrar o seu país ao mundo, sua obra é uma janela para conhecer a Espanha em um momento decisivo da sua história.

REFERÊNCIAS

- AGUIRREZÁBAL, Mercedes Comellas. Viajes y aprendizaje. Del Gran Tour Dieciochesco al viaje romántico. *In*: DOMÍNGUEZ, Eloy Navarro (ed.). **Imagen del mundo**: seis estudios sobre literatura de viajes. Huelva: Universidad de Huelva, 2014.
- ALBALADEJO, Pablo Fernández. A propósito de la guerra de sucesión de España (1700–1714) de Joaquim Albareda Salvadó. **Espacio, tiempo y forma**: serie IV historia moderna, nº 27, p. 355-367, 2014. ISSN 0214-9745 · e-issn 2340-1400 UNED.
- ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luis. El relato de viajes: Hitos y formas en la evolución del género. **Revista de Literatura**, Madrid, enero-junio, vol. LXXIII, nº 145, 14-34, 2011.
- ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luis. Literatura de viajes y el siglo XVIII Español: Repaso y sistematización. **Miríada Hispánica**, Madrid, p. 37-68, 2014.
- BAS CARBONEL, Manuel. Viajeros valencianos por el siglo XVIII. p. 11-28. Placer e instrucción. 2019. **Valencia**: Real Sociedad Económica de Amigos del País de Valencia, Universidad de Alicante, 2008.
- BLASCO, Selina Castiñeyra. El Viaje de España de don Antonio Ponz: Compendio de las alteraciones introducidas por el autor en todas las ediciones de su obra. **Anales de Historia del Arte**, Madrid, nº 2, p. 223-304, 1990.
- BOLUFER, Mónica Peruga. Visiones de Europa en el siglo de las Luces: El viaje fuera de España (1985) de Antonio Ponz. **Revista de Historia Moderna**, nº 28, p. 167-204, 2002.
- BOLUFER, Mónica Peruga. “Conocimiento” o “Desengaño”? El viaje europeo de **Antonio Ponz (1785)**. Valencia: Universidad de Alicante Real Sociedad económica de Amigos del País de Valencia, 2007.
- BORNHEIM, Gerd A. Introdução à leitura de Winckelmann. *In*: WINCKLEMANN, J.J. **Reflexões sobre a arte antiga**. Porto Alegre: Movimento, 1975. p. 145-161.
- BRAVO, Álvaro Fernández. Los relatos de viaje en América Latina. **Explora | Ciencias Sociales**, Buenos Aires: Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología, 2007.
- CHIARAMONTE, José Carlos. **Pensamiento de la ilustración. Economía y sociedad iberoamericanas en el siglo XVIII**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977.
- COMUNICACIÓN UNED. **La mirada ilustrada al mundo**: viajes y viajeros en el Siglo de las Luces. 21 jul. 2017. Disponible em: <https://blogs.uned.es/sindistancia/la-mirada-ilustrada-al-mundo-viajes-y-viajeros-en-el-siglo-de-las-luces/>. Acesso em: 20 set. 2021.
- CORDIVIOLA, Alfredo. **O império dos antagonismos**: escrita e imagem no caso da dominação espanhola na América. Recife: PPGL - Editora Universitária UFPE, 2010a.
- CORDIVIOLA, Alfredo. Polemizando sobre a decadência: confrontos na Espanha borbônica. **Revista Investigações**, Recife, v. 23, janeiro/2010b.

- DELGADO, Daniel Crespo. El paisaje del progreso: las obras públicas en el Viaje de España de Antonio Ponz. 1ª ed. Valencia: Conselleria d'Infraestructura i Transport, 2008.
- DELGADO, Daniel Crespo. Un Viaje para la Ilustración. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, 2012.
- DELGADO, Daniel Crespo. Escribir la historia de la arquitectura en la España de las luces. Fundación Juanelo Turriano. Ediciones Universidad de Salamanca. Cuadernos dieciochescos, 17. P. 115-147. 2016.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. *In: LANDER, Edgardo (coord.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas.*** Buenos Aires: Clacso, 2000.
- GARCÍA DIAZ, Noelia. La recepción de las Lettere d'un vago italiano ad un amico de Noberto Caimo. **Instituto Feijoo de Estudios del Siglo XVIII.** Universidad de Oviedo. CES.XVIII, núm.19, p. 143-182, 2009.
- GARCÍA, Manzano Maribel. Revisión de las noticias sobre libros, imprentas, bibliotecas y archivos, dadas por Antonio Ponz en su obra: Viage de España. **Papeles Salamantinos de Educación. N.1.** Facultad de Pedagogía, Universidad de Salamanca. 2002.
- GOETHE, Wolfgang. **Viagem à Itália.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GONZÁLEZ-RIVERA, Juliana. **La invención del viaje.** Madrid: Alianza Editorial, 2019.
- GOROSTIZA, José Luis Ramos. **La economía en el viaje de España de Antonio Ponz: Contexto de ideas y contrastes con la mirada extranjera.** Revista Bibliográfica de geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona, Vol. XVII, nº 981, 25 de junio de 2012.
- GUERRERO, Ana Clara. **Viajeros británicos en la España del siglo XVIII.** Madrid: Aguilar, 1990.
- GUERRERO, Juan Luis. La consciencia histórica en el siglo XVIII. **Páginas de Filosofía,** año XIX, nº 22, enero-diciembre, p. 110-147, 2018.
- HAZAR, Paul. **La crisis de la conciencia europea.** Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- LYNCH, John. **El siglo de las reformas: La Ilustración.** Madrid: Diario El País, 2007.
- LYNCH, John. **España bajo los Austria.** Vol.2: España y América (1598-1700). Barcelona; Península, 1975, p. 108.
- LYNN, John A. **Rivalidad Internacional y guerra.** *In: BLANNING, Timothy (editor). El Siglo XVIII: Historia de Europa de Oxford.* Barcelona: Crítica, 2002, p. 188-228.

LLOMBART, Vicent Rosa. **Sobre los Orígenes de los proyectos agrarios en la España de la segunda mitad del siglo XVIII, Ley Agraria y Sociedades de Agricultura.** La idea inicial de Campomanes, Información comercial española, nº 152, 1976, pp. 57-74.

MACIÁ, Mateo. Corrientes documentales del siglo XVIII: el Viaje de España, de Antonio Ponz. **Documentación de Ciencias de la Información**, nº 13, p. 149-182, 1990.

MARTÍN, Nicolás Bas. Los repertorios de los libros de viajes como fuente documental. **Anales de documentación**, nº 10, p. 9-16, 2007.

MEINECKE, Uzcanga Francisco. Estudio sobre literatura de viajes (1995-2005). Revista Iberoamericana VI, N. 23, p. 203-220. 2006.

MOYA, Antonio M. Estudios turísticos. **Universidad Complutense de Madrid**, nº 83, p. 31-43, 1984.

OLLER, Costa Frances. **Los viajeros por los caminos reales de España.** Mataró, 2019. Libro digital. https://archive.org/details/@francesc_costa Acceso: em 24 de dezembro de 2022.

ORTAS DURAND, Esther. **Viajeros ante el paisaje aragonés (1759-1850).** Institución Fernando el católico, 1999. Zaragoza. 400p. 1999.

PASCUAL, Emilio Soler; MARTÍN, Nicolás Bas (coords.). **Placer e instrucción: viajeros valencianos por el siglo XVIII.** Valencia: Real Sociedad Económica de Amigos del País de Valencia, Universidad de Alicante, 2008.

PÉREZ, V.M.O. Gaspar Melchor de Jovellanos, Pedagogo Ilustrado. *Holos*, 36(7), p. 1-7, 2020.

PÉREZ, Enrique San Miguel. **La instauración de la Monarquía Borbónica en España.** Madrid: Comunidad de Madrid Consejería de Educación, 2001.

PONZ, Antonio. **Viage de España, en la que noticias de las cosas pero apreciables, y digno de saber, que hay en ella.** 18 vols. Madrid: Joaquín Ibarra, 1772-1794.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, Eurocentrismo y América Latina. In: LANGDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 1993. p.122-151.

RIBBANS, Geoffrey W. Antonio Ponz y los viajeros extranjeros de su tiempo. **Revista Valenciana de Filosofía** V, p.63-89, 1955-1958.

SANCHIS, Antonio Mestre. La carta, fuente de conocimiento histórico. **Revista de Historia Moderna**, Valencia, nº 18, p.13-26, 2000.

SANZ, Amable Fernández. La Ilustración española: entre el reformismo y la utopía. **Anales del Seminario de Historia de la Filosofía**, 10, 57-71. Editorial Complutense: Madrid, 1993.

SERNA, Gaspar Gómez de la. **Los viajeros de la Ilustración.** Madrid: Alianza Editorial, 1974.

SOTO ROLAND, Fernando Jorge. Viajeros Ilustrados. El Grand Tour, El Siglo XVIII y El Mundo Catalogado. Buenos Aires, 2017. www.monografias.com Acceso em: 24 de janeiro de 2021.

TOBAR, Leonardo Romero. **Los libros de viaje**: realidad vivida y género literario. Madrid: Akal, 2005. p. 129-150.

TOVAR, Joaquín Rubio; GIRVÉS, Margarita Vallejo; ESPELOSÍN, Javier Gómez (eds.). **Viajes y visiones del mundo**. Madrid-Málaga: Ediciones Clásicas & Canales7, 2008. p. 259-320.

TWISS, Richard. **Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773**. London: Hasenbooks, 2017.

ÚBEDA, Andrés de los Cobos. **Pensamiento artístico español del siglo XVIII. De Antonio Palomino a Francisco de Goya**. Madrid, 2001.

VALDEÓN, Julio. **Castilla y león en el siglo XVIII a través de los viajes de Antonio Ponz**. Valladolid: Ambito Ediciones, 1987.

VALERA, Gregorio Villegas. Simón Bolívar: viajes de formación y bildung. **Revista de Pedagogía**, Caracas, v. 34, n. 34, p. 189-213, ene. /jun. 2013. Disponível em: http://saber.ucv.ve/ojs/index.php/rev_ped/article/view/8108. Acceso em: 20 set. 2021.

VÁSQUEZ PIÑEROS, M. R. Ilustración católica y argumentos político-teológicos en la independencia de la Nueva Granada. **Hispania Sacra**, 71, 143: 345-355, 2019.